



**UNIVERSIDADE SALVADOR – UNIFACS**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM**  
**DESENVOLVIMENTO REGIONAL E URBANO**  
**DOUTORADO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL E URBANO**

**KAREN MICHELLY MORAES E SASAKI**

**IDENTIDADE DE LUGAR**  
**DE MORADORES DE PORTO DE SAUÍPE-BA**  
**EM FACE DA INTERVENÇÃO TURÍSTICA**  
**NA SUBJETIVIDADE SOCIAL**

Salvador  
2009

**KAREN MICHELLY MORAES E SASAKI**

**IDENTIDADE DE LUGAR  
DE MORADORES DE PORTO DE SAUÍPE-BA  
EM FACE DA INTERVENÇÃO TURÍSTICA  
NA SUBJETIVIDADE SOCIAL**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Desenvolvimento Regional e Urbano da Universidade Salvador – UNIFACS, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Regina Celeste de Almeida Souza.

Salvador  
2009

FICHA CATALOGRÁFICA

(Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da Universidade Salvador - UNIFACS).

Sasaki, Karen Michelly Moraes e.

Identidade de lugar de moradores de Porto Saúipe-BA em face da intervenção turística na subjetividade social/Karen Michelly Moraes e Sasaki - 2009.

217 f.

Tese (doutorado) - Universidade Salvador – UNIFACS. Doutorado em Desenvolvimento Regional e Urbano, 2009.

Orientadora: Profa. Dra. Regina Celeste de Almeida Souza.

1. Identidade de lugar 2. Subjetividade social 4. Atividade turística – Litoral Norte-Ba 5. Desenvolvimento Regional I. Souza, Regina Celeste de Almeida, orient. II. Título

CDD: 338.9

*Autorizo a reprodução parcial ou total dessa tese para fins educacionais, desde que seja citada a fonte.*

© Karen Sasaki

## TERMO DE APROVAÇÃO

KAREN MICHELLY MORAES E SASAKI

### IDENTIDADE DE LUGAR DE MORADORES DE PORTO DE SAUÍPE-BA EM FACE DA INTERVENÇÃO TURÍSTICA NA SUBJETIVIDADE SOCIAL

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Desenvolvimento Regional e Urbano da Universidade Salvador – UNIFACS, pela seguinte banca examinadora:

Regina Celeste de Almeida Souza – Orientadora \_\_\_\_\_  
Doutora em Geografia, Universidade de Rouen, França  
Universidade Salvador – UNIFACS

Alba Regina Neves Ramos \_\_\_\_\_  
Doutora em Sociologia, Universidade de Paris III  
Universidade Salvador – UNIFACS

Edivaldo Machado Boaventura \_\_\_\_\_  
Doutor em Administração Educacional, Universidade do Estado da Pennsylvania  
Universidade Salvador – UNIFACS

Francisca de Paula Santos Silva \_\_\_\_\_  
Doutora em Educação, Universidade Federal da Bahia  
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Maribel Oliveira Barreto \_\_\_\_\_  
Doutora em Educação, Universidade Federal da Bahia  
Fundação Visconde de Cairu - FVC

Neyde Maria Santos Gonçalves \_\_\_\_\_  
Doutora em Geografia, Universidade de São Paulo  
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Salvador de 2009

A

*Tio Jair,*

meu mentor espiritual,

e

*Profa. Regina,*

minha mentora intelectual.

## AGRADECIMENTOS

Apreendi que *a gratidão é a memória da alma* e, neste momento, importa registrar meus sinceros agradecimentos aos meus guias, mentores e protetores espirituais pela condução da minha vida; à mãe, mestra e serva Natureza; e aos amigos que proporcionaram a oportunidade da busca pela compreensão do enigma das relações humanas.

Agradeço à minha família baiana e cuiabana pela paciência e credibilidade que sempre deram aos meus estudos. Obrigada: *mamãe*, pela força e exemplo de determinação; *vovó*, pelo carinho; irmãs *Keiko* e *Karlla*, pelas brigas e reconciliações afetuosas; e ao *Dan*, pelo exemplo de persistência e flexibilidade.

Agradeço especialmente às amigas a *Lívia Fonseca*, pela inestimável e incomparável ajuda na transcrição das inúmeras horas de entrevistas, muitas delas com o áudio comprometido pelos ventos das praias onde eram realizados os encontros com os sujeitos; a *Ana Paula* e *Bárbara Amorim*, pela companhia durante algumas viagens para Porto de Saúpe, pelo cuidado na leitura e preciosa revisão dos textos desta tese. Além disso, obrigada por serem pessoas especiais na minha vida.

Sou eternamente grata à *Profa. Regina*, minha orientadora que me acolheu na graduação até o doutorado e conseguiu me ensinar que a energia da minha juventude poderia ser direcionada para a força de realização de projetos profissionais e acadêmicos. Cuidadosamente, ela guiou meus estudos, minha interpretação da realidade e minha forma de amar a leitura do mundo por lentes da metodologia qualitativa.

Agradeço também à *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES* pela concessão da bolsa de estudos, fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa e término dentro do prazo.

Muito obrigada!

Karen Sasaki

*Identity involves consciousness, knowing and acting.*  
Hague (2004)

## **RESUMO**

A presente tese se propôs a pesquisar como está configurada a identidade de lugar de moradores residentes em Porto de Sauípe em face da intervenção da atividade turística na região. Diferentes teóricos da área de ciências humanas e sociais foram referenciados para substanciar a argumentação teórica. Foi utilizada a metodologia qualitativa, pautada nos princípios da Teoria da Subjetividade. Para geração de informações foram realizadas entrevistas abertas com moradores locais, foram aplicados complementos de frases, bem como foi solicitada a expressão da subjetividade através do desenho de mapas mentais. Foram realizadas visitas à Porto de Sauípe durante um período de seis meses consecutivos para aplicação dos instrumentos. A partir da pesquisa de campo foi possível constatar que a identidade de lugar dos moradores está pautada em cinco configurações subjetivas que foram didaticamente divididas em: 1) forte relação afetiva com o lugar e moradores; 2) sentimento de abandono político; 3) envolvimento com a dimensão turística; 4) sentimento de estranhamento social; e 5) consciência no cuidado e interação com o meio ambiente. Cada configuração subjetiva aponta as necessidades individuais e sociais da comunidade de Porto de Sauípe, bem como sinaliza a necessidade de reversão dos impactos socioambientais negativos apontados pelos moradores, desde que exista uma efetiva participação da comunidade e do poder público em ações de gestão, planejamento e desenvolvimento regional.

**Palavras-chave:** Identidade. Subjetividade. Desenvolvimento turístico. Litoral Norte da Bahia.



## **ABSTRACT**

The present thesis intended to investigate how the identity of place from Porto de Sauipe inhabitants is configured since the intervention of the tourism activity in this area. Some theorists of human and social sciences were invited to support the theory argumentation. The methodological path used was the qualitative methodology, based on the Subjectivity Theory principles. To engender information, there had been open interviews with local residents; there were applied phrases complements, as well as it was required the subjectivity expression throughout mental maps draws. There had been visits to Porto de Sauipe during a six months period uninterruptedly in order to put the instruments into practice. From the field research on, it was possible to testify that the inhabitants' identity of place is based on five subjective configurations that were didactically divided into: 1) strong affective relation with the place and inhabitants; 2) political disregard feeling; 3) involvement with touristy dimension; 4) social weirdness feeling; and 5) consciousness about environment care and interaction. Each subjective configuration points out the individual and social needs of the community from Porto de Sauipe, as well as it indicates the need of negative social and environmental impacts reversion showed by residents, since it has an effective participation of the community and the public force on administration, planning and regional development actions.

**Keywords:** Identity. Subjectivity. Tourism development. North Coast of Bahia.

## RÉSUMÉ

Le propos de cette thèse est d'analyser la configuration de l'identité de lieu des habitants qui résident à Porto de Saúipe, suite à l'intervention de l'activité touristique dans la région. Plusieurs théoriciens du domaine des sciences sociales et humaines ont été invités à consolider l'argumentation théorique. L'approche méthodologique adoptée a été celle de la méthodologie qualitative fondée sur les principes de la Théorie de la Subjectivité. Pour l'obtention des informations, des questionnaires ouverts ont été réalisés auprès des habitants de la localité, à qui ont également demandé de compléter des phrases et d'exprimer leur subjectivité en dessinant des cartes mentales. Afin d'appliquer ces instruments, des visites à Porto de Saúipe ont été réalisées sur une période de six mois consécutifs. La recherche sur le terrain a permis de constater que l'identité de lieu des habitants repose sur cinq configurations subjectives découpées à des fins didactiques de la manière suivante : 1) il existe un lien affectif solide entre le lieu et ses habitants; 2) les habitants ont un sentiment d'abandon politique; 3) les habitants se sentent concernés par la dimension touristique; 4) les habitants ont un sentiment d'éloignement social; et 5) les habitants sont conscients du soin et de l'interaction qu'ils ont avec l'environnement. Chaque configuration subjective montre les besoins individuels et sociaux de la communauté de Porto de Saúipe et indique aussi la nécessité d'inverser les impacts sociaux environnementaux négatifs soulevés par les habitants, mais une participation effective de la communauté et des pouvoirs publics doit exister au niveau des actions de gestion, de planification et de développement régional.

**Mots-clés:** Identité. Subjectivité. Développement touristique. Littoral Nord de Bahia.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Tipos de relação entre espaço e tempo para construção do senso de lugar, a partir das considerações de Tuan (1980, 1983) e Relph (1979). .....	64
Figura 2 –	Localização de Porto de Sauípe, no âmbito do município de Entre Rios.....	72
Figura 3 –	Via de acesso à Porto de Sauípe, a partir da BA-099. ....	73
Figura 4 –	Região do sistema rodoviário da BA-099, 2003. ....	74
Figura 5 –	Montagem dos espaços urbanos de Porto de Sauípe.....	75
Figura 6 –	Dados populacionais de Entre Rios por situação de domicílio, no período 1991-2000.....	77
Figura 7 –	Diagrama de dispersão das variáveis: população total e renda per capita, 2000.....	78
Figura 8 –	Requisitos do perfil dos sujeitos partícipes da pesquisa .....	107
Figura 9 –	Mapa mental do sujeito 1 .....	111
Figura 10 –	Mapa mental do sujeito 2. ....	114
Figura 11 –	Mapa mental do sujeito 3. ....	116
Figura 12 –	Mapa mental do sujeito 4. ....	118
Figura 13 –	Mapa mental do sujeito 5 .....	120
Figura 14 –	Mapa mental do sujeito 6. ....	122
Figura 15 –	Síntese das configurações subjetivas identificadas nos sujeitos partícipes da pesquisa.....	128
Figura 16 –	Vista aérea do núcleo urbano de Porto de Sauípe. ....	130
Figura 17 –	Vista aérea de Sauípe (1) e Nova Sauípe (2). Perspectiva oceano – parte terrestre. ....	131
Figura 18 –	Vista aérea de Sauípe (1) e Nova Sauípe (2). Perspectiva parte terrestre - oceano. ....	131
Figura 19 –	Pousada transformada em alojamento, à beira da praia. ....	137
Figura 20 –	Restaurante transformado em refeitório, à beira da praia. ....	137
Figura 21 –	Construção à beira da praia com uniformes de trabalhadores da construção civil estendidos. ....	138

Figura 22 – Praias da orla marítima da “velha” Sauípe.....	152
Figura 23 – Praias da orla marítima da “velha” Sauípe.....	153
Figura 24 – Imagens do trecho do Rio Sauípe que circunda a zona urbana.....	153
Figura 25 – Imagem do manguezal no trecho que circunda a zona urbana.....	153
Figura 26 – Foz do Rio Sauípe com o Oceano Atlântico, também chamada de Praia da Barra.....	155
Figura 27 – Barracas da Praia da Barra. ....	156

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Características gerais do Sujeito 1.....	109
Quadro 2 – Características gerais do Sujeito 2.....	111
Quadro 3 – Características gerais do Sujeito 3.....	115
Quadro 4 – Características gerais do Sujeito 4.....	117
Quadro 5 – Características gerais do Sujeito 5.....	119
Quadro 6 – Características gerais do Sujeito 6.....	121
Quadro 7 – Características gerais do Sujeito 7.....	123

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>2</b>	<b>GLOBALIZAÇÃO, IDENTIDADE E TURISMO: REFLEXÕES E CONEXÕES TEÓRICAS .....</b>	<b>26</b>
2.1	GLOBALIZAÇÃO E IDENTIDADE .....	26
2.2	DA IDENTIDADE PESSOAL À IDENTIDADE DE LUGAR.....	38
<b>3</b>	<b>A CONTRIBUIÇÃO DA GEOGRAFIA HUMANÍSTICA PARA A COMPREENSÃO DO CONCEITO DE LUGAR .....</b>	<b>53</b>
3.1	LUGAR: DIÁLOGOS ENTRE OS CLÁSSICOS DA GEOGRAFIA HUMANÍSTICA .....	54
<b>4</b>	<b>O LUGAR EM ANÁLISE: CARACTERIZAÇÃO REGIONAL .....</b>	<b>69</b>
4.1	CARACTERIZAÇÃO SOCIOGEOGRÁFICA .....	69
4.2	CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA .....	77
4.3	CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA .....	80
<b>5</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>89</b>
5.1	EPISTEMOLOGIA QUALITATIVA: PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS .....	89
<b>5.1.1</b>	<b>A pesquisa qualitativa e a epistemologia qualitativa .....</b>	<b>93</b>
5.2	PROCESSO DE GERAÇÃO E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES: DA FORMA AOS INSTRUMENTOS.....	95
<b>5.2.1</b>	<b>Instrumentos e procedimentos de geração de informações.....</b>	<b>96</b>
5.3	CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS .....	105
<b>5.3.1</b>	<b>Sujeito 1 .....</b>	<b>109</b>
<b>5.3.2</b>	<b>Sujeito 2 .....</b>	<b>111</b>
<b>5.3.3</b>	<b>Sujeito 3 .....</b>	<b>115</b>
<b>5.3.4</b>	<b>Sujeito 4 .....</b>	<b>117</b>
<b>5.3.5</b>	<b>Sujeito 5 .....</b>	<b>119</b>
<b>5.3.6</b>	<b>Sujeito 6 .....</b>	<b>121</b>

<b>5.3.7</b>	<b>Sujeito 7 .....</b>	<b>123</b>
<b>6</b>	<b>DISCUSSÃO E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES .....</b>	<b>125</b>
6.1	A EXPRESSÃO DA SUBJETIVIDADE DOS SUJEITOS DE PESQUISA E A CONFIGURAÇÃO DA IDENTIDADE DE LUGAR .....	125
6.1.1	Forte relação afetiva com o lugar e com seus moradores .....	128
6.1.2	Sentimento de abandono político .....	135
6.1.3	Envolvimento com a dimensão turística .....	142
6.1.4	Sentimento de estranhamento social .....	148
6.1.5	Consciência no cuidado e interação com o meio ambiente .....	151
<b>7</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>158</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>167</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os estudos turísticos no Brasil têm se consolidado a cada ano e novas publicações e pesquisas têm marcado esse crescimento. Dentre os autores que se destacam têm-se Barretto (2000, 2003, 2005, 2006), Beni (2003, 2006, 2007) Boullón (2002), Apostolopoulos (2002), Bahl (2005), Dehoorne (2004), Oliveira (2005), Sigala e Leslie (2005), Trigo (2005) e Wilks (2006). Esses estudos englobam quatro pilares fundamentais de discussão e análise: a) o turista; b) a relação entre os turistas e a comunidade local receptora; c) a estrutura e o funcionamento do sistema turístico; e d) as conseqüências do turismo.

As análises recentes sobre o turismo brasileiro retratam o seu poder de integração do global ao local, numa simbiose que permite afirmar que o turismo tornou-se uma atividade global e local, simultaneamente, que impõe novos desafios socioambientais a serem superados (SASAKI, 2005; SALAZAR 2005; RODRIGUES, 1999, 2002a, 2002b; RUSCHMANN, 2001).

O “turismo global” é um processo em constante expansão que afeta negativamente muitas comunidades tradicionais, ambientes naturais, economias locais, ao passo que também favorece positivamente muitas atividades e grupos sociais. Apresenta-se sob multidimensões, através de ondas cíclicas de destruição e construção de identidades culturais, estruturas econômicas, dimensionamento espacial e histórias locais e nacionais. Afinal, não é possível negar que o turismo, local ou global, afeta economias do mundo inteiro, desde as comunidades mais afastadas dos centros urbanos, até as metrópoles citadinas de maior expressividade comercial ou de serviços.

Não é objetivo desta pesquisa pensar o turismo como simples articulador de múltiplas dimensões (econômica, cultural, social, ambiental e espacial), mas, sobretudo, constatar que ele, em todas as suas dimensões, vem experimentando movimentos de ruptura e reconstrução, especialmente no decorrer das últimas décadas.



Por vocação temática desta pesquisa e, principalmente, por concordar com a importância atribuída aos estudos turísticos, valorização cultural e desenvolvimento local e regional, esta tese foi direcionada para a linha de pesquisa “Circuitos Internacionais e Locais do Turismo”, inscrita na área de concentração “Turismo e Desenvolvimento”, do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano da Universidade Salvador - UNIFACS.

Com foco na continuidade dos estudos desenvolvidos sobre o litoral norte durante as atividades de iniciação científica do curso de Ciências Sociais (1999-2002), bem como do curso de mestrado em Análise Regional (2003-2005), esta pesquisa se propõe a aprofundar a discussão sobre a configuração da identidade de lugar de moradores de Porto de Saúipe, na atualidade, em face das intervenções turísticas na região, principalmente após a implantação do Complexo Turístico Costa do Saúipe.

A decisão de implantar um complexo hoteleiro da magnitude do Costa do Saúipe fez parte de um conjunto de cenários que pode ser compreendido com a análise sobre a política econômica brasileira e a política de incentivo ao turismo na Bahia.

O contexto macroeconômico brasileiro no período de implantação do Complexo Turístico Costa do Saúipe (1999-2000) refletiu, em 1999, a retração econômica do país com os indicadores da produtividade da indústria em queda, aumento das taxas de desemprego e o processo de desvalorização cambial do real (R\$) frente ao dólar americano (US\$).

Os dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) (2008) indicaram que, no ano 2000, o cenário econômico iniciou um processo de mudança, demonstrando um comportamento mais favorável aos investimentos com a diminuição das turbulências no mercado internacional e a estabilização das taxas de câmbio. Assim, o mercado de capitais estrangeiros conduziu o Brasil à acumulação de um grande volume de reservas cambiais e a política cambial tornou-se o eixo de estabilização da economia brasileira nos anos posteriores (MOTTA, 2003; OLIVEIRA ; TUROLLA, 2003).

Na Bahia, esse cenário foi refletido na receptividade de investimentos dos Governos Estadual e Federal com os recursos do Programa de Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR) numa área de forte potencial natural – o Litoral Norte e o Sul – que se tornou num conseqüente atrativo turístico. Assim, foram alocados investimentos superiores a R\$ 300 milhões para alavancar o turismo baiano que compreendia, inclusive, a implementação do Complexo Turístico Costa do Sauípe, localizado no recém-construído corredor turístico da BA-099 ou Linha Verde, ambos financiados com os mesmos recursos (BNDES, 1999).

O Complexo Turístico Costa do Sauípe ascendeu-se como uma realidade imediata, motivado pela expectativa de desenvolvimento econômico no ano 2000 e os índices apresentados pelo turismo brasileiro, especialmente os resultados baianos, os quais, segundo Saab e Daemon (2001), entre 1991-2000 cresceram 221% no fluxo turístico receptivo.

Dados de Saab e Daemon (2001), apresentam que, em 1991, cerca de 1,9 milhão de turistas visitaram a Bahia, enquanto, em 2000, esse fluxo elevou-se para 4,2 milhões. No mesmo período, o número de visitantes estrangeiros aumentou em 247%, evoluindo de 160 mil para 556 mil turistas.

Na véspera de inauguração do Complexo Hoteleiro, em 1999, os indicadores apresentados por Saab e Daemon (2001), revelaram que a cidade do Salvador foi classificada como o 4º portão brasileiro de entrada para turistas estrangeiros, figurando, entre os principais países emissores, Argentina (21%); Itália, Portugal e EUA (11%); e Alemanha e França (10%).

No entanto, enquanto a política de turismo voltada para a Bahia foi pautada na sua forte identidade cultural, na qual o carnaval, o sincretismo religioso, a culinária, a música e as paisagens naturais eram as alavancas do turismo baiano, a localidade escolhida para a implantação do Complexo Hoteleiro era marcada pela pobreza, pela falta de escolaridade de seus moradores e por atividades econômicas tradicionais (pesca de jangada, agricultura

familiar e artesanato de palha). Sobre essa região, vejam-se os relatórios de Mattedi (2001c) que apresentam detalhadamente a caracterização e diagnóstico socioambiental do Litoral Norte da Bahia.

Ainda assim, a análise do macro-ambiente econômico esperava que os brasileiros fossem viajar menos ao exterior e mais dentro do Brasil. Além disso, pela desvalorização do real (R\$) os estrangeiros iriam ser atraídos pelos destinos brasileiros, em especial o baiano, pelos menores custos de viagens. Afinal, o litoral norte da Bahia estava em franca expansão, com apoio do Governo Estadual para investimento no setor turístico e as paisagens litorâneas eram excelentes atrativos para o turismo de sol e praia.

Com esse cenário estruturado, a potencialidade evidente do turismo baiano e a pouca exploração hoteleira, acreditou-se que era o momento ideal para investimentos no setor hoteleiro voltado para as classes A e B, nacional ou estrangeira.

Nesse contexto, motivados pelas inspirações arquitetônicas dos resorts de Cancun (México), foi inaugurado, no ano 2000, o maior complexo turístico da América Latina com foco no mercado nacional e internacional, principalmente o norte-americano e europeu, com conceitos “*all-inclusive*”<sup>1</sup>, e com as bandeiras das redes Marriot (hotéis Marriot e Renaissance), Accor (Sofitel Suítes e Sofitel Conventions) e Superclubs Breezes.

Além das bandeiras de reputação internacional somou-se ao empreendimento uma infra-estrutura que envolveu 15 restaurantes, 1 campo de golfe com 18 buracos, 15 quadras de tênis, 1 centro eqüestre, 1 centro náutico, e a Vila Nova da Praia com 6 pousadas que resgatam temas da cultura baiana, além das dezenas de lojas, agências de banco e correios.

Lamentavelmente, ainda que com alto investimento na infra-estrutura física do Complexo Hoteleiro, os investidores simplificaram a análise do mercado interno ao considerar que o fator cambial de desvalorização do real (R\$) frente ao dólar (US\$) era

---

<sup>1</sup> *All-inclusive* significa tudo incluso; é um conceito estabelecido pelas redes hoteleiras como o serviço de hospedagem em que as despesas de alimentação são incluídas na taxa da diária.

determinante para o sucesso do empreendimento. Com isso, o turismo doméstico cresceu aquém das expectativas iniciais e as taxas de ocupação dos hotéis pelo turista brasileiro foram muito abaixo do esperado.

Outro equívoco da prospecção de receptivo foi a falta de opções de vôos diretos para Salvador, que com excesso de escalas desmotivou o turista pelo destino. Afinal, resorts concorrentes tinham infra-estrutura equivalente ou superior, com opções mais diversificadas de vôos a custos inferiores. A consequência direta foi a taxa de ocupação por estrangeiros, também, inferior às expectativas.

Somando a esse conjunto de equívocos, destaca-se a importância da comunidade local no cenário socioeconômico, que foi subestimada pela lógica macro-econômica do empreendimento. O Complexo Costa do Sauípe foi implantado numa região de fortes raízes culturais e que atingiu diretamente os distritos de Porto de Sauípe (foco desta pesquisa) e Canoas, no município de Entre Rios; além de Vila Sauípe, Diogo, Areal e Currealinho, no município de Mata de São João.

Neste último aspecto, inicialmente os investidores não conseguiram se integrar com as tradições locais, não atuaram socialmente no sentido de promoção de ações de capacitação profissional de moradores dessas localidades, bem como pela dimensão do empreendimento, ainda impactaram na economia local restringindo o acesso à matéria-prima das atividades de artesanato, fonte primária de renda e subsistência de muitas famílias.

As consequências negativas desse posicionamento foram inevitáveis. O sentimento de invasão social, repulsa do empreendimento pelas comunidades locais, os impactos socioambientais negativos e a sensação de que o Complexo Costa do Sauípe não reflete o “jeito baiano de ser e viver” foi divulgada, causando ao hóspede a sensação de baixo custo-benefício em se hospedar no Complexo.

Partindo desse cenário, esta tese se propôs a sistematizar considerações que buscaram responder ***como está configurada a identidade de lugar de moradores residentes em Porto de Sauípe em face da intervenção da atividade turística na região?***

Como objetivos específicos esta tese pretendeu:

- a) Identificar o respaldo epistemológico que deve ser usado para a busca da interpretação da subjetividade dos sauipeenses
- b) Conhecer de que modo a atividade turística se revela à subjetividade dos moradores.
- c) Compreender qual a relação dos moradores com o lugar “Porto de Sauípe”.
- d) Caracterizar a configuração da identidade de lugar de moradores de Porto de Sauípe considerando o contexto de intervenção turística.

A escolha de Porto de Sauípe como *locus* de estudo desta pesquisa, deu-se pelo histórico de envolvimento acadêmico desta pesquisadora com a área e, principalmente, porque esta localidade está na área de impacto direto do Complexo Turístico Costa do Sauípe. Além disso, também influenciou a opção de escolha desta temática a construção de experiências empíricas sobre o litoral norte da Bahia e as implicações do turismo sobre o tecido social, a esfera econômica e o meio ambiente, a partir do ano 2000, tempo em que as zonas turísticas litorâneas começaram a ser alvo de investigação científica desta pesquisadora, principalmente o município de Entre Rios.

É importante ressaltar que o Complexo Costa do Sauípe situa-se geograficamente, no município de Mata de São João. Porém, como é de praxe das convenções geográficas brasileiras, as divisões intermunicipais dão-se, também, por marcos naturais. Neste caso, o rio Sauípe é o divisor entre os municípios de Mata de São João e Entre Rios.

Porto de Sauípe é distrito<sup>2</sup> do município de Entre Rios, banhado pelo Oceano Atlântico e pelo Rio Sauípe, o qual nasce neste município, passando por Itanagra,

---

<sup>2</sup> Convém esclarecer que os depoimentos de alguns entrevistados relatados no capítulo de discussão e análise de dados utilizaram a terminologia “cidade” para referir-se à “vila” de Porto de Sauípe (o que não

bordejando a divisa leste em Mata de São João e Entre Rios até a sua foz, numa extensão de 86 km (COSTA, 2009). Em sua composição natural, além do mar e do rio, Porto de Sauípe ainda convive com os extensos manguezais, dunas e resíduos de mata atlântica.

Estudos históricos sobre a região indicam que o nome desse povoado originou-se pelo fato de ter sido construído um porto no local pelo imigrante Sigismund Schindler durante o século XIX, aliado ao nome do rio que passa pelo local, daí “Porto de Sauípe”.

Porto de Sauípe tinha uma vida pacata e uma população que sobrevivia de atividades tradicionais da pesca, da agricultura de subsistência e do artesanato de palha de piaçava, e uma beleza natural com potencial turístico de “sol e praia”. Todavia, foi nesse “Porto” que ancoraram fortes transformações sociais, ambientais e identitárias, principalmente, após a construção da BA-099, seguindo-se da implantação do Complexo Costa do Sauípe.

Nessa perspectiva de análise, entende-se que a busca da identidade de lugar dos sauípenses está diretamente relacionada à subjetividade, aos sentimentos, às emoções e ao simbolismo ecológico do lugar, uma vez que a construção da identidade de lugar está configurada na dimensão do “nós”.

Vale ressaltar que a construção do conceito de identidade de lugar não está relacionada a um contexto estático ou estagnado. Mas, da mesma forma como o espaço está em constante expansão, reconfiguração e mutação, a identidade de lugar de seus moradores acompanha essa flexibilidade. Assim, os dados apresentados nesta pesquisa refletem uma fotografia da percepção individual de cada sujeito, criteriosamente escolhido e convidado, que se disponibilizou como partícipe de pesquisa. Afinal, precisavam ser sujeitos que conseguissem traduzir em palavras, desenhos e ações o sentimento de que Porto de Sauípe tinha uma identidade e que essa configurava esse lugar como genuíno, repleto de experiências e integração profunda com o mundo de significados.

---

significa Vila Sauípe que se localiza na margem oeste da Linha Verde). Assim, para manter-se a autenticidade de cada depoimento foi realizada a transcrição literal, tal como foi expresso oralmente.

Para contemplar as questões epistemológicas e subjetivas à atividade de pesquisa, esta tese dividiu-se em cinco capítulos, além desta introdução e das considerações finais. No capítulo 2 são apresentados os constructos sobre globalização, no sentido de buscar contextualizar em que dimensão de análise as informações geradas foram tratadas, a partir da pesquisa de campo.

No capítulo 2 foram convidados para reflexão sociólogos, geógrafos, antropólogos, turismólogos e demais pesquisadores da área de ciências humanas e sociais que objetivamente contribuíram para o entendimento do papel da globalização econômica na configuração do contexto sociohistórico que marcou a vida dos moradores dessa localidade.

Afinal, sob as pressões da lógica econômica da globalização insere-se a existência de um resort do porte do Costa do Sauípe que influencia diretamente na configuração da identidade de lugar de moradores vizinhos ao Complexo, o que demandou a contextualização teórica sobre as relações entre globalização e identidade, perpassando da identidade pessoal à identidade de lugar.

Em continuidade à discussão teórica, foram apresentadas no capítulo 3, as bases epistemológicas assentadas na Geografia Humanística, a qual se aplicou a esta pesquisa por contemplar, em sua linha de análise, a fenomenologia. Essa discussão foi importante, pois a partir dela foi possível analisar o papel da inseparabilidade sujeito-objeto e examinar os fenômenos da consciência ou da experiência vivida (*lifeworld*) dos moradores de Porto de Sauípe.

A consideração de que não é possível estudar um lugar e seus moradores sem antes contextualizá-los no tempo e espaço, o capítulo 4 tem essa finalidade: apresentar o “lugar em análise”, suas características socioambientais e o processo da configuração histórico-econômica.

O capítulo 5 apresenta os pressupostos teórico-metodológicos adotados para a busca dessa experiência vivida e, interpretação da identidade de lugar configurada a partir de impactos turísticos. Assim, assumiu-se o compromisso ontológico com a pesquisa qualitativa, tendo como referencial a análise da subjetividade individual e social. A proposição metodológica então adotada embasou-se na epistemologia qualitativa da Teoria da Subjetividade.

Para a geração das informações foram realizadas visitas à Porto de Sauípe no período de março a agosto de 2008, para: (1) desenvolvimento de entrevistas abertas com moradores que se enquadravam no perfil desenhado para os sujeitos partícipes da pesquisa, (2) preenchimento de complemento de frases e (3) expressão da subjetividade social através do desenho de mapas mentais que são apresentados nos capítulos que tratam da metodologia e análise e discussão das informações.

A partir do escopo desta pesquisa e após contato com 26 moradores locais cuidadosamente selecionados com base em indicações de informantes-chave da comunidade, foram selecionados 7 (sete) sujeitos que atendiam plenamente ao perfil desenhado para a pesquisa. É importante esclarecer que, numa pesquisa que se respalda teoricamente na epistemologia qualitativa, o número de sujeitos deixa de ser um critério quantitativo e passa a ser definido em função da legitimidade das informações que podem ser geradas. Afinal, a eleição dos sujeitos não é ao acaso, mas realizada a partir de criteriosa classificação do potencial de geração de informações por informantes-chave.

O sexto e último capítulo desta tese apresenta, especificamente, as informações geradas durante esta pesquisa com foco na expressão da subjetividade e esclarecimento das configurações subjetivas que modelam a atual identidade de lugar de moradores de Porto de Sauípe em face dos impactos turísticos provenientes da implantação do Complexo hoteleiro.



Assim, a configuração da identidade de lugar apresentada nos capítulos finais desta tese torna-se o diferencial da localidade de Porto de Sauípe, ao mesmo tempo em que demanda a necessidade do fortalecimento de um turismo economicamente viável para a comunidade. Afinal, o local precisa organizar sua força para atrair e, simultaneamente, resistir à globalização financeira com a configuração de uma identidade de lugar, globalizada e forte.

## **2 GLOBALIZAÇÃO, IDENTIDADE E TURISMO: REFLEXÕES E CONEXÕES TEÓRICAS**

**E**ste capítulo se propõe a desenvolver uma discussão sobre o papel da globalização e seus reflexos na configuração das identidades culturais. A partir desses estudos, questiona-se: de que forma o global e o local se relacionam? Eis a questão norteadora da narrativa presente neste capítulo. Dessa forma, serão apresentados os constructos teóricos que se propõem a desmistificar a ideologia social, econômica e política associada ao conceito de globalização para posterior exame do seu papel e influência cultural.

As análises sobre globalização e identidade são tratadas à luz das teorias sociais e relacionam-se mutuamente com a sociologia, psicologia e antropologia, porquanto a construção do conceito de identidade pressupõe a compreensão dos fenômenos globais e seus reflexos na configuração das identidades locais.

### **2.1 GLOBALIZAÇÃO E IDENTIDADE**

Para quê repetir a discussão sobre globalização se tudo já foi amplamente discutido? Esse foi o questionamento que demandou dúvidas sobre a importância e dimensão que essa discussão tomaria na construção deste capítulo. Afinal, o conceito de globalização é demasiadamente conhecido como resultado do modo de produção capitalista que reflete os indicadores da economia mundial, da internacionalização dos mercados, do questionamento do papel do Estado, bem como do aumento da liderança de corporações multinacionais.

No entanto, a amplitude gerada pelo termo demandou especial atenção para entendimento da Globalização, uma vez que esse termo gerou diferentes conceitos derivados e sinônimos, profundamente analisados por expoentes do pensamento ocidental, entre os quais é possível citar: “formação global” (CHASE-DUNN, 1991,), “cultura global” (APPADURAI, 1997; ROBERTSON, 1992; FEATHERSTONE, 1990), “sistema global” (SKLAIR, 1991), “processo global” (FRIEDMANM, 1994), ou ainda, “cidade global” (SASSEN, 2000, 2001; FORTUNA, 1997). Ainda assim, o fato é que há algumas décadas o mundo percebe a internacionalização do intercâmbio de bens, processos e serviços associado a um mercado de capital em constante expansão.

O debate sobre a globalização é sustentado por vários teóricos, entre os quais Castells (2007), Scott (1998) e Waterman (1998) que atribuem que o processo de globalização relaciona-se a um contexto histórico. Oman (1994) e Chesnais (1996), por sua vez, analisam a globalização como internacionalização ou mundialização com foco na esfera financeira e apresentam o papel e funcionamento de multinacionais na produção e consumo em escala mundial. Fukuyama (1992, 2000, 2005) assume a perspectiva da discussão temática ao tratar da ascensão da democracia liberal, do capitalismo global e da construção das nações-estado. Por fim, tem-se a concepção de Ohmae (1999, 2001) que considera a globalização como um mundo sem fronteiras, principalmente na dimensão das estratégias organizacionais e econômicas.

Berger e Huntington (2004, p. 12) consideram que a globalização ganhou um peso emocional no discurso público e, dessa forma, afirmam que “para alguns, ela [globalização] implica na promessa de uma sociedade civil internacional, levando a uma nova era de paz e democratização. Para outros, significa a ameaça de uma hegemonia econômica e política americana”.

Hall (2001) afirma que a globalização é um complexo conjunto de processos e forças de mudanças que sustenta um poder de enorme magnitude capaz de deslocar identidades culturais nacionais o que, não obstante, reflete inevitavelmente nas culturas locais.

Batista Jr. (1998, p. 12), por sua vez, é relutante em afirmar que o fenômeno da globalização, além de não ser novo não justifica a popularização do termo na literatura. Porém, o que não é possível evitar é a consideração de que a globalização tornou-se símbolo da vida moderna e importante ponto de reflexão de cientistas sociais. Em alguns casos é tida como a mais alta expressão da modernidade; porquanto, é factível a tendência à internacionalização da economia, produção de massa e poder das tecnologias de comunicação.

A partir dessas análises é possível constatar o debate sobre globalização como um processo mundial que reflete conseqüências em inúmeros campos da atividade intelectual, tornando-se centro de discussões desde a década de 1970, com especial atenção ao livro publicado por Berger e outros autores (1974) que apresentou uma interessante discussão sobre a modernidade que também se aplica às discussões contemporâneas sobre globalização.

Nessa publicação os autores (BERGER, 1974.) construíram um referencial conceitual que tratava a modernidade como um conjunto de “pacotes” que continham padrões de comportamento e consciência. Segundo Berger e outros autores (1974), alguns “pacotes” se colocados de lado e reorganizados não afetam o processo de modernização, como por exemplo, o “pacote” sobre cristianismo e medicina. Um não depende do outro para se consolidar na sociedade, ao passo que outros pacotes, não podem ser simplesmente “colocados à margem”, pois impedem o andamento dos fluxos e processos da vida moderna.

Conceitos interessantes foram apresentados nesse livro, dentre os quais vale lembrar o de “transferência” e “interrupção”. No primeiro conceito os “pacotes” da modernidade

conseguem ser disseminados para diferentes setores sociais, como por exemplo, no caso de uma análise familiar pautada no custo/benefício do investimento em um filho, ou ainda quando se analisa um casamento como um contrato de laços afetivos e econômicos.

Porém, quando é realizada uma tentativa de limitar essa “transferência” fala-se em “interrupção”. Tem-se a “interrupção” quando os indivíduos assumem um tipo de comportamento que se confronta com padrões sociais e culturais estabelecidos pela globalização. Um exemplo é o caso do executivo de negócios japonês que tira o terno ao chegar em casa e veste *yukata*<sup>3</sup> e pratica caligrafia, isoladamente, curvado sobre uma pequena e baixa mesa, descansando seu corpo sobre os joelhos e olhando atentamente a todos os movimentos das mãos e da mente, como forma de reclusão do mundo global e imersão em um mundo onde não é necessário se preocupar com a economia internacional.

Longe de ser um conceito consensual, linear, monolítico ou hegemônico, o conceito de globalização é, sobretudo, vasto e intenso movido por profundas reflexões teóricas que movimentam interesses, ideologias e concepções de mundo.

Sousa Santos (2002, p. 63) afirma que a globalização é

[...] o conjunto de trocas desiguais pelo qual um determinado artefacto [sic], condição, entidade ou identidade local estende a sua influência para além das fronteiras nacionais e, ao fazê-lo, desenvolve a capacidade de designar como local outro artefacto [sic], condição, entidade ou identidade rival.

Na perspectiva de Sousa Santos (2002.) não existe uma globalização genuína, pois o que se chama de globalização é sempre uma experiência bem sucedida de determinado localismo. Afinal, não existe uma condição global que não seja possível identificar sua raiz local num contexto cultural específico. Dessa forma, Sousa Santos (2002.) apresenta 3 (três) contradições inerentes ao conceito de globalização.

<sup>3</sup> *Yukata* é uma vestimenta típica japonesa que pode ser usada por homens, mulheres e crianças em casa e em festas tradicionais. É um tipo de vestido comprido, com mangas compridas e largas que é amarrado por um tecido largo na cintura. É comparado a um quimono e pode ser confeccionado por diferentes tecidos e estampas. Para saber mais acesse: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Yukata>.

A *primeira contradição* pauta-se na tentativa de oposição entre globalização e localização. Ainda que pareça antagônico conduzir os conceitos “global e local” de forma contraditória – importa esclarecer que eles são somente opostos, mas não antagônicos –, esses conceitos podem ser completados num movimento cíclico e inteligente de atração de experiências globais e locais, principalmente, no que tange à cultura.

O equilíbrio, entre a economia e cultura globais, é difícil de ser alcançado. Por outro lado, também existe o risco de que a imposição de influências globais leve a uma revitalização de formas culturais nativas, porquanto a “idéia de uma homogeneização global inconsciente subestima em muito a capacidade dos seres humanos de serem criativos e inovadores quando enfrentam desafios culturais” (BERGER ; HUNTINGTON, 2004, p. 21).

No entanto, vale esclarecer que a produção da globalização implica, necessariamente, na produção da localização, uma vez que o local é integrado no global, seja pela inclusão ou exclusão. Sousa Santos (2002) apresenta interessante comparação entre os termos “localismo globalizado” e “globalismo localizado”, diferenciando-os.

Por “*localismo globalizado*” entende-se o conjunto de processos no qual os fenômenos locais são globalizados com sucesso – o que não significa positivo ou benéfico –, independente da atividade ou domínio (econômico, cultural, ambiental, social etc.). São os casos de transformação da língua inglesa em *língua franca*, a globalização do *fast-food* norte-americano em países orientais ou mesmo a ampla popularização da música, ou ainda a adoção internacional das mesmas leis norte-americanas para patentes e propriedade intelectual.

Uma observação importante sobre a relação global e local é feita por Hannerz (1999, p. 251) ao afirmar que “a cultura mundial é criada através de um aumento cada vez mais intenso de entrelaçamento de culturas locais diversificadas”. Sendo assim, na proporção em que o local encontra e assume sua real identidade consegue potencializá-la, como por

exemplo, nos casos da: Associação de Artesãos de Porto de Sauípe (APSA), situada no município de Entre Rios (BA) apresentado em Sasaki (2006), e da Associação dos Pequenos Agricultores do Município de Valente (APAEB), localizada em Valente-BA contextualizado por Mello e Silva e Nentwig-Silva (2001). Sob essa ótica a globalização fortalece, em alguma medida, as relações socioeconômicas e, por conseqüência, culturais dessas comunidades.

Sousa Santos (2002, p. 65) afirma que, nesse caso, a vitória da globalização “traduz-se na faculdade de ditar os termos da integração, da competição e da inclusão”. O localismo globalizado implica, dessa forma, na conversão da diferença vitoriosa em condição universal de forma imperiosa. O efeito na sociedade é a exclusão ou inclusão submissa de diferenças alternativas que não conseguem fôlego para sobreviver.

O “*globalismo localizado*” ou globalização passiva (FORTUNA, 1997), por sua vez, consiste no impacto das condições locais resultado e produzido pelas práticas dos localismos globalizados. Para tal, as condições locais são desintegradas, desestruturadas e, ocasionalmente, re-estruturadas sob a forma de inclusão submissa; ou seja, para serem incluídas precisam, necessariamente adequar-se.

Exemplos citados por Sousa Santos (2002) sobre o globalismo localizado incluem o desmatamento para pagamento da dívida externa, uso turístico de tesouros históricos, lugares, artesanato e vida selvagem, *dumping* ecológico (compra de lixo – tóxico ou não – por países subdesenvolvidos, gerado por países desenvolvidos), desvalorização de salários em locais onde os trabalhadores são de um tipo étnico diferente ou ainda porque são menos exigentes.

No plano cultural, o *globalismo localizado* pode ser exemplificado pelo *branding*<sup>4</sup> do “*american way of life*”<sup>5</sup> nas sociedades espalhadas em diferentes partes do mundo com

---

<sup>4</sup> A tradução da palavra *branding* é “ato de marcar a fogo”. É uma expressão utilizada no setor de marketing para representar a consolidação de uma marca, produto ou serviço no imaginário coletivo da sociedade.

diferentes tradições e culturas. É um conjunto de ações que faz as sociedades acreditarem que “as instituições [organizações/corporações] têm almas, assim como os homens e as nações”. (KLEIN, 2002, p. 31).

Os produtos, nesse contexto, não são simplesmente produtos materiais de consumo imediato, mas “um meio de vida, uma atitude, um conjunto de valores, uma expressão, um conceito norteador de comportamento individual e sua representação no grupo” (KLEIN, 2002, p. 47). Um exemplo disso é o relato de um empresário da internet de 24 anos sobre sua decisão de tatuar o logo da Nike em seu umbigo: “acordo toda manhã, pulo para o chuveiro, olho para o símbolo e ele me sacode para o dia. É para me lembrar a cada dia de como tenho de agir, isto é, ‘*just do it*’” (KLEIN, 2002, p. 76).

A tensão entre as culturas “global e local” é difícil de ser administrada, haja vista a tentativa do Governo chinês, no caso apresentado por Yan (2004), no qual os líderes do Partido Comunista Chinês buscam permanecer como únicos líderes e administradores do projeto de modernização, e por esse mecanismo, acreditam que mantêm total poder e autoridade sobre a sociedade chinesa.

Segundo Yan (2004) a globalização cultural tem sido interpretada pela elite intelectual chinesa como parte do esforço de modernização, e tem sido defendida a abertura do partido-Estado ao processo mundial com a expectativa de participação de um movimento que pode ascender a China ao mais alto estágio de desenvolvimento humano na perspectiva de que

a globalização pode trazer paz permanente no mundo, eliminar desigualdades entre países desenvolvidos e em desenvolvimento [...] [ou ainda que] [...] a globalização cultural irá levar a China para os valores universais como liberdade, democracia e direitos humanos, sendo, portanto, politicamente benéfica para o povo chinês. (YAN, 2004, p. 50).

<sup>5</sup> Tradução literal: modo de vida americano. Esse slogan simboliza um estilo de vida norte-americano pautado em conceitos como sucesso, alegria, felicidade, praticidade, liberdade de expressão, um ethos nacionalista utilizado pela mídia para divulgar a qualidade de vida. Ideologicamente transmite a idéia de superioridade.

<sup>6</sup> “*Just do it*” é o slogan da marca Nike Corporation.



É importante esclarecer que esse discurso não tem a pretensão de convencer que os chineses idolatram o capitalismo ocidental, tampouco a economia de mercado, mas que existe interesse em defender, conscientemente, a cultura chinesa da globalização sem diminuir o ritmo das reformas políticas, econômicas, sociais e culturais que abrem o país para o mundo. Afinal, não foi possível evitar as influências ocidentais na cultura chinesa refletidas nas mudanças da vida cotidiana “como as crescentes demandas por amor romântico e liberdade sexual, a crescente taxa de divórcios [...] a febre por MBAs e a língua inglesa e a popularidade das redes americanas de *fast-food*” (YAN, 2004, p. 46).

Ratificando a posição do Estado chinês, Batista Jr. (2008, p. 282) sustenta que o papel do Estado é fundamental e crucial nos países desenvolvidos ou em desenvolvimento, porquanto “ninguém pode abrir mão do Estado Nacional. Não existem instâncias supranacionais capazes de substituí-lo. E os mercados não funcionam sem Estado”, mesmo diante dos processos de globalização. Afinal, segundo Santos (2001) existe grande pressão das empresas sobre o Estado no intuito de aumentar a flexibilização da legislação trabalhista para maximizar seus lucros e competitividade.

Bauman (1999, p. 86) apresenta um interessante comentário de Ricardo Petrella (1997) que se associa ao exemplo citado do caso chinês ao afirmar que a “globalização arrasta as economias para a produção do efêmero, do volátil [por meio de uma redução em massa da durabilidade de produtos e serviços] e do precário [empregos temporários, flexíveis]”.

Sousa Santos (2002) aponta que a *segunda contradição* do conceito de globalização é entre o Estado-nação e o não-Estado transnacional. Nesse aspecto, a maior controvérsia gerada nos debates sobre globalização é sobre o papel e o posicionamento político-econômico do Estado; porquanto, para alguns, o Estado é uma entidade obsoleta, reduzida e sem voz no discurso sócio-político-econômico, enquanto para outros, o Estado é o núcleo central da regulação e organização da vida social. Essa consideração é sustentada por Batista

Jr. (2008, p. 282) ao afirmar que “[...] o papel do Estado Nacional continua crucial, nos países desenvolvidos e nos países em desenvolvimento”.

Por fim, a *terceira contradição* apresentada por Sousa Santos (2002) é de natureza político-ideológica e está pautada na divisão entre os que acreditam que a globalização é um processo irreversível e incontestável do capitalismo e os que conseguem enxergar alguma oportunidade para fomentar a solidariedade. Sousa Santos (2002, p. 55) sustenta que

a primeira posição é, aliás, defendida, tanto pelos que conduzem a globalização e dela beneficiam, como por aqueles para quem a globalização é a mais recente e a mais virulenta agressão externa contra os seus modos de vida e o seu bem-estar.

Uma interessante discussão sobre globalização é realizada por Batista Jr (1998, p. 131) ao considerar que

[...] criou-se um ambiente intelectual propício para conferir ares de novidade a acontecimentos e tendências que constituem a repetição, sob nova roupagem, de fenômenos às vezes bastante antigos. De um ponto de vista histórico “globalização” é a palavra da moda para um processo que remonta, em última análise, à expansão da civilização europeia a partir do final do século XV.

Batista Jr. (1998, p. 136) afirma ainda que “o processo recente de integração das economias nacionais não tem o alcance que sugere o uso indiscriminado do termo ‘globalização’” e, por isso, ratifica que existem cinco mitos que foram construídos sem referencial empírico que pudesse respaldar argumentos tão fortes. Com o intuito de desconstruir esses mitos o autor apresenta-os detalhadamente, conforme os tópicos a seguir.

- Mito 1 - *A ‘globalização’ inaugura nova etapa na história econômica mundial; constitui processo irreversível, que conduziu a uma integração sem precedentes das economias nacionais.*

O fenômeno intitulado globalização não é novidade, não é irreversível e não é inexorável. Para Batista Jr. (1998) o processo de internacionalização econômica constatado nas publicações e discursos acadêmicos está longe de ter

o caráter universal sugerido pelo uso do termo “globalização”, bem como não é recente tal como anunciada, haja vista o exemplo de uma publicação de Keynes datada de 1919, na qual parece que trata da globalização tal como é expressa hoje. Veja-se em Keynes (1919, p. 6):

What an extraordinary episode in the economic progress of man that age was which came to an end in August 1914! (...)The inhabitant of London could order by telephone, sipping his morning tea in bed, the various products of the whole earth, in such quantity as he might see fit, and reasonably expect their early delivery upon his doorstep; he could at same moment and by the same means adventure his wealth in the natural resources and new enterprises of any quarter of the world, and share, without exertion or even trouble, in their prospective fruits and advantages; or he could decide to couple the security of his fortune with the good faith of the townspeople of any substantial municipality in any continent that fancy or information might recommend.

- Mito 2 - *Nas últimas duas ou três décadas, a ‘globalização’ produziu um sistema econômico fortemente integrado, de caráter supranacional, que tende inexoravelmente a unificar o mercado mundial, a dissolver as fronteiras nacionais e a reduzir a relevância dos mercados domésticos.*

Segundo Batista Jr. (1998) o processo de internacionalização observado está longe de provocar o desaparecimento das fronteiras ou ameaçar a sobrevivência do Estado nacional.

É possível inferir que essa ideologia social da recente globalização dos mercados acarretou um “frenesi” acadêmico e foi útil ao discurso do Estado Nacional para justificar, facilmente, medidas políticas impopulares e eventos negativos que são refletidos na sociedade, na política e na economia.

Com essa retórica o Estado isenta sua responsabilidade e a transfere para um fenômeno internacional, impessoal e fora do alcance e controle nacional. Batista Jr. (1998, p. 127) pronuncia-se afirmando que “problemas provocados por decisões ou omissões do governo nacional têm sido sumariamente descarregados em cima da ‘globalização’”.

- Mito 3 - *Em conseqüência da 'globalização' e do predomínio das políticas 'neoliberais', os Estado nacionais entraram em processo de inevitável declínio e estão sendo compelidos a reduzir a sua presença na economia.*

O neoliberalismo econômico e seu fenômeno correlato intitulado globalização são culpados pela autoria do declínio e enfraquecimento do poder do Estado. Este é o terceiro mito a ser esclarecido. Segundo Batista Jr. (1998, p. 127) o “neoliberalismo” não conseguiu mudar a dimensão do papel do Estado na maioria das economias desenvolvidas, pois uma análise aprofundada de dados macroeconômicos dos países de economia desenvolvida indica que há uma enorme distância entre o discurso “neoliberal” e a realidade.

Por outro lado, o mito do declínio do Estado pode estar associado à idéia da ascensão de corporações “globais”, “supostamente livres de lealdades nacionais e apontadas como os principais agentes de uma avassaladora transformação da economia mundial.” (BATISTA JR., 1998, p. 163). Porém, na realidade, verifica-se que as corporações têm raízes identitárias, ainda que suas estratégias de marketing tentem desconstruir isso.

- Mito 4 - *A economia 'global' vem sendo crescentemente dominada por empresas 'transnacionais', livres de identificação e lealdades nacionais.*

É importante desmitificar o conceito “transnacional”, pois denota ausência de raízes, de origem, de início. Geralmente é associado a empresas que têm capital aberto e operam em diferentes países. No entanto, vale considerar que sempre existe um núcleo central onde são geradas decisões estratégicas, onde estão radicados seus ativos e funcionários, e, principalmente, onde está a maior parte do capital acionário.

Mesmo porque essas empresas não têm constrangimento algum quando necessitam ou têm interesse em recorrer ao apoio do seu Estado de origem

quando se trata de concorrências e contratos estrangeiros, abertura de mercados e derrubada de barreiras à sua atividade. As exceções são as grandes corporações de pequenos países desenvolvidos, como a Suíça, a Suécia ou a Finlândia (BATISTA JR., 2008).

Por outro lado, o que pode existir como justificativa para utilização da expressão transnacional são estratégias de comunicação que apóiam a opção de manter as empresas com caráter global para não provocar reações nacionalistas em países de investimento.

- Mito 5 - *A expansão das transações financeiras internacionais criou um mercado 'global' de capitais extraordinariamente poderoso, diante do qual a autonomia das políticas nacionais e dos bancos centrais, mesmo nos países de mais peso, tende a desaparecer.*

Batista Jr. (1998) considera precipitada a terminologia “globalização financeira” ou “mundialização do capital financeiro”, haja vista que as transações domésticas/nacionais são predominantes, mesmo que o volume e velocidade dessas transações tenha aumentado. Para Batista Jr. (1998, p. 182)

[...] o comportamento dos investidores institucionais dos países desenvolvidos, particularmente dos fundos de pensão e das companhias de seguro, revela um forte viés em favor dos mercados domésticos. A preponderância dos mercados nacionais também aparece de forma esmagadora nos dados referentes aos mercados de títulos e ações.

Considerando o exposto pelas diferentes análises apresentadas sobre a expressão da globalização, importa ressaltar que, independente da linha teórica de análise, é necessário refletir sobre a redefinição da amplitude que os interesses locais têm num contexto marcado pela globalização e pelos processos de regionalização.

Dessa forma, autores consagrados (HALL, 2000; BAUMAN, 1999; PEARCE, 2003; BERGER ; HUNTINGTON, 2004) são uníssonos em afirmar que a globalização não é mais uma

opção disponível, mas uma realidade com a qual inevitavelmente convive-se. Além disso, não existe uma única globalização, mas muitas globalizações que influenciam a configuração das identidades humanas das culturas local e global (BERGER ; HUNTINGTON, 2004; SOUSA SANTOS, 2002). Para leitura detalhada sobre a discussão do conceito de identidade, veja-se o próximo tópico desta tese.

## 2.2 DA IDENTIDADE PESSOAL À IDENTIDADE DE LUGAR

Ao discutir os processos identitários em tempos de globalização o antropólogo francês Michel Agier (2001, p. 9) afirmou que a “antropologia das identidades” foi constituída abordando as culturas humanas de forma contextual, relacional, construtivista e situacional. De acordo com a abordagem relacional

[...] não existe definição de identidade em si mesma. Os processos identitários não existem fora de contexto, são sempre relativos a algo específico que está em jogo. [...] A coisa em jogo pode ser, por exemplo, o acesso à terra (caso em que a identidade é produzida como fundamento das territorialidades), ao mercado de trabalho (quando as identificações têm um papel de exclusão, de integração ou de privilégio hierárquico) ou às regalias externas públicas ou privadas, turísticas ou humanitárias (e as identidades podem ser os fundamentos do reconhecimento das redes ou facções que tomam para si essas regalias).

No caso das reflexões dessa tese, o contexto em questão refere-se ao conjunto de rápidas transformações sociais, econômicas e culturais que assumiu a tendência inexorável de globalizar as sociedades de todo o planeta onde a dimensão espacial tende a ser suplantada pela modernidade líquida, móvel, flexível, plástica das transações comerciais e culturais (BAUMAN, 1998).

Associado a este movimento global, as discussões sobre localidades regionais, geralmente, tendem a ser associadas a um movimento oposto numa onda de reflexos para impor sua diferença no sentido de garantir a segurança de um patrimônio material e imaterial de comunidades locais.

Com Bauman (2005) foi possível identificar que a globalização é um processo dinâmico que afetou as estruturas estatais, as condições de trabalho, as relações entre o Estado, a subjetividade coletiva, a produção cultural, o dia-a-dia do viver, as relações entre o eu e o outro. Ele considera, inclusive, que o mundo está fragmentado em pedaços mal coordenados, enquanto nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios conectados que oportunizam situações em que cada indivíduo possa experimentar ideologias, idéias e princípios em diferentes fases da vida podendo defendê-las ou negá-las. É como se as identidades “flutuassem” no ar, algumas de escolha individual, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em volta exigindo alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas.

Agier (2001), enquanto antropólogo e pesquisador da cultura e identidade, sustenta que o processo de mundialização/globalização promove movimentos de fortalecimento das identidades culturais ao mesmo tempo que as dissocia pelo fato das rápidas mudanças de informações, ideologias e imagens.

Para Bauman (1998, 2005) vive-se numa modernidade capitalista e líquida na qual os laços sociais criados podem gerar exigências de proteção e o retorno a um mundo restrito (comunidades) que cria fronteiras e barreiras – ainda que intangíveis – para manter distante o “outsider”, sem se importar quem o seja. Por isso, as sociedades são convidadas a exercitar a sabedoria humana, para buscar adaptar-se à liquidez moderna caracterizada por um conjunto de relações sociais, que tornou incerto e transitório o conceito de identidade – seja social, cultural ou sexual.

Pode-se inferir que a busca humana pela identidade deve ser considerada como um processo contínuo de definir, reinventar e inventar sua própria história como se o passado nostálgico pudesse ser combinado em concordância com uma modernidade líquida. Esse ponto remete à pesquisa realizada em Porto de Sauipe (SASAKI, 2006) na qual foi presenciada a superação cultural de um grupo de artesãos que se adaptou a uma realidade

capitalista e aprendeu a tirar proveito dela em prol da sua cultura, em prol da sua comunidade, em prol da sua sobrevivência. Foi o retrato de que é possível transformar os efeitos da globalização e usá-los de maneira positiva, ainda que não seja um processo simples e fácil, bem como desde que seja dada atenção aos processos de configuração das identidades.

Mendes (2002, p. 505) sustenta que a identidade do sujeito é socialmente distribuída, construída e reconstruída nas interações sociais e, portanto, são construções relativamente estáveis num processo de atividade social. No entanto, suas bases assentam-se em

acidentes, fricções, erros, caos, ou seja, o indivíduo forma a sua identidade não da reprodução do idêntico oriunda da socialização familiar, do grupo de amigos etc., mas sim do ruído social, dos conflitos entre os diferentes agentes e lugares de socialização.

Partindo dessa análise propõe-se a reflexão: será que a comunidade sauipeense tem reconstruído sua identidade de lugar em face das transformações sociais, políticas e econômicas inseridas pelo turismo? Para Bauman (2005) as comunidades são de dois tipos: (1) a de vida, cujos membros vivem juntos em ligação absoluta; e (2) a de destino, cujos membros são unidos por idéias ou por uma variedade de princípios. Nessa perspectiva, a noção de identidade surge com a exposição a comunidades de destino. Para ele (BAUMAN, 2005, p. 17)

[...] tornamo-nos conscientes de que o 'pertencimento' e a 'identidade' não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o 'pertencimento' quanto para a 'identidade'.

Bauman (2005) considera que a globalização reflete a imagem de que o Estado não exerce mais o poder sobre o indivíduo ou o desejo de manter uma união sólida com a nação, mesmo porque as contingências sociais e econômicas não favorecem esse desejo e, por isso,



o anseio pela busca da identidade vem do “desejo” humano em sentir-se seguro; sentimento esse ambíguo por sua essência, pois a segurança, pelo contrário, não está associada à fluidez e liquidez da globalização.

É inegável que existem tensões e convergências entre diferentes dimensões da globalização e seus reflexos culturais. Ainda assim, existe um elemento comum que é a preocupação com a *individuação* [sic]. Para Berger e Huntington (2004, p. 19) a individuação “deve ser vista como um processo social e psicológico que se manifesta empiricamente no comportamento e na consciência das pessoas, independentemente das idéias que elas possam ter a respeito disso”. Vale dizer que individuação é distinto de ‘individualismo’, este que possui relação com um tipo de ideologia.

Berger e Huntington (2004, p. 19) sustentam que a “modernização corrói a autoridade consolidada da tradição e da coletividade e, assim, faz o indivíduo mais confiante”. Ou seja, o aumento de confiança pressupõe aumento de sentimento de liberdade, de novas possibilidades. Nessa perspectiva, a análise dos autores conduz à crença de que a cultura global é atraente para os indivíduos que valorizam ou que já experimentaram a individuação, uma vez que o isolamento da cultura global exige igual isolamento da economia global.

O medo da “perda” da identidade local, e mais uma vez a busca pela segurança de mantê-la viva, gera uma dinâmica com duas possibilidades: a de completa rejeição à globalização ou de proteção da identidade local buscando valorizar e manter viva, cada vez mais, sua cultura local através da adaptação ao movimento global. Afinal, a globalização é um movimento que se interessa “[...] em dominar a todos em todos os espaços, onde os valores das forças dominantes [são] impostos, aniquilando as especificidades locais e a diversidade, enfim, massificando as individualidades” (TREVIZAN ; SIMÕES, 2006, p. 9).

Nesse contexto global, ascende-se a preocupação com o local, e por sua vez, com os sujeitos sociais que se relacionam diretamente com as transformações ora sinalizadas pelos

fluxos e processos globais. Ao tratar de sujeitos é imprescindível resgatar a discussão sobre *identidade*, a qual perpassa pela intangibilidade, ambivalência e plasticidade inerentes à sua configuração epistemológica.

Mendes (2002, p. 506) considera que a emergência das identidades se dá através da constituição mútua da narrativa e do tempo

[...] e são construídas no e pelo discurso, em lugares históricos e institucionais específicos, em formações prático-discursivas específicas e por estratégias enunciativas precisas. [Assim,] a circulação crescente de discursos públicos, de narrativas centrais, fornece recursos individuais e colectivos [sic] para afirmar ou reafirmar essas identidades.

Com as pesquisas sobre a representação do “eu” na vida cotidiana e sobre os papéis sociais que cada indivíduo concebe sobre sua imagem, para si mesmo e para a sociedade, Goffman (1988) constatou que é possível analisar a identidade como o reflexo de um conjunto de subjetividades, o que inclui a sua concepção de mundo, de sociedade e de padrões socioculturais que controlam a vida cotidiana. Partindo de suas pesquisas, ele elabora a classificação de três tipos de identidade: (a) *identidade social*, (b) *identidade pessoal* e (c) *identidade de ego*.

*Identidade social*, ou melhor, identidades sociais são constituídas pelas diferentes categorias sociais, na qual se dá a intersecção de atributos pessoais e estruturais. Pode ser entendida como uma categorização derivada dos contextos sociais onde ocorre a interação social. E, portanto, pode ser classificada em *identidade social virtual*, que contempla as exigências e características que a sociedade espera do indivíduo; ou *identidade social real* que são os reais atributos que os indivíduos possuem da sociedade que fazem parte. Nesse contexto, a dinâmica social perpassa pela constante tentativa de migração da identidade social *virtual* para *real*.

Essa migração subjetiva da identidade social virtual para real fortalece a busca humana pelo seu reconhecimento como parte integrante de um grupo social e, dessa forma,

são construídas histórias comuns, ideologias, formas de pensamento e condutas coletivas que legitimam a identidade social do indivíduo.

A *identidade pessoal* relaciona-se com as características pessoais do indivíduo, as quais são relativamente constantes. Nessa situação a identidade é formada pelo contexto biográfico de cada indivíduo; é transmitida pelo próprio indivíduo; e, é o que caracteriza cada indivíduo como único no meio social. Goffman (1988, p. 96) afirma que “[...] a identidade pessoal tem a ver com o pressuposto de que o indivíduo pode ser diferenciado de todos os outros, e de que a estes meios de diferenciação pode ser colado, entrelaçado, um registro único e contínuo de fatos sociais”. Assim, a identidade pessoal constitui o indivíduo como uma entidade única e integradora.

A *identidade de ego*, por sua vez, é uma questão subjetiva e reflexiva que só pode ser sentida pelo indivíduo. Vai além da sua auto-imagem. É uma combinação do que o indivíduo pensa de si próprio com a construção subjetiva dos processos sociais dos grupos aos quais pertence. É uma identidade que se forma a partir da pressão socializadora de grupos e de rotinas cotidianas.

A partir do exposto, é possível considerar que as identidades são dinâmicas (HALL, 2001; MENDES, 2002; BAUMAN, 2005), construídas socialmente e assumem um sentido para com o indivíduo através da linguagem e sistemas simbólicos representativos (WOODWARD, 2000; HALL, 2000; MENDES, 2002). No plano cultural, o qual também é foco desta tese, é importante destacar o papel dos significados e sua interface com a construção das identidades, porquanto a organização cultural inclui essa dinamicidade através da adoção de estratégias de reconfiguração de novos hábitos em prol da adequação da realidade global. E, ao associar ao turismo, evidencia-se outro poder: permitir que o indivíduo esteja total ou parcialmente deslocado em toda parte e não esteja em lugar algum.

Woodward (2000) afirma que a representação inclui práticas de significação e sistemas de interação simbólica nos quais se traduz os significados e permite o

posicionamento do indivíduo como sujeito social. E é nesse fluxo que os indivíduos dão sentido às experiências e se autoconhecem.

Os estudos antropológicos permitem inferir que esse conjunto de representações sociais também pode ser entendido como um processo cultural, no qual as identidades individuais e sociais são construídas, com seus respectivos sistemas simbólicos. Dessa forma, a representação da essência cultural em cada indivíduo constitui a identidade individual e traz a concepção de *identificação*, ou seja, “o processo pelo qual nos identificamos com os outros, seja pela ausência de uma consciência da diferença ou da separação, seja como resultado de supostas similaridades” (WOODWARD, 2000, p. 18).

Lévi-Strauss (2000) em seu livro *L'Identité* originalmente publicado em 1977, tratou das questões identitárias classificando-as como um componente do universalismo, no qual os antropólogos opõem à infinita diversidade de culturas e de sociedades. Segundo Lévi-Strauss (2000) citado por Agier (2000, p. 8) “é o mínimo de identidade que funda a unidade do humano, e faz com que as mais diversas experiências humanas sejam ao menos em parte, mutuamente inteligíveis”.

Os estudos de Lévi-Strauss (2000) relembram as colocações de Goffman (1988) ao tratar a identidade como um processo dinâmico entre a identidade pessoal e social. Para Lévi-Strauss (2000) cada sociedade e cada cultura divide a identidade em uma abundância de elementos. Assim, a identidade individual “esconde-se” no seio da sociedade, como se fosse um “abrigo virtual” ao qual é indispensável a sua referência para explicar um determinado número de coisas e situações cotidianas, sem que este tenha jamais uma existência real.

Porém, esse “abrigo virtual” torna-se “real” quando se trata do espaço físico com o qual o indivíduo se relaciona cotidianamente. Segundo Valera (2007), Moser (2003, 2005), Cavalcante (2002), Mourão e Cavalcante (2006) a vinculação entre identidade pessoal e social pode ser associada ao espaço físico, uma vez que o comportamento dos indivíduos é

influenciado pelo espaço, mesmo que ele não tenha consciência disso. Eis o princípio de pesquisas da Psicologia Ambiental, apresentado por Valera (2007, p. 8), e que “se ocupa em analisar las relaciones que, a nível psicológico, se establecen entre las personas y sus entornos”.

Sob a perspectiva da relação indivíduo-ambiente é inevitável considerar a importância e papel dos estudos culturais, porquanto o espaço não é neutro, tampouco ausente de valores ou códigos de conduta. Ao contrário, todo espaço físico reflete a dimensão sociocultural intrinsecamente relacionada num determinado tempo histórico. Afinal, segundo Moser e Uzzel (2003, p. 34) “o contexto ambiental, objeto de percepções, de atitudes, e de comportamentos nele manifestados, necessita igualmente da consideração da dimensão temporal”.

Algumas publicações clássicas podem servir de exemplos sobre a necessidade de consideração do espaço e tempo na análise sobre identidade. Um exemplo são as descrições do Brasil rural, do início dos anos 1930, apresentada por Gilberto Freyre (2006) em *Casa Grande & Senzala* que mostrou a ruralidade do país, as suas relações de poder oligárquicas, patrimonialistas e de dominação entre brancos, negros, índios e mestiços, além da arquitetura ímpar das casas, e o intercâmbio dos papéis – políticos, econômicos e sociais – diretamente relacionados à divisão social dos espaços. Ou ainda, no livro *Diários Índios*, de autoria de Darcy Ribeiro (1996) no qual retrata suas expedições pelas matas do interior do Pará e Maranhão, durante o início dos anos 1950, apresentando o desenho das relações dos índios com o ambiente, e como as heranças indígenas contribuíram para a formação da identidade cultural da nação brasileira.

Pautando-se nesses exemplos, concorda-se com Moser (2005) ao afirmar que o ambiente veicula significações, porquanto a visão da natureza humana se exprime na maneira como o espaço é moldado. A partir desse molde, o espaço construído retorna para os indivíduos ressignificando identidades e papéis sociais, uma vez que “os lugares têm um

passado que contribui para a sua interpretação atual, e um futuro que é suscetível de nos guiar em nossas ações por meio de nossas representações antecipatórias.” (MOSER, 2005, p. 282).

Nessa perspectiva, Moser (2005, p. 283) sugere uma psicologia do espaço de forma que a relação indivíduo-ambiente possa ser analisada sob quatro níveis de referência espacial e social:

1) o micro-ambiente: o espaço privado, a moradia, implicando o indivíduo; 2) os ambientes de proximidade: os espaços partilhados semi-públicos, o habitat coletivo, o bairro, o lugar de trabalho, os parques e os espaços verdes, concernentes à comunidade de proximidade ou de vizinhança; 3) os ambientes coletivos públicos: as cidades, os vilarejos, e os povoamentos diversos, implicando os agregados de indivíduos; e 4) o ambiente global: o ambiente em sua totalidade, construído ou não, os recursos naturais e os concernentes à sociedade enquanto tal.

Partindo dessas considerações, o conceito de identidade de lugar pode ser construído a partir da inter-relação entre as análises dos diferentes níveis de referências espaciais e sociais. Nessa perspectiva, Proshansky, Fabian e Kaminoff (1983) afirmam que o ambiente físico é um contexto social de relações e integração entre indivíduos no qual se desenrolam processos de ordem, desordem, diversidade, estimulação e imagens. Proshansky, Fabian e Kaminoff (p. 64) afirmam que:

[...] a identidade de lugar dos distintos grupos de uma cultura deve revelar não só usos e experiências diferentes do espaço e lugar, mas variações correspondentes aos valores sociais, significados e idéias que estão subjacentes aos usos daqueles espaços.

No entanto, cidades e regiões estão em constante processo de transformações em função do movimento de construção e reconstrução de fluxos socioeconômicos que em alguns momentos é entendido como globalização.

Nesse contexto de transformações, as identidades também são continuamente reconfiguradas. Hague (2005, p. 3) afirma que “the challenge for the future is to determine how this force [globalization] can pull with it an entire region without compromising our

identity<sup>7</sup>.” Assim, é importante que as identidades locais tenham consciência dos seus papéis sociais em face do mundo em mudanças, uma vez que os lugares são espaços subjetivos de exploração e reprodução do capital.

Como exemplo, Jenkins (2005) apresenta a história dos tradicionais estaleiros de Glasgow (Escócia) que no início dos anos 1980 foram fechados, sob o discurso do progresso e desenvolvimento, para construção de espaços de serviços, lazer e entretenimento, que fomentou investimentos financeiros de agentes econômicos. Em função disso, milhares de pessoas que trabalhavam diretamente nos estaleiros ficaram desempregadas e tiveram que reconfigurar sua identidade de lugar na nova paisagem urbana construída para o consumo. Afinal, segundo Stoetzel (1970, p. 66):

[...] la idea de que el contorno físico de un individuo está enteramente transculturado a la sociedad de la que forma parte, y que describe el mundo físico, tal como es percibido en el seno de una sociedad y como objeto de conductas de adaptación a la misma, equivale a describir la cultura de esta sociedad.

Assim, considerando a dimensão dos processos globais, bem como a sua influência na dinamicidade do processo cíclico de configuração das identidades pessoais e sociais por causa de um contexto social, político, econômico e histórico, o espaço é moldado à luz da globalização, a qual por sua vez tem reflexo direto nas identidades pessoais que trazem consigo a construção do conceito de lugar.

O delineamento da temática identidade de lugar perpassa pela construção subjetiva da necessidade inerente à pesquisadora de buscar compreender como se traduzem os olhares e reflexos da comunidade sobre as rápidas transformações que a comunidade de Porto de Saúipe passou na última década.

Identidade de lugar é uma referência teórica para promover o entendimento do impacto da urbanização, como parte de um processo subjetivo individual de compreensão do desenvolvimento do ambiente físico-social e que envolve um conjunto de percepções

---

<sup>7</sup> O desafio do futuro é determinar como essa força [globalização] pode trazer com ela uma região inteira sem comprometer nossa identidade.

sobre os fatos, memórias, idéias, crenças, valores e comportamentos que são relevantes e têm significados para o indivíduo e que proporcionam a construção de sua própria identidade enquanto partícipe do ambiente de relações.

Pesquisas com foco na identidade de lugar foram identificadas na *Estônia* com a pesquisa de Havik (2007) ao indagar-se “como o lugar pode ser lembrado?”, “em que momento a arquitetura se torna interessante a ponto de imprimir significado para os olhos do visitante?”. Havik (ibid., p. 1) afirma que “place exist not only physically, but just as much in people’s minds and memories, stories and names. The identity of a specific place cannot be truly grasped only by scientific means<sup>8</sup>”. Assim, o lugar transcende nomenclaturas específicas e associa-se, inclusive, às vidas dos sujeitos que o vivem e sentem no dia-a-dia.

Estudos sobre identidade de lugar aplicados ao turismo, como no caso dessa pesquisa, são apontados por Kneafsey (1998), sobre sua pesquisa em uma área rural da Irlanda, a qual sofreu impactos turísticos e configurou uma redefinição gradual dos residentes para uma orientação mais turística, com certo grau de resistência, para manutenção da cultura local; e mais recentemente por Kianicka (2006), nos Alpes Suíços, que identificou que os turistas e os residentes atribuem significados diferentes sobre a paisagem, uma vez que têm percepções distintas sobre o ambiente natural e social. Os residentes, por sua vez, conscientes de que os turistas buscam a harmonia entre ambiente e cultura, desejaram desenvolvimento econômico compatível com a preservação das características culturais e aspectos do ambiente natural.

*Mas, em que momento o turismo da Bahia atinge os moradores do entorno do Rio Saúipe?* Esse é um ponto crucial da presente Tese. Já foi relatado em Sasaki (2005) que a comunidade de artesãos de Porto de Saúipe sofreu intensos reflexos da construção do Complexo Turístico Costa do Saúipe, fazendo a comunidade adaptar-se para sobreviver à nova lógica imposta pela realidade socioeconômica que se instalou na região.

---

<sup>8</sup> O lugar não existe somente fisicamente, mas também nas mentes e memórias, histórias e nomes. A identidade de um lugar específico não pode agarrar-se somente em nomes científicos (tradução nossa).



O principal retrato desses impactos pode ser lido na carta endereçada à Sra. Ruth Cardoso, em 1999, na época diretora do Projeto Comunidade Solidária, pela então presidente da APSA. Nessa carta, a presidente da Associação buscou retratar a realidade da comunidade num espectro temporal do tipo “antes e depois” da implantação do Complexo hoteleiro e solicitar ajuda para a liberação de recursos ao Projeto de Apoio ao Artesanato para Geração de Renda, o qual a APSA já estava vinculada: Imagine, Senhora,

um povoado quase separado do resto do mundo, onde homens, mulheres e crianças, por um privilégio que vem de seu próprio isolamento, nunca conheceram a miséria.

Imagine a vida, Senhora, alternando-se em luas e marés, porque assim mede-se o tempo quando o sustento vem das águas dadas do mar e do rio e do hábito antigo e feminino de sublimar palmeiras em trançados artesanais.

Imagine então, a força de mulheres que não têm medo nem de mato, nem de rio porque neles é contido seu dia e seu sustento, sua infância, seu segredo e sua alegria.

Imagine tal dimensão de rara paz, seu empírico equilíbrio, seu saudável conviver, ou apenas a arte que existe entre os dedos dessas mulheres...

Mas imagine agora, Esse mesmo lugar quando de repente, quase sem avisar, se decide construir o maior Complexo Turístico da América Latina... debruçado naquele rio bom de mariscar, naquelas matas boas de pegar piaçava para fazer artesanato... Poucas palavras para dar sentido à chegada prepotente de milhares de pessoas de fora que invadiram sem afeto aquele pequeno Porto sem Porto, em busca de trabalho no canteiro de obras.

Imagine, Senhora, Como poderia existir uma harmonia que não existiu, um respeito que não foi pensado, um afeto que não foi sentido... transformar sem preparar, invadir sem dar condições de participar, de beneficiar-se dignamente dessa transformação. Ninguém é mais o que era, nem sabe o que vai ser... O que será de sua cultura, de sua memória, de sua alegria?

Imagine Senhora então, Minha luta em dirigir, por amor e respeito, a Associação dessas mulheres artesãs, tentando preservar sua força e sua arte, sua vida futura e sua dignidade. Vi o caminho certo, percebi as metas simples do respeito, fiz um projeto e me espelhei nos princípios que norteiam o Comunidade Solidária. Consegui o apoio sensível de Luciana Aguiar e de Eber<sup>9</sup> que acreditaram no projeto e hoje somos parte do Plano de Artesanato e Geração de Renda.

Chegamos a acreditar que existiam milagres, entrou um sorriso elegante em nossos rostos... Mas aí conhecemos o absurdo da burocracia, o mal espiritual e humano que esta pode provocar em quem ainda acredita... meses e meses esperando os

<sup>9</sup> Luciana Aguiar e Eber Ferreira foram consultores do Programa Comunidade Solidária.

curiosos começarem, expectativas e sonhos frustrados, a pobreza chegando... e tudo apenas e exclusivamente porque a verba vinculada à Associação está presa por razões insondáveis... burocráticas...

Nós não sabemos lutar contra a burocracia, nem conhecemos sua lógica... só tentamos preparar o espaço do nosso futuro e o respeito de nossos desejos... apenas queremos ser cidadãos e acreditando nisso, inventamos a coragem de lhe procurar, de lhe contar e de pedir sua ajuda para soltar os nós do nosso justo vóio indispensável.

Com admiração e respeito

Marcella Ferri

Essa carta permite várias análises e interpretações. Dentre muitas cabe relatar que Porto de Sauípe não é apenas um cenário onde ocorrem interações sociais, mas principalmente que é um ambiente permeado por relações simbólicas que é construído e cuidado por seus moradores. Ou seja, a identificação com o lugar se dá, inclusive com a identificação com o grupo social.

À luz de Bourdieu e Wacquant (1999) citados também em Agier (2001) as relações entre globalização e identidade indicam a resistência de culturas locais que se desenvolvem no seio do seu contexto social onde são realizadas as trocas simbólicas, porquanto se processa um falso universalismo globalizador e manipulador das identidades locais.

Marcela Ferri, em sua exposição, revela o amor de cada um dos moradores pelo lugar onde residem e seu choque social e cultural em face da intervenção turística no lugar onde vivem e onde foi construída a história individual e social. Tal posicionamento reitera os argumentos da busca incessante de comunidades tradicionais pela preservação das identidades culturais locais em face do processo de globalização que tende a homogeneizar culturas.

Para sustentar essas assertivas e continuar a reflexão sobre identidade de lugar cabe remeter o diálogo para a teoria dos processos identitários de Breakwell (1992, 1993, 2001) e discutido por vários autores em Breakwell e Lyons (1996) que apresenta quatro princípios de configuração subjetiva da identidade de lugar:

- (1) *distintividade*, no sentido de que existe uma singularidade pessoal para que os indivíduos expressem a percepção de aspectos únicos da localidade que permitem distingui-la positivamente de outras (patrimônio arquitetônico, cultural, ambiental, estilo de vida dos moradores entre outros);
- (2) *continuidade*, da singularidade do lugar para próximas gerações de forma que todos tenham acesso às características que distinguem o lugar como único;
- (3) *auto-estima*, para que exista uma avaliação positiva do lugar ou do grupo de pertença, estando relacionado com o sentimento de valor que é atribuído ao mesmo. Nesse quesito incluem as avaliações como “boa qualidade de vida no lugar” ou “paisagens que encantam”.
- (4) *auto-eficácia*, que atesta sua competência de gestão e resposta às exigências situacionais e com o grau em que o ambiente satisfaz as suas necessidades. Aqui está relacionada a capacidade de mobilização social em prol do cuidado com o lugar.

Sendo assim, Tajfel (1981, p. 255) sustenta que a identidade social “as that part of na individual’s self-concept wich derives from his/her knowledge os his/her membership of a social group (or groups) together with the value and emotional significance attached to thar membership”.

Nessa perspectiva vale resgatar as considerações de Hague (2004, p. 7) ao afirmar que “identity involves consciousness, knowing and acting on that knowledge and as it is about the relation between individual groups and others. The nature of identity must be social and contractual<sup>10</sup>”.

Assim, cabe indagar: *onde se encaixa a questão da percepção ambiental no âmbito dessa pesquisa?* Sustenta-se que essa discussão aparece a partir da influência da geografia

---

<sup>10</sup> Identidade envolve consciência, conhecendo e agindo sobre aquele conhecimento, e isso é sobre a relação entre grupos individuais e outros. A natureza da identidade deve ser social e contratual.

humanística no pensar geográfico de um determinado lugar e dos problemas socioambientais que o afetam, principalmente, porque essa corrente da geografia passou a considerar os aspectos da percepção dos sujeitos que habitam em diferentes espaços separados entre si.

A análise da percepção ambiental reflete uma atividade mental na qual o ser humano interage com o meio ambiente, através dos seus mecanismos perceptivos e cognitivos que criam as paisagens. Santos (2002, p.103) afirma que, diferente do conceito de espaço, a paisagem é um “conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza”.

E assim, considerando que cada indivíduo possui um nível distinto de percepção do lugar, seja o habitado ou o visitado, o próximo capítulo irá apresentar de que forma os constructos teóricos da Geografia Humanística favoreceram a compreensão sobre a intrínseca relação entre indivíduo e ambiente.

### 3 A CONTRIBUIÇÃO DA GEOGRAFIA HUMANÍSTICA PARA A COMPREENSÃO DO CONCEITO DE LUGAR

**N**o capítulo anterior foram apresentados os constructos teóricos que possibilitaram a compreensão do conceito de globalização e a sua influência para a configuração das identidades pessoais em sintonia com a identidade de lugar, localmente. Para essa leitura foram feitas análises sob a égide das ciências sociais e humanas uma vez que a subjetividade é, além de dinâmica, complexa, orgânica e integrada.

Associada à busca do papel das identidades locais e compreensão da importância e significado real do conceito de lugar questiona-se, inicialmente, neste capítulo: *como evidenciar a identidade de lugar da comunidade que reside no entorno do Rio Saúipe?* Sustenta-se que essa resposta esteja pautada na compreensão das reflexões sobre o significado de lugar na vida das pessoas residentes em Porto de Saúipe, à luz da Geografia Humanística.

Esse é o primeiro passo que será dado na construção dos argumentos presentes nesse discurso. Afinal, a Geografia Humanística preconiza que o *lugar* é a base da existência humana, através da experiência e relação direta e profunda com o mundo repleto de significados. Por isso, serão apresentadas, nesse capítulo, as análises dos principais pilares teóricos que envolvem o conceito de lugar construído sob a ótica da Geografia Humanística, a partir dos seus principais representantes que serão detalhadamente referenciados a seguir.

### 3.1 LUGAR: DIÁLOGOS ENTRE OS CLÁSSICOS DA GEOGRAFIA HUMANÍSTICA

O fim da II Guerra Mundial marcou o início de profundas reflexões do conhecimento científico, principalmente das ciências humanas e sociais, uma vez que promoveu uma onda cíclica de reconfiguração das suas bases teórico-metodológicas em face da nova estrutura social, geográfica e econômica mundial que se apresentava à sociedade.

No âmbito da ciência geográfica verificou-se que os pilares da “Geografia Quantitativa” precisavam ser repensados. Afinal, profundas transformações começaram a tornar-se evidentes. Camargo e Reis Jr. (2004) apontam que as mais notáveis transformações foram:

- (a) a substituição do modo de produção capitalista concorrencial pelo capitalismo monopolista;
- (b) a emergência da preocupação com o planejamento regional, uma vez que os Estados passaram a controlar a economia;
- (c) preocupação com a geopolítica mundial e o processo de domínio de territórios;
- (d) reorganização do espaço, o qual passou a ser “mundializado”;
- (e) modernização da agricultura promovendo êxodo rural;
- (f) rede de relações comerciais intimamente relacionadas.

A partir desse momento histórico a Geografia Tradicional deixou de estabelecer pressupostos teóricos globais que atendessem às demandas da realidade social e geográfica a partir de sua metodologia empírica e descritiva; tampouco o conceito de paisagem não conseguia mais atender à realidade caracterizada pelo crescimento urbano-industrial que provocou mudanças irreversíveis no espaço.

Assim, diferentes matrizes teóricas sobre o espaço geográfico começaram a se expandir com caráter teórico e quantitativo, principalmente no âmbito da economia, como

no caso dos trabalhos produzidos por Von Thünen, Weber, Perroux, Löesch, Christaller e Isard. Esses autores representaram a dimensão clássica dos estudos regionais, por terem contribuído com as análises locais; por proporcionarem tomadas de decisões estratégicas ao desenvolvimento regional; bem como porque conseguiram contemplar, em suas análises sobre o espaço, todas as dimensões dos setores da economia: agricultura, indústria e comércio (SASAKI, 2006).

Porém, a aplicação dos pressupostos teórico-metodológicos da Geografia Quantitativa para análise das relações sociais originou um problema de caráter epistemológico, porquanto é demasiadamente complexo realizar previsões e tentar enquadrar fenômenos do comportamento humano em modelos pré-estabelecidos. Assim, a Geografia Quantitativa encontrou o limite dos seus pressupostos metodológicos, ainda que com suporte de modernas técnicas, métodos e modelos variados de análises estatísticas.

Como contraponto a essa dimensão quantitativa da análise geográfica, um grupo de geógrafos primou por pesquisar, analisar até compreender a dimensão espacial com enfoque centrado na subjetividade das ações e iniciaram uma reflexão teórica sobre o espaço pautada na filosofia e psicologia, tendo o conceito de lugar como eixo de desenvolvimento do seu corpo teórico.

Ao contrário da *geografia tradicional*, que focava seus estudos na discussão sobre paisagem e região; da *geografia quantitativa*, que era pautada num conceito de paisagem que foi marginalizado e o de região que foi reduzido a um processo de classificação lógica com base estatística; e dos *geógrafos críticos*, fundamentados no materialismo histórico no qual o conceito de espaço reaparece como tema central; a *geografia humanística* valorizou o recorte espacial “lugar” enquanto um espaço no qual as idéias, sentimentos espaciais e emoções dos sujeitos que o compartilham são considerados.

A partir da década de 1960, a geografia humanística apresentou concepções que buscaram, inclusive, abordagens mais humanas da questão ambiental e da conscientização

do indivíduo. Foi uma “síntese de idéias provenientes da fenomenologia, do existencialismo, com pinceladas estruturalistas e idealistas” que se resultou de um longo processo de revisão e renovação da Geografia Cultural norte-americana (HOLZER, 1993, p. 126).

Alvarez (1982, p.12) retrata este período como o momento em que foi possível levantar “voces em contra de la ‘ditactura absolutista’ del positivismo lógico y se abri de nuevo um debate más vivo y variado que el que tuvo lugar com el advenimiento de la geografía cuantitativa”. Essas vozes, por sua vez, caracterizaram o início da ruptura de paradigmas, à luz de Khun (2003), do modo de pensar pautado na Geografia Quantitativa.

A partir desse movimento verificou-se o início de um posicionamento teórico heterogêneo da Geografia Quantitativa com vistas a uma sensibilização humana paulatina de suas construções teóricas, caminhando de um positivismo pragmático para um positivismo com requinte humanista (SMITH, 1979, 1981).

Criticada pelos seguidores da corrente quantitativa e pelos radicais, principalmente, os de cunho marxista, pelo seu caráter “impreciso” ou “distante dos problemas sociais”, a Geografia Humanística ganhou força com um caráter pluriparadigmático, o qual esta autora considera ser sua principal virtude: estar aberta e flexível às contribuições de outras áreas do conhecimento, bem como às recentes inovações científicas, sem que isso signifique falta de rigor do método de análise ou observação.

A corrente humanística não pode ser considerada uníssona; ela é flexível e se dimensiona a partir de como seus componentes preferem moldá-la. O espaço vivido relaciona-se com a dimensão da experiência humana dos lugares, ou seja, o modo como o sujeito percebe o objeto.

Nessa perspectiva, o pesquisador assume a responsabilidade de interpretar, ou pelo menos, buscar interpretar a complexidade de símbolos, signos e fenômenos que existem em cada ambiente. Assim, a percepção que o sujeito tem do ambiente relaciona-se diretamente com a subjetividade individual envolvida no processo de significação e como os grupos



humanos (seja o grupo que o sujeito pertence ou o que ele está analisando) se organizam em cada espaço específico.

Dentro dessa dimensão de análise, a Geografia Humanística valoriza o ser humano e revaloriza os conceitos de paisagem, lugar e região destacando a existência dos sujeitos e seu sentimento de pertencimento a um espaço. O lugar assume, então, uma *personalidade*, uma essência vital que se faz presente na história de cada sujeito favorecendo a relação com ele através das suas transformações no decorrer dos tempos. Assim, cabe ao geógrafo a interpretação hermenêutica<sup>11</sup> da complexidade das diferentes variáveis existentes no espaço.

O lugar torna-se realidade na consciência individual a partir do relacionamento com o espaço, não necessitando ser definido numa dimensão espacial ou imagem específica, limitada. O espaço pode se tornar um lugar; e o lugar traduz lembranças vivenciadas e compartilhadas. Tuan (1983, p. 6) referenda que “o espaço transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”, independente da extensão territorial. Portanto, o lugar pode existir em diferentes escalas, desde uma poltrona ao planeta Terra.

Harner (2001, p. 660) considera que “place is a process and it is human experience and struggle that give meaning to place. Place identity is a cultural value shared by the community, a collective understanding about social identity intertwined with place meaning”<sup>12</sup>. Assim, é possível afirmar que o lugar é um núcleo de significados imprescindível para a configuração da identidade individual de cada residente enquanto membro de uma comunidade.

---

<sup>11</sup> Hermenêutica é a área da atividade e da indagação filosófica que diz respeito à teoria e à prática da compreensão em geral, e à interpretação do significado de textos e ações em particular (BLEICHER, 1996, p. 350).

<sup>12</sup> Lugar é um processo e uma experiência humana que se esforça para atribuir significado ao lugar. Identidade de lugar é um valor cultural compartilhado com a comunidade, um entendimento coletivo sobre identidade social entrelaçada com o significado do lugar.

É nesse ponto que esta pesquisa será direcionada. No caso de Porto de Sauípe essas transformações foram demasiadamente aceleradas em virtude de intervenções turísticas, no caso em análise, da construção de um mega empreendimento turístico – o Complexo Turístico Costa do Sauípe – o que, seguramente, imperou a necessidade eminente de revisão de conceitos individuais e comunitários em face dos sérios impactos – negativos e positivos – sobre a realidade social, econômica, ambiental e espacial dos residentes de um lugar que possui múltiplos significados e que envolvem a cultura, a tradição, a história de antepassados e o imaginário de quem lá reside.

Segundo Camargo e Reis Júnior (2004, p. 101) a geografia humanista engloba

[...] as visões da percepção e do comportamento, verifica a postura holística, na qual a totalidade é sempre superior ao somatório de suas partes, e que, portanto, permite ao pesquisador conhecer a eterna evolução do espaço a partir da percepção kantiana do sujeito. Dessa forma, o geógrafo interpreta hermeneuticamente a complexidade das diferentes variáveis existentes no espaço.

A publicação de “The morphology of landscape” por **Carl Sauer**<sup>13</sup>, em 1925, marcou o início de uma postura diferenciada no tratamento do espaço geográfico, porquanto a fenomenologia foi inserida na discussão geográfica com o intuito de traduzir os significados em busca da percepção e da visão cultural do conceito de paisagem. Para Sauer (apud HOLZER, 1999, p. 68) “os fatos da Geografia são fatos do lugar; sua associação origina o conceito de paisagem”.

Holzer (2000, p. 136) afirma que os principais legados de Sauer foram:

[...] manter vivo o culturalismo e o antropocentrismo em meio a um cenário fortemente quantitativo, o que certamente permitiu a reação e ruptura na década de 70; respeitar a diversidade de temas e de interesses como “modus vivendi”, o que a manteve aberta para temas novos como o da percepção ambiental; enfatizar a interdisciplinaridade, permitindo aos geógrafos amplas incursões em outros

---

<sup>13</sup> A produção de Carl Sauer hoje pode ser classificada no âmbito da Geografia Cultural, a qual é considerada um ramo da Geografia Humana. Mas, pela importância teórica aos estudos geográficos será abordado nesta pesquisa. Ainda que não seja objeto dessa pesquisa, vale dizer que Sauer publicou ainda duas obras de referência que marcaram sua trajetória acadêmica e consolidaram as pesquisas no âmbito da Geografia Cultural e Humanística, são elas: *Recent Developments in Cultural Geography*, de 1927, que denotou a sua posição teórica em direção à Geografia Cultural e Histórica, e *Foreword to Historical Geography*, de 1941, na qual Sauer demonstrou amadurecimento intelectual do seu pensamento e fortaleceu a valorização dos elementos temporais e históricos como intervenientes da relação entre o ser humano e a paisagem.

campos do conhecimento sem o dilema de perder o domínio de seu objeto de estudo; valorizar o trabalho de campo e a recusa dos “a priori”; e, devido diretamente a Sauer, reafirmar a crença de que a geografia estava além da ciência e de que os males atuais seriam sanados pelas próximas gerações, bastando para isso que fosse mantida a liberdade acadêmica.

O estudo da Geografia estava, assim, vinculado ao conceito de “paisagem cultural”, no qual existe uma cadeia de reações que fazem da cultura um agente, da área natural um meio, e da paisagem natural um resultado de relações sociais. Em consonância com Holzer (1999) considera-se que Sauer tenha sido um dos primeiros, a desvincular o conceito de lugar a uma posição estritamente locacional, rompendo com os pressupostos positivistas.

A partir da produção saueriana, a subjetividade foi considerada elemento importante e constituinte da relação entre o ser humano e seu espaço, especialmente, a paisagem que é por ele construída e reconstruída em habitat. Dentre as diversas contribuições de Sauer destaca-se para essa pesquisa a abertura para a possibilidade de interpretação da realidade num contexto interdisciplinar, o que permite dialogar com a filosofia, a psicologia ou a sociologia; bem como a atribuição de valor a estudos que envolvem a percepção ambiental.

Na década de 1940 a dimensão subjetiva nos estudos geográficos emerge com a produção acadêmica **John Kirtland Wright**, tempo em que propõe a *geosofia* como um tipo de estudo menos formal sobre a realidade com a possibilidade de resgate de obras não científicas (e também a imaginação) como fundamento para conhecimento da realidade declarando que as *terrae incognitae* são as mais fascinantes de todas porque envolvem a mente humana. Assim, Wright (1947, p.11) considera: “my term is *geosophy*, compounded from *ge* meaning ‘earth’ and *sophia* meaning ‘knowledge’”, porquanto ele considera que o conhecimento sobre a geografia deveria ser universal não podendo ser monopólio dos geógrafos.

Sobre a imaginação afirma que existem três processos que se relacionam com a geografia: a imaginação promocional, a imaginação intuitiva e imaginação estética. Detalhadamente, Wright (1947, p. 5-6) esclarece:

The first, *promotional imagining*, is controlled by a desire to promote or defend any personal interest or cause other than that of seeking the objective truth for its own sake. It is subjective imagining dominated by such emotions as bias, prejudice, partiality, greed, fear, or even love, all of which may lead the imagination to produce illusory or deceptive conceptions conforming to what one would like rather than necessarily to the truth.

The purpose of *intuitive imagining*, the second type, is objective, in that the intent here is to secure realistic conceptions. It is, nevertheless a subjective process because it makes use of one's personal impressions of selected facts instead of impersonally considering and weighing all pertinent evidence. Much of the world's accumulated wisdom has thus been acquired, not from the rigorous application of scientific research, but through the skillful intuitive imagining – or insight- of philosophers, prophets, statesmen, artists, and scientists.

The third type of imagining - the type of which I should like to speak more especially - I have called "*aesthetic*," though I use this adjective reluctantly because of its frequent, though mistaken, mental association with the disagreeable noun "aesthete." Aesthetic imagining is merely a sub-species of promotional imagining, in which the dominant personal interest promoted is a desire to enjoy the process of imagining itself, and to give satisfaction to others by communicating the results in written or graphic form.

Analisando o postulado de Wright (1947) Berque (1981) considera que esse posicionamento tornou a geografia cultural mais humana e simbólica, afastando, em alguma medida, dos fatos e aproximando-se dos significados essenciais.

Como discípulo de Sauer, **David Lowenthal** consolida, a partir da década de 1950, os estudos humanísticos e cognitivos sobre a percepção. A dimensão da percepção ambiental destaca-se como um mecanismo de compreensão da realidade considerando, inclusive, possíveis distorções de interpretação que envolvem os sentimentos individuais quando se faz a leitura da realidade, num determinado tempo histórico. Dessa forma, o que os sujeitos percebem pertence ao mundo 'real' compartilhado pelo grupo; no entanto, independente da vontade individual o ambiente está sujeito a mudanças e transformações. Por isso, Lowenthal (1965, p. 189) ensina que “[...] we need to learn not only like is, but like will become<sup>14</sup>”.

Contemporâneo a Lowenthal, **Yi-Fu Tuan** vai discorrer sobre o conceito de lugar, o qual passa a ser compreendido como uma categoria da geografia que transcende a

---

<sup>14</sup> [...] precisamos aprender a ver as coisas não apenas como são, mas também como poderão vir a ser.

delimitação espacial de uma porção de terra e está contemplada numa dimensão subjetiva das mentes, memórias e histórias de vida onde existe uma relação emocional entre sujeitos.

Espaço e lugar são duas categorias que Tuan vai debruçar-se para explicar e diferenciar no decorrer de sua produção acadêmica. Para Tuan (1983, p. 151) “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado”; ou seja, o espaço é um símbolo comum de liberdade no mundo ocidental; e o espaço fechado e humanizado é lugar.

Tuan (1983, p. 14) considera que o lugar

[...] é uma classe especial de objeto. É uma concreção de valor, embora não seja uma coisa valiosa, que possa ser facilmente manipulada ou levada de um lado para o outro; é um objeto no qual se pode morar.

Aprofunda ainda, que o lugar atinge a realidade concreta quando a experiência do sujeito com ele é total. Afinal, a experiência

[...] implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experenciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento (TUAN, 1983, p. 10).

É através da produção de Tuan (1983), que o lugar deixa de ter uma conotação espacial e agrega a experiência vivida dos sujeitos como forma de configuração da realidade. Essa concepção foi influenciada pela fenomenologia de Heidegger e Merlau-Ponty afirmando o interesse nas relações entre conhecimento e existência, além da ressalva para a necessidade de não objetivação da realidade.

Ao publicar *Topofilia*<sup>15</sup>, Tuan (1980, p.56) valorizou a experiência enquanto conhecimento do espaço. E, nesse contexto, o lugar vai significar o produto da experiência humana; é “um centro de significados construídos pela experiência”.

---

<sup>15</sup> Além de ser o título do livro de Tuan, *topofilia* foi um termo criado por ele para representar um traço de afetividade humana ao lugar, o que inevitavelmente, pressupõe a importância da noção do senso de lugar. O sentimento topofílico significa o “amor” por “algum lugar”.

Nessa perspectiva, o homem constrói referenciais afetivos com o lugar que são desenvolvidos ao longo da vida, a partir da convivência. Esses lugares, por sua vez, possuem um conjunto de sensações emotivas, porquanto podem ser considerados seguros e/ou protegidos. É como a diferença entre “casa” e “lar”. Existem inúmeras casas num bairro, mas cada uma delas representa um lar para suas respectivas famílias, um “porto seguro”. Buttimer (1985b, p. 228) vai referendar esse argumento ao afirmar que o “lugar é o somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas”.

O método fenomenológico de interpretação da realidade vai ser introduzido na ciência geográfica por **Edward Relph**. Através dele os temas do cotidiano são valorizados, assim como será dada importância à experiência e intencionalidade para leitura e compreensão do mundo de forma holística. Assim, foi possível aproximar-se da realidade a partir da experiência vivida favorecendo a interpretação do espaço para além da conotação geométrica e planejada.

Holzer (1993, p. 127) esclarece que Relph diferenciou as experiências de espaço das experiências de lugar, possibilitando identificar seis tipos de espaço: (a) o *pragmático* ou *primitivo*, ligado à ação inconsciente; (b) o *perceptivo*, ligado à experiência imediata; (c) o *existencial* ou *vivido*, resultado de experiências intersubjetivas; (d) o *arquitetônico* ou do *planejamento*, que envolve a vontade deliberada de construir espaço; (e) o *cognitivo*, que é um constructo teórico; e (f) o *abstrato*, sobre o qual ocorrem as relações espaciais lógicas.

Partindo da apreensão do significado desses diferentes tipos de experiências do espaço, Relph (1979) afirma que os lugares são moldados, individualmente, a partir do entrelaçamento dessas experiências, e ratificando que o lugar não está delimitado numa categoria específica, pois depende da experiência continuada no mesmo espaço, até que seja possível moldar o sentido de lugar.

Relph (1979, p. 19) reforça a idéia de que o sentido de lugar ultrapassa o sentido de localização espacial. O lugar, nesse sentido, se refere a um “tipo de experiência e

envolvimento com o mundo, à necessidade de raízes e segurança”. Continua ainda que “[...] lugar significa muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas a tipos de experiência e envolvimento com o mundo”. Ou seja, o lugar é analisado e concebido a partir das experiências diretas da consciência individual desenvolvida sobre o ambiente que se relaciona.

Tuan (1980) e Relph (1979) consideram que o lugar é criado pelos seres humanos para propósitos humanos. Ou seja, a identidade e significado do lugar são configurados através da intenção humana e da relação com o cenário físico e atividades ali desenvolvidas.

Assim, a identidade de lugar é configurada através de uma combinação de observação e contato com o lugar, o qual representa um centro de significados. Pode-se inferir, ainda, que há relação entre o lugar e o tempo, uma vez que dificilmente o senso de lugar pode ser adquirido pelo simples fato de se passar por ele uma só vez.

Relph (1979, p. 41) afirma que

uma relação profunda com os lugares é tão necessária, e talvez tão inevitável quanto uma relação próxima com as pessoas; sem tais relações, a existência humana, embora possível, fica desprovida de grande parte de seu significado.

Nesse caso, o contato físico e temporal são imprescindíveis; ainda que seja possível uma “paixão à primeira vista”, como acontece com alguns estrangeiros ao se apaixonarem pela Bahia e aqui mudarem seu estilo de vida e residirem em áreas litorâneas banhadas pelo calor e ao sabor tropical das belezas naturais. Ao contrário, pode ser que o lugar onde se tenha relação direta seja o último lugar com o qual se queira estabelecer algum tipo de relação afetiva, estabelecendo-se assim, uma relação irreal, sem nenhum enraizamento (TUAN, 1983).

Essa última circunstância pode ser exemplificada com casos de crianças que crescem em orfanatos, internatos ou clínicas especializadas ou ainda de indivíduos que precisaram de acompanhamento em instituições de saúde. Esses lugares não são desejosos de retorno,

tampouco resgatam memórias afetivas de caráter agradável. Veja a síntese dos tipos de relação entre o espaço e tempo para a construção do senso de lugar na figura 1.

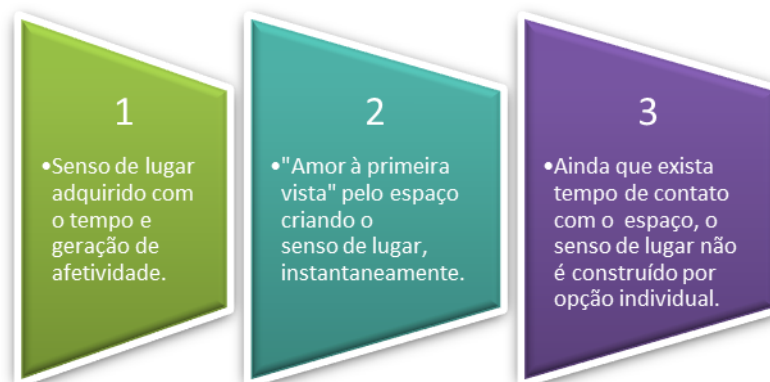


Figura 1 - Tipos de relação entre espaço e tempo para construção do senso de lugar, a partir das considerações de Tuan (1980, 1983) e Relph (1979).

Nota: Elaboração própria, 2008.

Dessa forma, Tuan (1983) afirma que o lugar pode adquirir profundo significado emocional para os sujeitos na medida em que eles se relacionam. O lugar é resultado da experiência humana, porquanto um longo período de tempo não é suficiente, nem é requisito para garantia da construção do senso de lugar para um indivíduo, afinal “se a experiência leva tempo, a própria passagem do tempo não garante a experiência” (TUAN, 1983, p. 97). O lugar ganha, assim, uma característica “estática” no sentido de que se transforma num ponto “fixo” comum que concentra o encontro de experiências diferentes.

A experiência para Tuan (1983) implica na estratégia de aprendizagem a partir da relação direta e íntima da vida de modo a atuar e criar; sendo que neste atuar envolvem-se o pensamento e o sentimento como elementos de sua modificação e inserção no mundo. É possível inferir, inclusive, que Tuan (1983) atribui valor ao autoconhecimento enquanto fundamento para a relação com o *outro*, pois é com relação corporal e do pensamento que o sujeito se relaciona.

Ainda que iniciado por Relph (1980) é com **Anne Buttimer** que os métodos de pesquisa em geografia recebem, decisivamente, as contribuições da filosofia e a linguagem



metafórica passa a permear os textos geográficos. Para Buttimer (1985, p. 170) os conceitos geográficos são estratégias “perigosas” que podem separar a compreensão dos comportamentos de suas origens. Para tanto, é necessário ao pesquisador a “reflexão a respeito da experiência consciente e uma tentativa para explicar isso em termos de significado e significância”.

Buttimer (1985, p. 178) considera que a experiência do lugar manifesta-se em diferentes escalas, porquanto “cada pessoa está rodeada por camadas concêntricas de espaço vivido, da sala para o lar, para a vizinhança, cidade, região e para a nação”. Santos (2002), por sua vez, induz a análise para a dimensão da existência humana considerando que o lugar se refere a um tratamento geográfico do mundo vivido, onde o próximo se superpõe enlaçando as noções e as realidades de espaço e tempo.

De forma geral, o lugar não possui limites concretos e “traduzíveis” para a realidade imediata, uma vez que é uma construção subjetiva individual e, ainda que faça parte do cotidiano dos indivíduos, em muitos casos, eles mesmos não percebem o lugar como tal, a menos que o “seu” lugar seja ameaçado ou sofra algum dano. A demolição da Igreja Primacial da Sé<sup>16</sup>, situada na cidade do Salvador-BA, em 1933, por exemplo, foi motivo de repulsa social e acadêmica. Recomenda-se a leitura das pesquisas de Tavares (2001) e Peres (1999) que retratam com repúdio essa ação pública.

Um bom exemplo de expressão da dimensão de representação do lugar na subjetividade individual é retratado por Santos (2007, p. 129) ao relatar sobre a Igreja da Sé: “este patrimônio esteve localizado durante 381 anos no Centro Histórico de Salvador e, por um capricho das autoridades ditas competentes, foi demolido, o que constituiu uma prova da falta de respeito e, acima de tudo, de visão futura”. Santos (2007) assim como vários cidadãos soteropolitanos também devem ter sentido que o poder público invadiu “seu

---

<sup>16</sup> A Igreja Primacial da Sé foi demolida em 1933 com o argumento do poder público de melhoria do sistema de transporte urbano de Salvador. Em parte do seu território foi construída uma praça.

lugar” e, sem pedir licença, apagou um registro da história e de lembranças agradáveis de suas vidas.

O mesmo ocorreu com a implantação de barragens em áreas urbanizadas e que as populações locais foram retiradas perdendo com a inundação dos seus “lugares” a referência de um passado de lembranças. Sobradinho, situado no sertão da Bahia, é um bom exemplo, pois inundou 4 (quatro) cidades. Sobre esse processo construção da barragem Souza e Caldas (2009, p. 32) relatam:

Estima-se que setenta mil pessoas foram desterritorializadas e “reterritorializadas” em outros espaços, novos, vazios de história. A inundação de cidades e vilas e o conseqüente apagamento de suas lembranças, de seu passado, foi traumático e deixou, seguramente, muitas seqüelas nestas populações. Esses poucos minutos de visitaçao fazem-nos mergulhar no tempo e refletir que a “paisagem” não é só aquilo que ela aparenta. Ela é plena de subjetividade [...]

Com a leitura fenomenológica de Buttiner (1985) cada indivíduo tem um “lugar natural” como marco inicial do seu sistema de referências pessoais, o qual recebe influências dos seus espaços circundantes que são associados ao seu lugar natural. Assim, é possível estabelecer uma relação dialógica entre os indivíduos e os lugares. Articulando ao exemplo citado sobre a Igreja Primacial da Sé pode-se concluir que ações públicas dessa natureza acontecem porque seus planejadores urbanos têm dificuldade de perceber as relações históricas e humanas que estão ligadas ao ambiente urbano de forma intrínseca quando projetam reformas e/ou expansão invasiva da rede urbana.

Buttiner (1985) partiu da experiência vivida (*lifeworld*) como alternativa à ciência objetiva de caráter positivista, adequando conceitos da fenomenologia e existencialismo à Geografia e moldando teoricamente a Geografia Humana; afinal, era necessário diferenciar, conceitualmente, o espaço vivido do espaço representacional; e, metodologicamente, a experiência subjetiva da experiência objetiva.

Segundo Holzer (1993, p. 126), Buttiner (1985) concluiu que a pesquisa em geografia perpassa por três caminhos:

(a) a construção do espaço como um mosaico de lugares que refletem as vontades, os valores e a memória humanos; (b) o estudo do espaço social, que filtra os sistemas sociais e as redes de interação; e (c) o estudo do espaço em termos de processos ecológicos e de sua organização funcional.

Nessa linha de análise questiona-se: *onde é o lugar do turismo?* Tuan (1983) responderia “onde é passível de atribuir significado” e Relph (1980) complementar “onde se realiza a experiência”, Buttimer (1985), por sua vez, “onde o mundo vivido possa ser identificado individualmente”.

O pesquisador humanista, de forma geral, refletiria à luz de Buttimer (1985), afirmando que o lugar do turismo é o mosaico de valores e memórias impressas na consciência humana, a partir da sua experiência direta e íntima, seja com o espaço onde se hospeda, seja com a comunidade com a qual se conhece e se convive, mesmo que temporariamente.

O lugar do turismo é aquele onde o turismo se realiza propriamente; é o lugar onde o anfitrião e o turista se relacionam diretamente, sem barreiras físicas ou simbólicas; é onde o turista permeia no ambiente do anfitrião; é o lugar onde o turista irá experimentar a realidade do outro e irá crescer pessoalmente e poderá satisfazer (ou não) suas expectativas de viagem que só o contato com o lugar turístico pode realizar.

Fratucci (2000, p. 130) afirma que “para o habitante, o anfitrião, a experiência irá propiciar, além do seu crescimento pessoal interior, a consolidação da sua identidade com o seu lugar e a consciência de todas as possibilidades do seu cotidiano”.

Independente da linha teórica adotada, dentro da Geografia Humanística é importante considerar que

For [humanistic geographers], place is never merely an object. It is always an object for a subject. It is seen, for each individual, as a center of meanings, intentions, or felt values; a focus of emotional or sentimental attachment; a locality of felt significance. (PRED, 2007, p. 1).

Assim, em concordância com Holzer (1999, 2005) e Tuan (1983) o conteúdo dos lugares é produzido pela consciência humana e por sua relação subjetiva com as coisas e com os demais seres humanos com os quais se relaciona. O lugar, além de ser uma “localização”, é um “artefato único”, e o turismo entende que para sua realização é necessário transformar cada momento turístico num momento único, singular e que seja impresso na memória do turista de forma agradável e inesquecível.

As principais críticas sobre a geografia humanística foram lançadas por Entrikin (1980) ao propalar que a sua metodologia e base filosófica eram uma alternativa inviável para a ciência geográfica por não estarem erguidas em bases sólidas suficientes para ser moldada como um ramo científico da geografia. Para ele os humanistas praticavam uma simples crítica ao positivismo com léxico “fenomenológico”.

Essas proposições de Entrikin (1980) ecoaram no mundo acadêmico a ponto de Relph (1980) criticar artigos de seus contemporâneos Tuan e Buttimer (HOLZER, 1993). O ponto positivo foi que essas mesmas críticas fomentaram o desenvolvimento de pesquisas aprofundadas sobre o humanismo (RELPH, 1981) e sobre a relação da fenomenologia com as ciências naturais (PICKLES, 1985).

O que vale considerar é que “o pensamento humanista é uma ponte entre a modernidade e a pós-modernidade na geografia” (HOLZER, 1993, p. 139). Afinal, segundo o seu expoente Yi-Fu Tuan (*Ibid.*) o lugar é necessariamente constituído a partir da experiência que se tem do mundo. Assim, com base no exposto, o próximo capítulo buscará caracterizar o lugar dos residentes do entorno do Rio Saúipe, os quais tiveram o turismo como um agente que penetrou na consciência individual e alterou suas vidas.

## **4 O LUGAR EM ANÁLISE: CARACTERIZAÇÃO REGIONAL**

**E**ste capítulo se propõe a caracterizar a comunidade de Porto de Sauípe buscando apresentar ao leitor a sua localização geográfica e as principais informações sobre sua história e sua configuração social, ambiental e econômica.

O Litoral Norte é uma experiência contínua e cíclica de ocupação, resistência e povoamento, desde os tempos coloniais quando foi ocupada por portugueses que enfrentaram a resistência física da demografia e dos índios à atual ocupação pela lógica da especulação imobiliária e golpes tributários que enfrentam a resistência pacífica de ambientalistas e comunidades tradicionais que tentam manter sua cultura viva para as próximas gerações.

Assim, para sustentar os argumentos teóricos e históricos referencia-se a leitura de Bandeira (2007) com sua rica exposição histórica sobre a Casa da Torre; Brandão (1992) com os dados socioeconômicos relatados no EIA/RIMA da BA-099 e que alertavam para os riscos socioambientais; os dados estatísticos do Atlas do Desenvolvimento Humano organizados e divulgados pelo IBGE (2004); bem como as análises sociológicas, antropológicas e históricas de Mattedi (2001a, 2002), Stifelman (1997), Sasaki (2006) e Souza (2008).

### **4.1 CARACTERIZAÇÃO SOCIOGEOGRÁFICA**

Porto de Sauípe é distrito do município de Entre Rios, está na área de impacto direto do Complexo Turístico Costa do Sauípe e situa-se no âmbito da APA Litoral Norte (APA LN) (ver figura 2), a qual se insere no circuito de financiamento de projetos na zona turística Costa dos Coqueiros e que vem sendo alvo de inúmeros estudos e pesquisas.

Segundo o substitutivo ao Projeto de Lei – PL 2.892/92, de 1996, que cria o Sistema Nacional de Unidades de Conservação/SNUC o conceito de APA é definido como sendo uma área

[...] em geral extensa, com certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar da população residente e do entorno.

Dessa forma, a APA LN é uma faixa litorânea com, aproximadamente, 140 km de extensão por 10 km de largura com uma área total de cerca de 1.384 km<sup>2</sup>. Segundo o Decreto Estadual nº 1046, de 17 de março de 1992 a APA LN *in verbis*:

Art. 1º - Fica criada a Área de Proteção Ambiental do Litoral Norte do Estado da Bahia, abrangendo áreas da planície marinha e planície flúvio-marinha dos municípios de Jandaíra, Conde, Esplanada, Entre Rios e Mata de São João, cuja área territorial está compreendida no Norte pelo limite fronteiro entre os Estados da Bahia e Sergipe (Rio Real) que coincide com o limite Norte do Município de Jandaíra, a Leste pelo Oceano Atlântico, ao Sul pelo curso do Rio Pojuca, Limite Sul do Município de Mata de São João, e ao Oeste pela linha distante 10km dos pontos de preamar média de 1831, nos termos do PORTO MARINST nº 318.001-A, de 30 de setembro de 1982 e do Programa Nacional de Gerenciamento Costeiro.

Segundo os dados do último censo demográfico realizado pelo IBGE em 2000, a APA LN possui uma população de, aproximadamente, 128.000 pessoas. De acordo com informações do Centro de Recursos Ambientais (CRA), a sua criação, foi fundamentada na necessidade de conservar e preservar os remanescentes da Mata Atlântica, associados aos manguezais, áreas estuarinas, restingas, dunas e lagoas.

Lorimer (1998) sustenta que a APA LN é caracterizada fisicamente por uma série de regiões homogêneas paralelas ao mar que se apresentam como: praias, cordão de dunas,

baixios margeados por terraços marinhos baixos e altos, série adicional de dunas de areia e leques aluviais: Formação Barreiras assentadas em Base Cristalina.

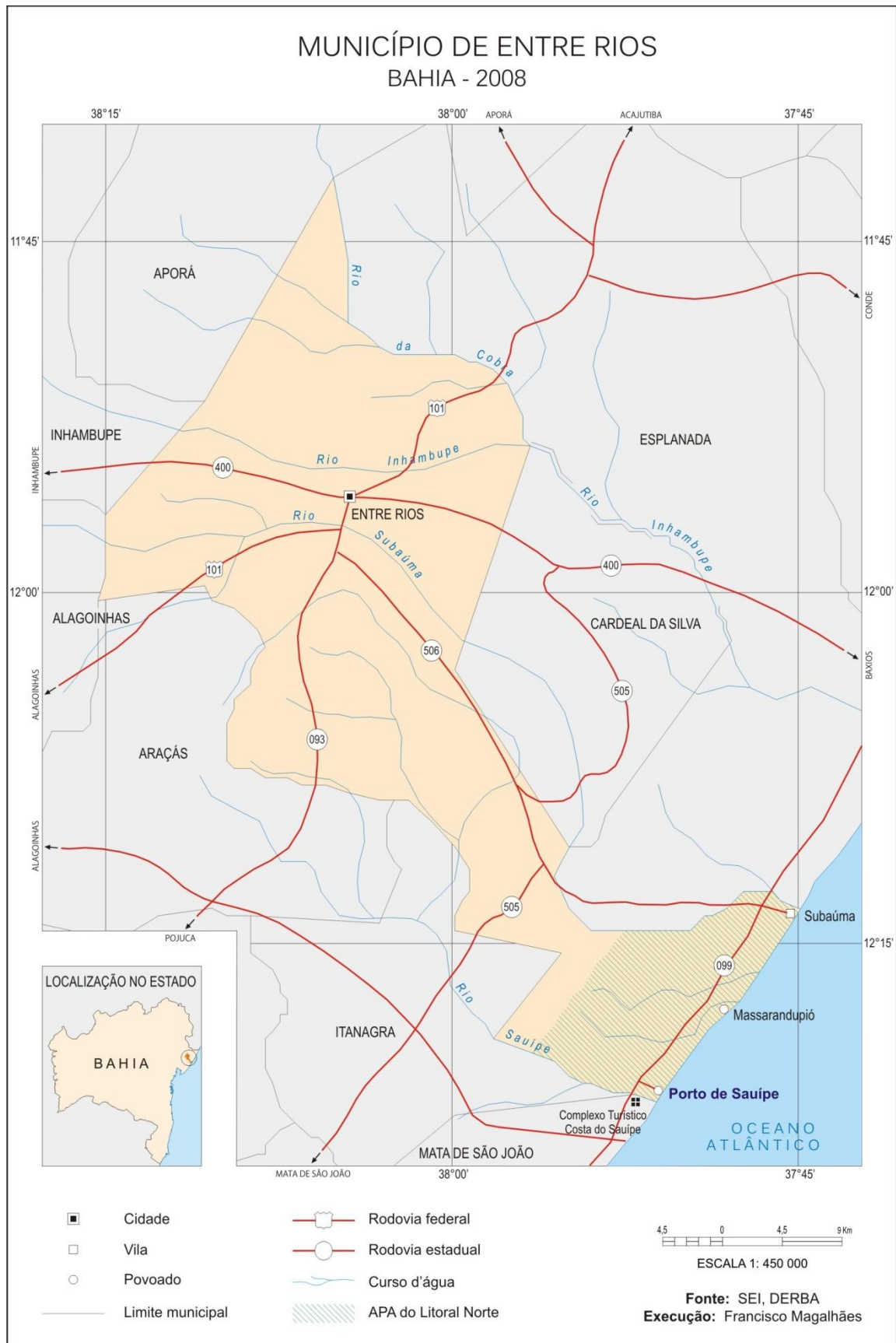


Figura 2 – Localização de Porto de Sauípe, no âmbito do município de Entre Rios  
Nota: Mapa elaborado por solicitação da autora, 2008.



O acesso à comunidade sauípense pode se dar pela BA-099 ou Linha Verde, num total de 104 km de distância até Salvador ou pela BR-101 seguindo-se pela BA-867. Para compreensão da rede viária do Litoral Norte veja-se o mapa na figura 4. Esta última rodovia liga a BA-099 ao centro da localidade, numa extensão de 4 km de vias pavimentadas, e que tem uma paisagem cercada de mangues e áreas banhadas pelo rio Sauípe e pelo mar (ver figura 3).



Figura 3 – Via de acesso à Porto de Sauípe, a partir da BA-099  
Fonte: Pesquisa Direta, 2008.

O Município de Entre Rios foi criado por Lei provincial, em 1872, e está inserido na região econômica do Litoral Norte da Bahia limitando-se com os municípios de Mata de São João, Itanagra, Araçás, Alagoinhas, Inhambupe, Aporá, Esplanada e Cardeal da Silva (ver figura 4).

Segundo o relatório de pesquisa sobre as Bacias Hidrográficas do Litoral Norte e Rio Inhambupe (SOUZA, 2008), a cobertura vegetal predominante de Porto de Sauípe é a floresta ombrófila densa das terras baixas com antropismo, zonas de tensão ecológica e pluviometria acima de 1800mm.

Porto de Sauípe é debruçado sobre as águas do Oceano Atlântico e às margens do rio homônimo. Cabe destacar que Porto de Sauípe é diferente de Vila Sauípe que se localiza no município de Mata de São João e na outra margem da Linha Verde. Para visualização dos espaços urbanos do povoado veja-se a figura 5.



Figura 4 – Região do sistema rodoviário da BA-099, 2003  
 Fonte: Magalhães (2003).

Figura 5 – Montagem dos espaços urbanos de Porto de Saúpe.

Após análise da figura 5 é importante ressaltar que as propostas de intervenção urbana em Porto de Sauípe precisam ser criteriosamente planejadas, pois esse povoado possui uma ampla zona de expansão para crescimento urbano, ao lado de uma vasta área que precisa ser conservada pela existência de vida silvestre e pela presença de hidrografia de importância fundamental para a região do Litoral Norte, além de área com potencial para a agricultura.

Apesar de existir uma estátua com a imagem de Cristo à beira da praia e uma cruz de madeira murada e cercada por uma proteção de alvenaria, não se verifica que a cidade possui um clima religioso específico. Ao contrário, a religiosidade ou hábitos naturais ou alternativos de vida não fazem parte da comunidade. Um dos moradores relatou que tanto a cruz quanto a estátua fazem parte de uma história desconhecida por eles.

Como visto na figura 5, as mudanças em Porto de Sauípe e o desordenamento da paisagem urbana refletem sua história e um conjunto de intervenções urbanísticas (ou a falta delas) naquele espaço. Ainda que pareça contraditório com o Complexo Turístico localizado ao lado de Porto de Sauípe, aqui o turismo de veraneio continua sendo a principal atividade turística. A infra-estrutura hoteleira de Porto de Sauípe está longe de concorrer com o Complexo, bem como os serviços de lazer e entretenimento disponíveis, que atingem outra clientela.

Considerando que Tuan (1983, p. 11) sustenta que “a experiência é constituída de sentimento e pensamento” é importante revelar que as visitas a Porto de Sauípe são realizadas por esta pesquisadora há sete anos, mas a impressão que se tem é que o núcleo urbano central sempre permanece com a mesma paisagem confusa e poluída formada por diferentes formas arquitetônicas que se misturam e refletem o contexto socioeconômico que se consolidou na região.

## 4.2 CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA

Segundo dados do IBGE (2004), no período de 1991 a 2000 o município de Entre Rios registrou taxa de crescimento de 3,55%, aumentando sua população de 27.718 para 37.513 habitantes distribuídos em uma área de 1.164,8 km<sup>2</sup>, dos quais 38,64% na zona rural e 61,36% na zona urbana. No ano 2000, a população do município representou 0,29% da população do Estado e 0,02% do país (Ver tabela 1 e figura 6).

Tabela 1 – Dados populacionais de Entre Rios por situação de domicílio, período 1991-2000

SITUAÇÃO	1991	2000
<b>População Total</b>	<b>27.718</b>	<b>37.513</b>
Urbana	16.897	23.019
Rural	10.821	14.494
<i>Taxa de urbanização</i>	<i>60,96%</i>	<i>61,36%</i>

Fonte: IBGE (2000).

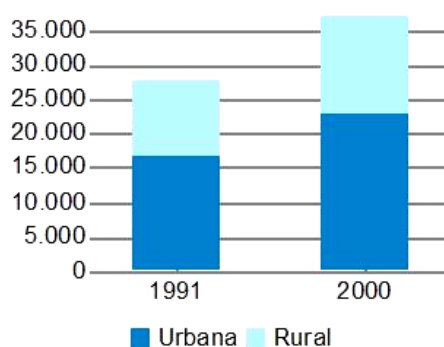


Figura 6 – Dados populacionais de Entre Rios por situação de domicílio, no período 1991-2000  
Fonte: IBGE, 2000.

No tocante à população de Porto de Saúipe tem-se o registro de um censo demográfico realizado nesse distrito pelo Programa Berimbau (Saúipe S/A), que contou a existência de 1.103 domicílios, com 4.241 indivíduos, numa média de 3,85 hab/domicílio. De

acordo com Souza (2008) o distrito de Porto de Sauípe possui densidade demográfica na faixa de 61,68 a 109,26 hab/km<sup>2</sup>.

Segundo os dados do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2000) os indicadores de renda, pobreza e desigualdade social do município refletiram o aumento da renda per capita que cresceu 58,84%, passando de R\$ 69,04, em 1991, para R\$ 109,66 em 2000. Vale lembrar que o salário mínimo deste período era equivalente a R\$ 151,00. Nesse mesmo período, registrou-se o crescimento da renda per capita da população de R\$ 69,04, em 1991, para R\$ 109,66 em 2000 (ver figura 7).

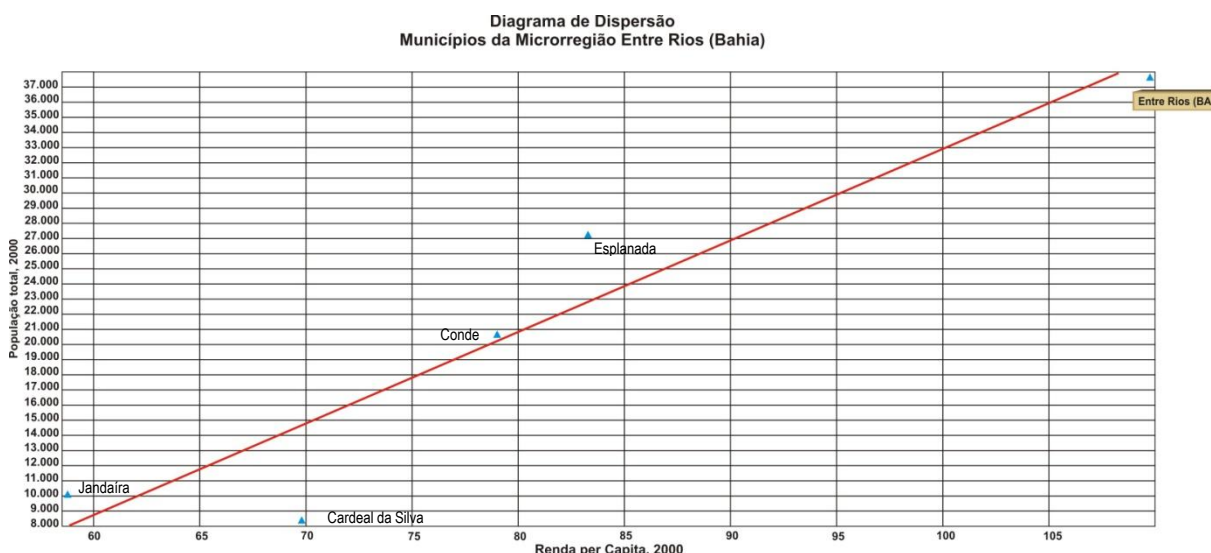


Figura 7 – Diagrama de dispersão das variáveis: população total e renda per capita, 2000  
Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano (IBGE, 2000).

Porém, ainda que a renda per capita tenha aumentado, verificou-se também que aumentou a concentração de renda, passando de 58,4% (1991) para 62,8% (2000) a porcentagem de renda do município concentrada nas mãos de 20% da classe mais rica.

Conforme dados apresentados nas tabelas 2 e 3, o nível de escolaridade da população jovem do município de Entre Rios melhorou. A taxa de analfabetismo entre 18 e 24 anos diminuiu 14,6% passando de 24% de analfabetos nessa faixa etária em 1991 para

9,4%. Entre a população adulta – acima de 25 anos – a taxa de analfabetismo também diminuiu de 49,7% em 1991 para 35,4% em 2000.

Tabela 2 - Nível de escolaridade da população jovem, 1991 e 2000

Faixa etária (anos)	Taxa de analfabetismo		% com menos de 4 anos de estudo		% com menos de 8 anos de estudo		% freqüentando a escola	
	1991	2000	1991	2000	1991	2000	1991	2000
7 a 14	49,7	21,4	-	-	-	-	68,4	94,5
10 a 14	34,0	9,4	87,9	68,1	-	-	73,7	95,2
15 a 17	27,2	7,6	52,6	32,9	94,3	91,1	56,7	76,0
18 a 24	24,0	9,4	45,6	31,1	87,3	71,4	-	-

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano (IBGE, 2000).

Nota: Onde se vê o símbolo “-” leia-se “não se aplica”.

Tabela 3 - Nível de escolaridade da população adulta (25 anos ou mais), 1991 e 2000

Nível Educacional	1991	2000
Taxa de analfabetismo	49,7	35,4
% com menos de 4 anos de estudo	73,2	57,4
% com menos de 8 anos de estudo	92,5	82,4
Média de anos de estudo	2,1	3,6

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano (IBGE, 2000).

A melhoria dos índices educacionais favoreceu, inclusive, a melhoria do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M), este que cresceu 19,62% passando de 0,525 em 1991 para 0,628 em 2000. Para se ter uma referência, o município de Salvador tem IDH-M de 0,805, o mais alto do estado da Bahia. Ainda que tenha aumentado, o IDH-M de Entre Rios reflete sua situação intermediária em relação aos demais municípios baianos, porquanto ocupa a 183ª posição, sendo que 182 municípios (43,9%) estão em situação melhor e 232 municípios (56,1%) estão em situação pior ou igual. É evidente que há muito para se realizar em Entre Rios, mas para se planejar o futuro é importante que se conheça o passado da região que o levou a atual configuração.

### 4.3 CARACTERIZAÇÃO SOCIOHISTÓRICA

A configuração sociohistórica do Litoral Norte da Bahia remete ao próprio processo de formação histórica do Brasil. Da mesma forma como os portugueses fizeram com os tupis que viviam em terras litorâneas, assim aconteceu com o litoral norte: ocupação, resistência e povoamento.

Muitas gerações compuseram a história da região litorânea do norte da Bahia. O processo de ocupação dessa região teve início na segunda metade do século XVI, estendendo-se até o século XIX, quando os descendentes da família Garcia D'Avila venderam parte de suas terras a *Sigisfred Sigismundo Schindler*, um prussiano naturalizado norte-americano, que chegou ao Brasil no ano de 1879, e instalou-se no litoral norte da Bahia, desenvolvendo uma atividade extrativista de produtos naturais e configurando-se como um bem sucedido exportador de produtos naturais (STIFELMAN, 1997).

O primeiro momento de ocupação do Litoral Norte se deu entre 1563 a 1609 de forma lenta e invasiva, pelos Garcia D'Ávila que devastaram essa região, anteriormente ocupada por índios tupis, tupinambás e massarandupióis. As terras da família Garcia D'Ávila foram consideradas como o maior latifúndio do mundo, pois elas se estendiam da Bahia ao Maranhão (MATTEDI, 2002).

A presença da família Garcia D'Ávila no Litoral Norte foi o marco inicial de “um processo de submissão e dizimação sistemática de populações autóctones e de ecossistemas costeiros [...] para o estabelecimento de uma economia que tinha no extrativismo e na pecuária extensiva suas principais atividades” (MATTEDI, 2002, p. 29).

Nesse período construíram a primeira Casa da Torre, da qual atualmente não restam vestígios. Foi então em 1716 que se concluiu a construção da segunda Casa da Torre da qual ainda existem ruínas localizadas na vila de Praia do Forte (MATTEDI, 2002, p. 28). A Casa da



Torre<sup>17</sup> é uma construção em estilo medieval, com paredes espessas e imponentes, que desempenhou diferentes funções ao longo os anos.

Dentre muitas, pode-se dizer que foi atribuída à Casa da Torre o papel principal de proteção e defesa de todo aquele território recém-dominado contra os holandeses, bem como a expectativa de riqueza em virtude de suas terras prósperas para o plantio e pela possibilidade de garimpo de metais amarelos, segundo informações divulgadas pelos índios (BANDEIRA, 2007).

Segundo Souza (2002b):

O lendário patrimônio passou por múltiplas e sucessivas transmissões de herdeiros, sendo que, em 1855, chegou aos descendentes do Visconde e da Viscondessa da “Casa da Torre”, ou melhor, aos filhos Garcia, Domingos, Catarina, Leonor e Tereza, tendo como testamenteiro o capitão Salvador Pires de Carvalho e Aragão.

Na partilha de bens, julgada em 22 de maio de 1857, o herdeiro Garcia Dias Pires de Carvalho e Albuquerque ficou com as terras que englobam Sauípe, Massarandupió e outras da região.

Entre 1890 a 1898, os descendentes da família Garcia D'Ávila venderam parte de suas terras a Sigisfred Sigismundo Schindler, um prussiano naturalizado norte-americano e a sua esposa Florence Mary Stratford Schindler, que chegaram ao Brasil no ano de 1879, e instalaram-se no Litoral Norte da Bahia, desenvolvendo uma bem sucedida atividade extrativista de produtos naturais e minerais (STIFELMAN, 1997).

Essas terras de propriedade da família Garcia D'Ávila que foram compradas pelos Schindler estendem-se da Praia do Forte à Vila do Conde, na parte mais setentrional do estado, compreendendo Mata de São João, Inhambupe, Pojuca, Entre Rios, Conde e Esplanada. Em todos esses locais ele implantou armazéns para estocagem de seus produtos para exportação.

A presença dos Schindler na região foi tão significativa para a economia local que a localidade de Porto de Sauípe (município de Entre Rios), por exemplo, tem esse nome devido

---

<sup>17</sup> Para visualização de fotos das ruínas da Casa da Torre recomenda-se a visita ao site da Fundação Garcia D'Ávila <[www.fgd.org.br](http://www.fgd.org.br)>.

ao porto que foi construído por ele em 1898 e pelo nome do rio que passa à margem da localidade.

Os relatos da etnografia realizada por Stifelman (1997) na região de Porto de Saúipe revelam a importância da construção desse porto para os moradores, que no período já era superior a mil pessoas. Stifelman (1997, p. 47) apresentou uma notícia de um periódico da época que mostra esse argumento, *in verbis*:

Grande melhoramento acaba de trazer a esta localidade o distinto cidadão norte americano [sic] S. Schindler; à força de perseverança, inteligência e dispêndio, conseguindo obstruir a cordilheira de pedras na extensão de cerca de 20 metros que interceptava a navegação de barcos de qualquer natureza, da barra a alcançar a margem do rio, neste povoado; o que significa ter ficado este povo e a grande quantidade de generos productivos desta zona, a 10 horas, apenas da capital; quando até agora era necessário viajar-se 12 léguas a cavallo e conduzir-se mercadorias em carros com grandes detrimientos e despesas para alcançar-se a estação mais próxima á estrada de ferro de Alagoinhas [...]. Porto Schindler em Saühype, 5 de setembro de 1898.  
A gratidão publica.

Essa notícia referenda a hipótese de que até a inauguração desse porto, a comunicação com Salvador se dava através da estrada de ferro de Alagoinhas. Informações do período indicam que Schindler possuía uma frota de 12 barcos com capacidade de carga que variava de 40 a 200 toneladas, fato que auferia a ele o reconhecimento de maior exportador de produtos naturais da região.

Schindler exportava todo o tipo de produto natural da região que era “exportável”. Estudos confirmam que ele exportava o maior número possível de produtos que variavam dos mais comuns aos mais exóticos, como por exemplo, do coco à pele de cobra. Segundo relatos dos descendentes e do próprio Schindler publicados por Stifelman (1997, p. 43) podem-se apontar alguns produtos que foram exportados:

O coco, o corte da piaçava, borracha da mangabeira, raízes medicinais, especialmente mamona, videiras selvagens, tinguí, frutas secas, farinha de banana. [...] No mercado de Queimadas vi um homem simples vendendo pele de cobra por trezentos réis cada, comprei algumas e comecei a exportação de mais este produto da região.

Segundo informações divulgadas pela mídia impressa de Salvador os produtos naturais da Bahia tinham destinos e finalidades muito variadas entre os quais pode-se apontar a utilização para confecção de artefatos de guerra:

[...] os ingleses estavam interessados na extração e processamento das ceras de carnaúba e do ouricuri para exportação para a Inglaterra, onde seriam empregadas, sobretudo, na confecção de explosivos para a guerra (SOUZA, 2002d).

Estudos sobre a região relatam que as terras de Schindler foram repassadas, mediante escritura pública de 30 de setembro de 1908, a uma companhia inglesa de borracha: *The Bahia Rubber and Fibre Plantations Limited*, autorizada por ato governamental a atuar no Brasil (MATTEDI, 2002). Logo depois, essa firma, sediada na Bahia, repassou o controle para *The British and Brazilian Rubber Planters Manufactures Limited*, com sede em Londres, e que foi a responsável legal pela construção da linha férrea Salvador-Alagoinhas-Juazeiro, feita pela *Bahia and São Francisco Railway Company*.

Vale dizer que os ingleses nunca ocuparam as terras, os quais até recentemente pagavam tributos pelo uso e ocupação do solo. Assim, as terras de Massarandupió e Sauípe, conforme constam na Receita Federal e no Arquivo Público, pertencem a essa firma inglesa e aos posseiros (por uso capião) (SOUZA, 2002b).

Assim, a *British and Brazilian Rubber Planters Manufactures Limited*, inicialmente, deu continuidade às atividades de exportação de produtos naturais desenvolvidas pelos Schindler e também com atividades de arrendamento de pequenas propriedades de terras aos moradores que lá viviam. Esse espaço ocupado pelos Schindler possuía aproximadamente 80.000 ha. da região ou 20 km de costa litorânea por 40 km para o interior.

Essa companhia inglesa de borracha, por sua vez, assumiu a falência, em 1940, e entregou as terras litorâneas da Bahia ao *Bank of London*. Já em 1944, essas terras são compradas, legalmente, da companhia inglesa pela Construtora Norberto Odebrecht (CNO),

a qual indenizou inúmeros posseiros da região e construiu posteriormente, em parte dessas terras, o Complexo Turístico Costa do Saúipe, inaugurado em 2000. Segundo Souza (2002d):

Norberto Odebrecht adquiriu parte das terras de Saúipe, em 1944, junto ao Bank of London (Banco de Londres), e cuja área – em torno de 1,7 mil hectares –, constitui hoje o Complexo Turístico de Saúipe. O empresário indenizou 2,5 mil posseiros, e em razão disso, aquela área não é hoje contestada na Justiça, como ocorre com as terras adquiridas pelo grupo português (Pacab Brasil).

Assim, na época da falência do *Bank of London*, a Construtora Norberto Odebrecht comprou as terras para construção de seu complexo hoteleiro, restando outra parte (maior) que ficou passando por diferentes disputas judiciais para se descobrir, ao certo, a quem pertenciam e/ou a quem de fato tinha o direito de posse. Inicialmente, essas terras devolutas seriam de propriedade dos municípios em questão.

Porém, na época, a disputa por essas terras foi objeto de um verdadeiro golpe imobiliário dado por um rábula denominado Rozendo Serapião de Souza, que nascido e residente no município de Entre Rios, atuava na região e se auto-intitulava o proprietário das terras, requerendo-as ao Patrimônio da União.

Após a morte de Rozendo Serapião, seu filho, Manoel Serapião de Souza, após brigas judiciais na comarca de Entre Rios conseguiu firmar no Patrimônio da União, a inscrição como ocupante das áreas litigiosas. Em meados dos anos 1970, passou a proclamar-se dono desse território firmando um consórcio com a Barreto de Araújo Empreendimentos Imobiliários, empreiteira ligada ao Banco Econômico, confirmando o golpe especulativo e imobiliário.

Um pouco antes desse golpe, em virtude da emergência do processo de industrialização na década de 50 e a descoberta de petróleo na região, foram colocados em operação diversos poços de petróleo que refletiram sérios impactos socioambientais. Com o advento da crise do petróleo, na década de 70, a atividade que ascendeu por toda a região foi a produção de celulose e carvão vegetal, produto que tinha, na época, alto valor no mercado internacional. Assim, foi implantado o Distrito Florestal do Litoral Norte da Bahia,

abrangendo 763.000 hectares e vários municípios. Instalaram-se na área empresas reflorestadoras apoiadas por uma política vantajosa de subsídios fiscais (MATTEI, 2001a, p. 15).

O extrativismo de produtos naturais da região movimentou a economia local até pouco tempo atrás. Hoje, embora existam, ainda, atividades extrativistas, de agricultura e pecuária, são, na sua maioria, voltadas para a subsistência. Da década de 1970 até os dias atuais, a região começou a ser vista com novos olhos: a ótica do turismo e de empreendimentos imobiliários de luxo. Com isso, inevitavelmente os impactos socioambientais agravaram-se cada vez mais.

Com fins de minimizar impactos turísticos no meio ambiente, em 1975, foi criado o Parque Florestal Garcia D'Avila, através do Decreto Estadual nº 24.643/75, abrangendo os municípios de Mata de São João e Camaçari. Em 1977, a área foi transformada em Refúgio Particular de Animais Silvestres, através do IBDF/IBAMA.

Já em 1982 foi construída a ponte sobre o Rio Pojuca, consolidando o trecho Areembepe - Rio Pojuca da BA-099, tempo em que se ampliou a rede de energia elétrica e o Projeto TAMAR foi institucionalizado, até que, em 1992, através do PRODETUR-1, foi finalizada a construção da rodovia BA-099 ou Linha Verde, a qual marcou decisivamente a história e a vida de cada um dos moradores do litoral norte da Bahia e que será narrada pelos depoimentos dos partícipes desta pesquisa.

A construção da rodovia “Linha Verde” foi parte do processo de desenvolvimento turístico na Bahia. Antes da inauguração da estrada<sup>18</sup>, em 1993, a área atualmente constituída pela APA-LN era servida por vias de má qualidade, tornando o contato com a capital inconstante e de difícil acesso, principalmente na época das chuvas.

---

<sup>18</sup> Antes deste período só havia estrada asfaltada até a Praia do Forte; ou seja, alguns quilômetros depois da ponte sobre o Rio Pojuca.

A “Linha Verde” transformou a realidade socioeconômica das populações locais, pois ligou o aeroporto de Salvador aos pontos potencialmente turísticos da região. Ao mesmo tempo, dividiu as comunidades tradicionais e reconfigurou o espaço. A margem direita (no sentido Bahia – Sergipe), banhada pelo oceano Atlântico, ficou disponível para a construção de empreendimentos turísticos e para apreciação das pessoas que visitam o local; e a margem esquerda, residência de comunidades tradicionais.

Segundo os relatórios de Brandão (1992) e Souza e outros autores (1991) a previsibilidade desses impactos era nítida desde a elaboração do Estudo de Impacto Ambiental (EIA/RIMA). O parecer dos técnicos e consultores solicitava alterações e desvios em alguns trechos, bem como clamava pela eminente necessidade de preservação físico e socioambiental de alguns pontos que interferiam diretamente no meio ambiente natural e social.

O relatório do EIA/RIMA elaborou algumas conclusões e recomendações para cada trecho da rodovia, divididos em: a) trecho Açú da Torre – Massarandupió; b) trecho Rio Massarandupió – Rio Inhambupe; c) Rio Inhambupe – Rio Itapicuru; e d) Rio Itapicuru – Rio Real. O primeiro trecho é o que interessa diretamente a esta pesquisa, porque compreende o Complexo Turístico Costa do Sauípe e o povoado de Porto de Sauípe. Para esse trecho, o relatório (BRANDÃO, 1992, s/p, grifos nossos) afirma que:

Nesse trecho, a rodovia percorre pontos mais próximos à linha de praia, atravessando área de transição entre a Formação Barreiras e formações quaternárias de sedimentos marinhos, caracterizados como dunas e restingas. Segundo a legislação federal deverão ser permanente e preservadas e mantidas nas suas características naturais, tendo em vista a fragilidade desses ecossistemas.

[...]

Sob o ponto de vista socioeconômico, esse trecho da rodovia atravessa uma região altamente ocupada, com elevada densidade habitacional, devendo, ao máximo ser mantida a estrutura organizacional desses aglomerados, conforme analisado anteriormente.

Para esse trecho da rodovia, os Estudos de Impacto Ambiental recomendam o estudo de uma variante que permita o deslocamento do traçado na direção noroeste, de forma a localizar a rodovia sobre a Formação Barreiras, promovendo um maior afastamento dos sedimentos quaternários (dunas). Apesar dessa área hoje atravessar um ambiente em processo de degradação, com a implantação de

loteamentos sobre as dunas, não é justificável contribuir para esse processo, principalmente porque o mesmo fere a legislação Federal e Estadual.

Mais de uma década já se passou desde a publicação desse relatório, e, ainda, consegue-se associar à contemporaneidade os mesmos problemas de caráter socioambiental. Inicialmente, essa estrada foi projetada dentro de uma lógica moderna facilitando o acesso à área e criando perspectivas de desenvolvimento regional através da implementação de projetos turísticos de todos os portes, desde pousadas aos hotéis de padrão internacional.

Essa perspectiva de desenvolvimento econômico e regional acompanhou a expectativa das populações locais de transformação social gerada por meio de melhoria da qualidade de vida com aumento de renda e empregos na região, principalmente nas atividades ligadas ao turismo, mas deflagrou decepções pessoais e prejuízos socioambientais como a violência, a prostituição e a degradação do meio ambiente.

Diante desse contexto regional, é possível inferir que os moradores não foram beneficiados por todo este “progresso”. Pelo contrário, os moradores, principalmente, os que residem do lado oeste da “Linha” (sentido Bahia-Sergipe) foram os que mais sofreram a marginalização social, haja vista os índices de analfabetismo, inexistência de saneamento básico, baixos níveis de renda e/ou falta de emprego (SASAKI, 2006).

Mattedi (2001b) afirma que essas populações perderam duplamente: de um lado, o acesso aos recursos naturais, de outro, o acesso aos empregos gerados pelas novas atividades, uma vez que o potencial de capacitação profissional para atuação em equipamentos hoteleiros era inexistente.

A assertiva apresentada por Mattedi (2001b) ilustra o que aconteceu com Porto de Saúipe e que será apresentado no capítulo 6. No entanto, para apresentar os relatos dos sujeitos partícipes da pesquisa, é importante compreender como as informações foram geradas e de que forma a leitura e interpretação das mesmas foram realizadas. Eis o objetivo

do próximo capítulo: contextualizar a estrutura teórica e metodológica antes da exposição das configurações subjetivas dos moradores de Porto de Saúpe.



## 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

**P**ara que seja possível compreender os meios utilizados para se chegar às informações geradas durante essa pesquisa é imprescindível o conhecimento do caminho metodológico utilizado. No capítulo anterior, o lugar “Porto de Sauípe” foi apresentado à luz de seu contexto histórico e caracterização regional. Neste capítulo serão apresentados os mecanismos que possibilitaram a leitura e interpretação da subjetividade individual e social dos moradores antigos de Porto de Sauípe e os recém-chegados.

Cumprir informar que a Teoria da Subjetividade e a epistemologia qualitativa expressas na literatura de González Rey (1997, 1999, 2003, 2004, 2005a, 2005b, 2007) serão apresentadas como moldura teórica para a compreensão da identidade de lugar dos moradores de Porto de Sauípe. Ao final do capítulo serão apresentados os instrumentos e estratégias de geração das informações com respectivas justificativas de aplicabilidade.

### 5.1 EPISTEMOLOGIA QUALITATIVA: PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Considerando que a experiência do lugar é absorvida em níveis diferentes, pois depende de cada indivíduo, é imprescindível que se acredite que o indivíduo humanista constrói as experiências junto com cada lugar; afinal, o humanista tem consciência de que o conhecimento, por mais completo que se proponha aprofundar, será sempre parcial, porquanto existe uma unidade integrada que trabalha em função da sua totalidade.

Assim, estudar o mundo vivido, que no caso desta pesquisa reflete a realidade social, cultural, ambiental e espacial dos residentes no entorno de Porto de Sauípe, implica em

estudar o papel do espaço social contemplado no seio da comunidade sauípense, a partir da consciência individual.

Dessa forma, pelos questionamentos e objetivos delineados e evidenciados no escopo desta tese, é imprescindível explicitar a opção teórico-metodológica, bem como apresentar a base teórica que orientou a pesquisa empírica, voltada para a compreensão de como está configurada a *identidade de lugar* de moradores de Porto de Saúipe.

Tratando, especificamente, do caminho teórico-metodológico, que envolve a construção da identidade de lugar como um processo complexo da subjetividade humana, interessa realizar a pesquisa levando em conta tanto o plano teórico, a partir da compreensão da *Teoria da Subjetividade* de González Rey, quanto o plano epistemológico, a partir dos fundamentos da *epistemologia qualitativa*, do mesmo pesquisador, que será desdobrada, mais adiante.

Aqui, ressalta-se a Teoria da Subjetividade anunciada por González Rey (1997, 1999, 2003, 2004, 2005a, 2005b, 2007), que rompe com a limitação da subjetividade ao intrapsíquico e se orienta para uma apresentação da subjetividade que em todo momento se manifesta na dialética entre o social e o individual, este último representado por um sujeito implicado de forma constante no processo de suas práticas, de suas reflexões e de seus sentidos subjetivos. Mitjás Martínez (2005, p.9) afirma que

a teoria da subjetividade de González Rey constitui uma expressão do paradigma da complexidade na psicologia, cuja gênese se encontra no pensamento dialético, expresso no enfoque histórico-cultural do psiquismo humano, fundamentalmente no pensamento germinal de seus fundadores, Vygotsky e Rubinstein.

Essa teoria favorece compreender os fundamentos epistemológicos da construção da identidade de lugar dos moradores da comunidade de Porto de Saúipe que é o propósito da presente pesquisa, vinculados diretamente aos reflexos do turismo na realidade social, econômica, espacial e ambiental desses mesmos moradores.

Ao tratar-se, portanto, do paradigma da complexidade, é válido ressaltar que os seus elementos básicos estão contemplados nas principais *categorias da Teoria da Subjetividade* criada por González Rey, a saber: (a) *subjetividade*, (b) *sentido subjetivo*, (c) *configuração subjetiva* e (d) *sujeito*, as quais servirão de base para a compreensão da identidade de lugar como um fenômeno complexo da subjetividade humana.

A *subjetividade* é definida por González Rey (1998, p. 108) como sendo “a organização dos processos de sentido e de significação que aparecem e se organizam de diferentes formas e em diferentes níveis no sujeito e na personalidade, assim como nos diferentes espaços sociais em que o sujeito atua”.

Nessa perspectiva, ao tratar da subjetividade, importa compreender o psicológico humano como processos de sentidos e de significação nas suas múltiplas dimensões, articulando-se tanto no nível individual quanto no nível social, simultaneamente, rompendo com as dicotomias individual-social, interno-externo, intra-subjetivo/inter-subjetivo (MITJÁNS MARTINEZ, 2005, p.16).

A partir dessa perspectiva, a identidade de lugar dos moradores da comunidade sauipeense será analisada, considerando, dialeticamente, as dimensões individual e social dos sujeitos envolvidos na pesquisa, uma vez que a subjetividade individual está socialmente comprometida com sua gênese social, porquanto ela caracteriza os processos de subjetivação dentro dos espaços e instituições sociais.

Afinal, González Rey (2004, p. 17) afirma que a subjetividade enquanto conceito

[...] orienta-se a uma compreensão sistêmica, não somente da psique individual, mas da organização subjetiva da sociedade [...]. [Afinal,] a sociedade atua também pelos aspectos subjetivos que integram e expressam, de múltiplas formas, seus diferentes processos objetivos.

Outra categoria que compõe a Teoria da Subjetividade é a de *sentido subjetivo*, aqui entendida como “a unidade inseparável dos processos simbólicos e as emoções num mesmo

sistema, no qual a presença de um desses elementos evoca o outro, sem que seja absorvido pelo outro” (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 127). Dessa forma, os sentidos subjetivos não representam uma expressão psicológica pontual, mas “expressam a integridade inseparável de processos simbólicos e emocionais que legitimam uma zona real para o sujeito” (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 17). Enfim, os sentidos subjetivos integram-se em torno de delimitações simbólicas produzidas pela cultura, através dos processos históricos.

Para González Rey (2003, p.35):

toda produção de sentidos subjetivos é o resultado da tensão entre os sentidos que aparecem no percurso da ação do sujeito e os sentidos que antecedem esse momento, a partir das configurações subjetivas implicadas em cada situação concreta dessa ação.

Nesse momento, destaca-se a categoria *configurações subjetivas*. Essas configurações seriam as responsáveis “pelas formas de organização da subjetividade como sistema relativamente estável por estarem associadas a uma produção de sentidos subjetivos que antecedem o momento atual da ação do sujeito [...]” (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 35). Justifica informar que no próximo capítulo serão apresentadas as configurações subjetivas dos sujeitos partícipes da pesquisa ora apresentada nesta tese.

*Sujeito* é entendido como uma categoria fundamental na sua Teoria, vinculado tanto à pesquisa quanto à construção teórica, sendo percebido como um ser ativo, intencional, consciente, singular; porquanto, as configurações subjetivas estão relacionadas a uma forma única na produção de sentido próprio de cada sujeito concreto, dentro de seus diferentes tipos de atividade. “Os diferentes tipos de atividade incluirão sentidos subjetivos distintos, que provêm da história do sujeito e da diversidade dos contextos atuais de sua vida” (GONZÁLEZ REY, 2005a, p.35).

Com base nas categorias da Teoria de Subjetividade apresentadas, é possível considerar que a construção da identidade de lugar perpassa pela compreensão da

subjetividade humana como um fenômeno multireferenciado e complexo, permitindo concluir que a aplicabilidade de uma pesquisa dessa natureza, além de poder, é interessante que seja analisada a partir dos pressupostos da *epistemologia qualitativa*.

### 5.1.1 A pesquisa qualitativa e a epistemologia qualitativa

É exatamente a partir da compreensão da identidade de lugar como um processo complexo da subjetividade humana que se optou pela realização de uma *pesquisa empírica* embasada na *epistemologia qualitativa*, proposta por González Rey (1997, 1999, 2003, 2004, 2005a, 2005b, 2007).

A *epistemologia qualitativa* tem por base a Teoria da Subjetividade, que se caracteriza como uma proposta teórico-metodológica de interpretação da realidade em processo contínuo de construção e refinamento, a qual abrange o conjunto de categorias já, brevemente, apresentadas. O autor (GONZÁLEZ REY, 2005b) contempla, pois, em sua concepção epistemológica, influências da filosofia, especialmente, do materialismo dialético e da teoria da complexidade, assim como da psicologia histórico-cultural.

É uma proposta que busca romper com as tradições positivistas implícitas no desenvolvimento das pesquisas qualitativas dos últimos anos, que “se limitavam a um nível de princípios muito gerais sem se articularem essencialmente às necessidades dos diferentes momentos concretos da pesquisa, os quais, sem dúvida, requeriam uma fundamentação [teórica]” (GONZÁLEZ REY, 2005b, p.4).

Essa abordagem enfatiza a aplicabilidade de *três princípios gerais* de produção de conhecimento, a saber: a) *defesa do caráter construtivo-interpretativo do conhecimento*; b) *legítima o singular como instância de produção do conhecimento científico*, e c) *compreende a pesquisa como um processo dialógico de comunicação*.

O primeiro princípio geral busca superar a perspectiva linear de associação de um conhecimento a uma realidade social imediata. Porquanto, a referida associação não possui valor heurístico<sup>19</sup> para a produção de espaços de inteligibilidade, evitando o aprofundamento de campos de construção teórica, que, pela complexidade da realidade, faz-se necessário.

Assim, a realidade é compreendida como:

[...] um domínio infinito de campos inter-relacionados, independente de nossas práticas; no entanto, quando nos aproximamos desse complexo sistema, por meio de nossas práticas, às quais, neste caso, concernem à pesquisa científica, formamos um novo campo de realidade em que as práticas são inseparáveis dos aspectos sensíveis dessa realidade. (GONZÁLEZ REY, 2005b, p.5).

O segundo princípio, por sua vez, relativo ao processo de legitimar o singular como instância de produção do conhecimento científico, busca garantir um aprofundamento necessário na articulação de todos os processos vinculados a uma proposta de pesquisa diferenciada dos padrões das heranças de pesquisa com cunho positivista. A singularidade, portanto, relaciona-se com o valor teórico da subjetividade no estudo do homem, contextualizado numa cultura e sociedade específicas.

Nesse contexto, o autor (GONZÁLEZ REY, 2005b, p.10) afirma que:

A legitimação do singular na produção do conhecimento passa pelo valor que atribuímos ao aspecto teórico na pesquisa, o qual seja talvez o ponto mais difícil de ser assumido pelos pesquisadores, devido à identificação histórica entre o empírico e o científico instaurada como consequência do positivismo e do modo como a ciência se institucionalizou.

O terceiro princípio geral da epistemologia qualitativa refere-se ao ato de compreender a pesquisa, nas ciências antropológicas, como um processo de comunicação, um processo dialógico, considerando que o homem se comunica nos mais diversos espaços sociais em que convive.

---

<sup>19</sup> Segundo Abbagnano (1998, p. 499) heurística é uma palavra moderna originada de um verbo grego que significa pesquisa ou arte de pesquisa.

Destacando o valor da comunicação no processo de pesquisa, González Rey (GONZÁLEZ REY, 2005b, p.13) define que a comunicação é “uma via privilegiada para conhecer as configurações e os processos de sentido subjetivo que caracterizam os sujeitos individuais e que permitem conhecer o modo como as diversas condições objetivas da vida social afetam o homem”.

É justamente a partir dessa importante posição que a comunicação ocupa que é possível vislumbrar a revelação de sujeitos críticos e criativos, possibilitando-nos investigar, a partir dos fundamentos do planejamento urbano, da geografia, sociologia, antropologia entre outras áreas afins a construção da identidade de lugar como um fenômeno da subjetividade humana.

## **5.2 PROCESSO DE GERAÇÃO E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES: DA FORMA AOS INSTRUMENTOS**

Para garantir a exequibilidade da pesquisa sustentada pelos pressupostos da abordagem epistemológica da pesquisa qualitativa o método de estudo de casos sobre moradores de Porto de Saúpe foi criteriosamente escolhido. O Estudo de Caso é um método amplamente utilizado nas ciências sociais, embora sua origem esteja nas ciências jurídicas, sob a perspectiva precursora do diretor da Faculdade de Direito de Harvard, Christopher Collumbus Langdell, que inventou um método didático para o ensino do Direito e que foi amplamente utilizado na dimensão acadêmica por profissionais de diferentes áreas do conhecimento (BOAVENTURA, 2004). Segundo Yin (2003, p. 27) o estudo de caso é “a estratégia escolhida ao se examinarem acontecimentos contemporâneos”.

Para Triviños (1995, p. 133) o estudo de caso é uma categoria de pesquisa “cujo objeto é uma unidade que se analisa aprofundadamente”. A partir das análises desse autor, esta pesquisa enquadra-se dentro da categoria estudo de caso observacional, porquanto a técnica de coleta de informações mais importante constitui-se na observação participante.

Martins (2006, p. 11), por sua vez, afirma que o estudo de caso pede avaliação do tipo qualitativa, pois

seu objetivo é o estudo de uma unidade social que se analisa profunda e intensamente. Trata-se de uma investigação empírica que pesquisa fenômenos dentro do seu contexto real, onde o pesquisador não tem controle sobre eventos e variáveis, buscando apreender a totalidade de uma situação e, criativamente, descrever, compreender e interpretar a complexidade de um caso concreto.

Stake (2007, p. 58) sustenta que a investigação qualitativa distingue-se pela sua ênfase no tratamento holístico dos fenômenos, e por isso, “compreender cada um deles requer uma compreensão de outros casos”, ainda que cada caso seja único e singular. Ao focar as atenções para esta tese cabe esclarecer ao leitor que cada sujeito partícipe da pesquisa é compreendido como um micro-caso que favorece a composição do macro-estudo de caso de Porto de Saúipe. Assim, partindo das considerações teórico-metodológicas expostas associou-se o método de estudo de casos ao objeto de estudo da pesquisa em questão.

### **5.2.1 Instrumentos e procedimentos de geração de informações**

Os instrumentos escolhidos para o processo de geração de informações desta tese têm como base a concepção de que na atividade de pesquisa há um processo de comunicação organizado de forma progressiva que promove e favorece “a expressão dos sujeitos por meio do lugar por eles ocupado em tal processo e também por vias mais significativas, as quais vão sendo conhecidas no curso da própria pesquisa.” (GONZÁLEZ REY, 2005b, p. 42).

Dessa forma, levando em consideração os constructos teóricos que norteiam a abordagem da epistemologia qualitativa considerou-se pertinente à opção metodológica, a utilização de instrumentos que combinassem análises individuais e grupais, e que contemplassem a dimensão subjetiva implícita nas informações.



Instrumentos que consideram a dimensão individual e grupal são importantes para a pesquisa realizada porque se combinam dialeticamente, uma vez que a subjetividade humana está organizada por processos complexos que envolvem a interpenetração mútua e constante do sujeito com a sociedade.

Para González Rey (2003, p. 123), o conceito de subjetividade assume importância no âmbito da pesquisa qualitativa, pois integra

uma representação em que se articulem dialeticamente o individual e o social, resgatando a importância da subjetividade individual para a psicologia social, e da subjetividade social para a compreensão individual do sujeito nos diferentes campos disciplinares em que estes são estudados.

A compreensão dos instrumentos de pesquisa adotados nesta pesquisa empírica leva em consideração as dimensões da subjetividade individual e social dos sujeitos que dialogam constantemente. Assim, a concepção adotada está respaldada no argumento de González Rey (2003, p. 80) que sustenta que “o instrumento é uma ferramenta interativa, não uma via objetiva geradora de resultados capazes de refletir diretamente a natureza independente do pesquisador”.

Assim, essa escolha se deu com o objetivo de ressignificar a institucionalização da base positivista das pesquisas que vêm sendo implementadas, na maioria das vezes, de forma acrítica e descontextualizada de um referencial teórico; porquanto, essa linha de análise das informações tende a fazer com que as diferenças criativas dos pesquisadores fiquem subordinadas às diretrizes padronizadas para qualquer operação metodológica despersonalizada.

Portanto os objetivos desta pesquisa primam pela importância da subjetividade – individual e social – na análise das informações de pesquisa, os quais incluem a compreensão da identidade de lugar como forma de expressão da personalidade humana, que por sua vez, representa o nível explicativo da subjetividade em sua totalidade.

Afinal, a compreensão da identidade de lugar como um fenômeno complexo da personalidade perpassa pela concepção de que a personalidade não se reduz a "um reservatório estático de conteúdos que se expressam em condutas, mas como uma complexa organização de unidades psicológicas de diferentes complexidades, organizadas em diferentes configurações dinâmicas." (MITJÁNS MARTINEZ, 1997, p. 44).

A partir da compreensão da Teoria da Subjetividade, os instrumentos de geração de informações baseiam-se nos seguintes pressupostos:

- a) o instrumento representa apenas o meio pelo qual se procura provocar a expressão do outro sujeito. Ele é um mecanismo para facilitar a expressão do sujeito individual e/ou social inerente à sua subjetividade;
- b) todos os instrumentos representam apenas uma fonte de informação, sendo necessária a utilização de estímulos e situações diversas;
- c) os instrumentos formam um sistema pelo qual os sujeitos e as subjetividades interagem dando origem a um único sistema de informação. Eles são informações e não meios de obtenção de resultados;
- d) os instrumentos apóiam-se em expressões simbólicas diferenciadas das pessoas;
- e) os instrumentos devem favorecer o envolvimento emocional dos sujeitos, de forma que propicie uma facilitação da expressão dos sentidos subjetivos.
- f) os instrumentos não seguem regras padronizadas de construção, pois a linearidade não é essencial para expressão da subjetividade (GONZÁLEZ REY, 2005b, p. 43-44).

A partir do exposto, a geração de informações se deu através dos seguintes instrumentos: (1) **entrevistas abertas**; (2) **complemento de frases**; e (3) **mapas mentais**,

ambos com suas características detalhadas nos itens a seguir. Todos os instrumentos citados são complementares e a aplicação dos mesmos é realizada em dois encontros pessoais distintos:

- (1º) no *primeiro encontro* apresentam-se os objetivos de pesquisa, assina-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Vide apêndice A) e, depois de esclarecidas todas as dúvidas e consentimento espontâneo do sujeito, a entrevista é efetivada;
- (2º) no *segundo encontro* são aplicados os instrumentos de complemento de frases e solicita-se a realização dos mapas mentais, ambos individualmente.

Cumpra expressar que em atendimento à Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 196, de 10 de outubro de 1996, que regulamenta as normas e diretrizes de pesquisas realizadas com seres humanos, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é:

II.11 - Consentimento livre e esclarecido - anuência do sujeito da pesquisa e/ou de seu representante legal, livre de vícios (simulação, fraude ou erro), dependência, subordinação ou intimidação, após explicação completa e pormenorizada sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, formulada em um termo de consentimento, autorizando sua participação voluntária na pesquisa.

Segundo o parágrafo 3º, alínea “I” da Resolução 196/96 os procedimentos de pesquisa que envolvem seres humanos, independente da área do conhecimento, devem “respeitar sempre os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes quando as pesquisas envolverem comunidades”.

Nesse sentido, cada sujeito declarou interesse e disponibilidade em participar como voluntário da pesquisa autorizando a gravação em áudio de todos os momentos, resguardando-se a sua identificação. Evidentemente, foi facultado ao sujeito declinar da participação da pesquisa a qualquer momento, bem como fornecer informações que fossem julgadas, por ele, inadequadas ou inconvenientes.

Dessa forma, a entrevista só começou a ser realizada com o total entendimento do sujeito sobre a pesquisa, a apresentação pessoal desta pesquisadora e a assinatura do TCLE. Vale dizer ainda que a sua continuidade para um segundo encontro dependia também da disponibilidade e interesse do sujeito.

Para que se tenha entendimento dos objetivos, justificativa e metodologia de aplicação dos instrumentos escolhidos para essa pesquisa é interessante e recomendada a leitura dos itens a seguir.

#### **5.2.1.1 Entrevistas Abertas**

- a) Objetivo do instrumento – identificar as possíveis relações existentes entre a infraestrutura turística e a percepção dos moradores no que tange a: sua história de vida, envolvimento pessoal e profissional com Porto de Saúipe, impacto socioambiental (positivo ou negativo), uso e ocupação do solo, beleza natural, valor simbólico/cultural; bem como verificar o grau de homogeneidade da percepção ambiental dos moradores considerando os diferentes lugares de infra-estrutura turística.
- b) Justificativa da escolha para aplicação e metodologia de interpretação das informações – a escolha desse instrumento se justificou, pois o momento da entrevista foi considerado como propício para a expressão da subjetividade individual dos sujeitos da pesquisa. Para interpretação dessas entrevistas será utilizada a técnica de análise de conteúdo com o objetivo de realizar a leitura das entrelinhas expressas pelos sujeitos de pesquisa.

Segundo Carmo-Neto (1992, p. 352) a análise de conteúdo “busca a essência da substância de um contexto nos detalhes perdidos no meio ou entre os dados disponíveis”. Para Carmo-Neto (1992, p. 353) os objetos de mensuração da análise de conteúdo “são

produtos mensuráveis que representam as manifestações não verbais e não orais da ação humana”.

Carmo-Neto (1992, p. 355) trata a análise de conteúdo como uma atividade do pesquisador em que ele consegue penetrar nos cenários e tramas da mente do autor do texto “produzindo a curiosa sensação de ser um expectador do fluir da sua mente”.

Dessa forma, a análise de conteúdo se constitui numa técnica metodológica que serve para inferir conteúdos implícitos e explícitos de um documento ou texto literário, porquanto depende de duas leituras: uma primeira leiga, onde os símbolos têm significado corrente, e uma segunda, onde a interpretação faz emergir uma nova dimensão do texto.

c) Metodologia de aplicação com os sujeitos – Todas as entrevistas foram realizadas em Porto de Saúipe. Algumas em barraca de praia, outras em restaurantes e bares. Cada entrevista durou de 3 (três) a 4 (quatro) horas. A depender do vínculo entre esta pesquisadora com o sujeito, esse tempo foi ainda maior, pois envolvia, além dos procedimentos de apresentação dos objetivos da pesquisa, um resgate das novidades da cidade e da família.

Toda entrevista foi um momento único e marcado por um conjunto de significados simbólicos. Cada lembrança do sujeito, gesto, risada ou expressão facial de alegria, repulsa ou preocupação, contribuiu para o entendimento e classificação das categorias subjetivas. Durante as entrevistas os sujeitos sentiam-se à vontade para contar histórias de família, de rumores ou ruídos sociais da cidade, de conflitos entre vizinhos e tudo que compunha a subjetividade social dos moradores.

A abordagem para solicitação de realização da entrevista deu-se de diferentes formas:

- *Sujeitos 1 e 5*: considerando a experiência desta pesquisadora com o *locus* da pesquisa, já existia contato pessoal com os sujeitos citados. Portanto, a entrevista foi agendada através de ligação telefônica.
- *Sujeitos 2 e 7*: foram abordados pessoalmente por esta pesquisadora nos restaurantes onde estavam trabalhando. Durante as refeições desta pesquisadora nos restaurantes locais, os sujeitos demonstraram excelente atendimento aos clientes do restaurante evidenciando capacitação técnica especializada atípica da região. Como a região não oferece capacitação dessa natureza ficou claro que os sujeitos eram migrantes e atendiam ao perfil esperado para os partícipes da pesquisa. Ao serem convidados a participar da pesquisa aceitaram imediatamente.
- *Sujeitos 3, 4 e 6*: por pedido desta pesquisadora aos sujeitos já entrevistados, os sujeitos 3, 4 e 6 foram indicados a participar da pesquisa por atenderem ao perfil desejado e esclarecido. Foi fornecido os telefones pessoais de cada um deles e o contato telefônico foi realizado para agendamento da entrevista.

d) *Característica do instrumento: o roteiro da entrevista pode ser consultado no Apêndice B. Entretanto, é importante esclarecer que todas as entrevistas envolveram 3 (três) eixos de questionamentos:*

- *sobre a comunidade*, nos quais os sujeitos expressavam suas histórias de vida vinculadas à percepção sobre Porto de Sauípe;
- *sobre o turismo*, para identificar a opinião sobre o turismo enquanto atividade econômica, os turistas que visitam Porto de Sauípe, os hotéis/pousadas, relações entre turismo e meio ambiente;
- *sobre o meio ambiente*, que buscou desvendar a relação do sujeito com o ambiente natural peculiar à Porto de Sauípe, principalmente, sobre o rio, mar e mata. Além disso, explorou a percepção sobre impactos socioambientais e expectativas futuras.

#### **5.2.1.2 Complemento de frases**

- a) Objetivo do instrumento – identificar as possíveis relações existentes entre a infra-estrutura turística e a percepção dos moradores no que tange a: impactos socioambientais, uso e ocupação do solo, beleza natural, valor simbólico/cultural, organização política.
- b) Justificativa da escolha para aplicação e metodologia de interpretação das informações - esse instrumento promove a exposição rápida do sentido subjetivo individual que o sujeito atribui ao tema de pesquisa em questão. González Rey (2005b, p. 57) esclarece que esse instrumento “apresenta indutores curtos a serem preenchidos pela pessoa que o responde. Os indutores são de caráter geral e também podem referir-se a atividades, experiências ou pessoas, sobre as quais queremos que o sujeito expresse intencionalmente”.
- c) Metodologia de aplicação com os sujeitos – esse instrumento é aplicado num segundo encontro com os sujeitos. A aplicação se inicia com a explicação dos objetivos do instrumento esclarecendo que se trata da continuidade da geração de informações já iniciada no primeiro encontro e que o seu preenchimento deve se dar com a primeira informação que se emerge à mente. É ratificada a informação descrita no texto do instrumento de que não existem respostas certas ou erradas. Esse esclarecimento se faz importante para que o sujeito não se sinta inibido ao preenchê-lo. Assim, a pesquisadora entrega o conjunto de indutores, dá um exemplo para motivar a interação e o sujeito preenche o instrumento manualmente. Dois dos sujeitos pediram para que a pesquisadora preenchesse, com a justificativa de não gostarem de escrever. Assim, a pesquisadora lia os indutores e escrevia as respostas. Durante todo o preenchimento do instrumento a pesquisadora ficou ao lado dos sujeitos conversando sobre o assunto e disponível para eventuais dúvidas dos indutores.
- d) Característica do instrumento - Para cada complemento de frases desta pesquisa foram utilizados **81 indutores** (ver apêndice C)

### 5.2.1.3 Mapas mentais<sup>20</sup>

- a) Objetivo do instrumento – identificar como Porto de Sauípe se configura no imaginário do morador de forma gráfica, uma vez que o sujeito desenha suas imagens mentais sobre a cidade. Afinal, segundo Nogueira (2006) o mapa mental é a tentativa de compreensão do mundo a partir do olhar daquele que nele vive.
- b) Justificativa da escolha para aplicação e metodologia de interpretação das informações – Lynch (1997, p. 2) afirma que quando se vivencia uma cidade, “quase todos os sentidos estão em operação, e a imagem é uma combinação de todos eles”. Assim, essa imagem transformada em desenho fornece informações sobre como o sujeito percebe e vivencia o espaço urbano. São imagens mentais expressas de forma gráfica pelo próprio participante da pesquisa através de sua experiência pessoal.

Swan (1997) sustenta que os mapas mentais são representações desenvolvidas pelos indivíduos, de acordo com suas experiências pessoais, suas interações e aprendizagens em uma dimensão do seu ambiente, e que “cumprem a função de dar sentido à realidade e permitem-lhes lidar com os problemas e desafios que esta lhes apresenta”.

Nogueira (2006, p. 126), por sua vez, afirma que os mapas mentais são “imagens espaciais que estão na cabeça dos homens, não só nos lugares vividos, mas também dos

---

<sup>20</sup> A utilização de mapas mentais como recurso/técnica de pesquisa é utilizada por geógrafos, arquitetos, sociólogos e antropólogos como metodologia de geração de informações sobre percepção ambiental, paisagens e/ou traços socioculturais. Considerando o universo das diferentes áreas do conhecimento, o mapa mental pode ser confundido com “mapas conceituais”, estes que são utilizados na área de educação como estratégia de organização do pensamento lógico através de palavras e frases que se conectam por linhas imaginárias e que obedecem a uma relação hierárquica. Segundo Moreira (2006, p. 46) os mapas conceituais foram explorados pelo psicólogo cognitivista David Ausubel com o propósito de serem entendidos como “diagramas que procuram mostrar relações hierárquicas entre conceitos de uma disciplina” (componente curricular). Já na área de gestão de projetos os “mapas mentais”, ou *mindmaps*, são representações esquemáticas que ficaram conhecidos como organizadores da criação, gerenciamento e comunicação de idéias de um projeto. Segundo Viana (2005, p. 51), na área de gestão de projetos organizacionais “os mapas mentais se iniciam com uma idéia central, onde todos os ramos do mapa significam uma decomposição da idéia principal em idéias relacionadas baseadas em um modelo visual de pensamento”. Enfim, um *mindmap* de um projeto favorece a visualização gráfica da sua estrutura analítica representando a hierarquia das ações e seus desdobramentos. Para esta tese foi restringida a concepção da perspectiva fenomenológica explicitada no corpo do texto.



lugares distantes, construídos pelas pessoas valendo-se de universos simbólicos, sendo produzidos por acontecimentos históricos, sociais e econômicos divulgados.

Com os mapas mentais foi possível verificar o grau de homogeneidade da percepção ambiental dos moradores considerando os diferentes lugares de infra-estrutura turística.

- a) Metodologia de aplicação com os sujeitos – a solicitação de criação do mapa mental é realizada após a aplicação do complemento de frases, no segundo encontro com o sujeito. Dessa forma, é entregue ao sujeito caneta, lápis e papéis em branco. É esclarecido que não será analisada nenhuma técnica artística do sujeito, tranquilizando quanto à preocupação estética. Além disso, é informado ao sujeito que ele pode desenhar formas e escrever palavras indicativas e, repetir o desenho, caso ele tenha interesse. Nesta tese todos os mapas mentais desenhados pelos partícipes e apresentados no corpo desta tese refletem a primeira e única versão.
- b) Característica do instrumento – o instrumento é uma folha de papel em branco com a seguinte pergunta no topo: **“Como você vê Porto de Sauipe?”**. A partir desse questionamento o sujeito é convidado a desenhar a imagem que lhe vem à mente. Com esse instrumento, os sujeitos ficam livres para emitir opiniões pessoais e impressões sobre a cidade, o meio ambiente, os processos sociais, as sensações individuais e coletivas.

### 5.3 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

A categoria sujeito é utilizada no corpo desta tese como uma pessoa pró-ativa, crítica e reflexiva, rompendo com a premissa de que existem indivíduos produzidos socialmente em série. Cada sujeito é único e expõe uma rotina diferenciada de produção e expressão de sua subjetividade.

González Rey (2004, p. 22) sustenta que o sujeito “é um momento inseparável da teoria da subjetividade em uma perspectiva histórico-cultural, pois sem sujeito a

subjetividade estaria a-sujeitada e substanciada num plano intrapsíquico”. Dessa forma, o autor (GONZÁLEZ REY, 2005b) expressa que o posicionamento ativo do sujeito permite-lhe o posicionamento crítico perante a realidade e representa um passo à frente para o estabelecimento da democracia e desenvolvimento individual e social.

Segundo a teoria da subjetividade de González Rey (2005a) a seleção do número de sujeitos que deve participar da amostra de pesquisa está diretamente relacionada às hipóteses do pesquisador. Para o autor (GONZÁLEZ REY, 2005b, p. 111), a prioridade na seleção dos partícipes de uma pesquisa qualitativa deve se dar pela eleição dos sujeitos que tendem a se tornar os “informantes-chave” e os que sejam “essenciais para o aprofundamento das informações no desenvolvimento do modelo teórico em construção”.

O conceito de informante-chave perpassa pela compreensão de que são sujeitos “capazes de prover informações relevantes que, em determinadas ocasiões, são altamente singulares em relação ao problema estudado” (GONZÁLEZ REY, 2005b, p. 111). Partindo dessa concepção de seleção de sujeitos para participar de uma pesquisa, é importante ratificar que a *seleção dos partícipes desta pesquisa* foi coadunada com o seu problema de pesquisa.

Assim, os sujeitos foram escolhidos por adequarem-se a um ou mais elementos dos requisitos de um perfil de sujeito desenhado como potencial “informante-chave” e que era esperado como partícipe para esta pesquisa. Esses requisitos podem ser visualizados nos itens descritos pela figura 8:



Figura 8 – Requisitos do perfil dos sujeitos participantes da pesquisa  
Nota: Elaboração própria, 2008.

González Rey (2005b, p. 112) também se questiona sobre a seleção do número de sujeitos necessários para a legitimação das informações geradas:

Em relação ao número de sujeitos necessário para a pesquisa, é preciso enfrentar uma questão sempre presente entre os pesquisadores: como podem ser significativas as conclusões de uma pesquisa desenvolvida mediante estudos de casos?

Partindo da experiência do autor ele responde seu próprio questionamento afirmando que as conclusões de uma pesquisa desenvolvida com números reduzidos de uma população defendem, como sua unidade de trabalho, a *qualidade dos trechos de informação produzidos*. (GONZÁLEZ REY, 2005).

Numa pesquisa de cunho qualitativo, embasada nos princípios da epistemologia qualitativa de González Rey (2003, 2004, 2005a), como a apresentada nesta tese, o número ideal de sujeitos deixa de ser um critério quantitativo e passa a ser definido pelas próprias demandas qualitativas do processo de geração de informações intrínsecas à pesquisa em curso.

Esclarece ainda (GONZÁLEZ REY, 2005b, p. 112) que:

A significação dos trechos de informação não é um processo arbitrário do pesquisador, mas sim um processo relacionado às suas possibilidades de

articulação quanto ao modelo teórico em construção, o que inaugura uma maneira diferente de definir e legitimar a informação (grifo nosso).

Dessa forma, a qualidade da informação gerada pelo sujeito é prioritária em relação ao número de sujeitos. Afinal, segundo o autor (GONZÁLEZ REY, 2005b, p. 112):

[...] a legitimidade do conhecimento está associada ao desenvolvimento progressivo de zonas de sentido em relação ao problema estudado e à forma com que as novas categorias se articulam para aumentar a capacidade heurística do modelo diante dos desafios que aparecem na pesquisa.

No que tange a esta pesquisa, vale dizer que não é seu objetivo construir modelos conceituais sobre o problema, tampouco caracterizar sua população, mas, sobretudo, apresentar, através dos sujeitos, a expressão da subjetividade individual e social à luz das intervenções turísticas na região de Porto de Saúipe.

Considerando que o sujeito aparece como ser social porquanto é constituído nas relações sociais por meio da linguagem e da individualidade, serão apresentadas, na medida do permitido pela autorização dos sujeitos, as principais características subjetivas de cada um, com a certeza de que todos os sujeitos estão enquadrados nos perfis desejados e anteriormente ilustrados pela figura 8.

Vale dizer que serão apresentados os relatos de 7 (sete) sujeitos que consentiram em participar da pesquisa, ainda que durante os meses de março a agosto de 2008, período em que foram realizadas as visitas de campo, esta pesquisadora conversou informalmente com 26 (vinte e seis) sujeitos, até selecionar os partícipes oficiais da pesquisa.

Enfim, cabe esclarecer que todos os 7 (sete) sujeitos assinaram o TCLE por espontânea vontade, têm perfil adequado ao escopo da pesquisa, bem como podem ser classificados como informantes-chave de Porto de Saúipe, o que garante a legitimidade das informações geradas durante a aplicação dos instrumentos. Afinal, segundo González Rey (2005a, p. 113) o sujeito é “uma unidade essencial para os processos de construção na

pesquisa qualitativa, pois a singularidade é a única via que estimula os processos de construção teórica [...] perante o estudo da subjetividade”.

### 5.3.1 Sujeito 1

Sujeito 1
<ul style="list-style-type: none"><li>• Morador antigo de Porto de Sauípe. Nascido na região de Entre Rios.</li><li>• Líder comunitário ativo. É representante oficial de Porto de Sauípe em instâncias governamentais.</li><li>• Proprietário de pequeno empreendimento turístico (bar).</li><li>• Acompanhou todo o processo de construção da BA-099 e do Complexo Sauípe.</li><li>• Também atua como pescador e a esposa é marisqueira.</li></ul>

Quadro 1 – Características gerais do sujeito 1

Fonte: Pesquisa direta, 2008.

O sujeito 1 é natural do município de Entre Rios, mas “nasceu e cresceu” em Porto de Sauípe. Seu pai foi professor e sua mãe doméstica. Toda a sua família predecessora foi moradora de Porto de Sauípe. Tem 56 anos, é casado e tem registrado em seu histórico de vida ter saído de Porto de Sauípe, ainda criança, para estudar em Salvador, conforme aspirações e expectativas familiares.

Seus relatos pessoais indicam que cursou Artes na Universidade Federal da Bahia. Trabalhou na Força Aérea Brasileira e durante alguns anos, como técnico industrial, no Pólo Petroquímico de Camaçari. Ficou afastado de Porto de Sauípe durante toda sua adolescência e vida adulta, mas sempre visitou seus familiares em Porto de Sauípe o que lhe proporcionou acompanhar todo o processo de construção e reconfiguração da estrutura urbana do Litoral Norte da Bahia. O sujeito relata:

Naquele período a gente andava de caminhão para chegar aqui [Porto de Sauípe]. A gente, para vir de Salvador, pegava um ônibus na estação rodoviária antiga, junto da Sete Portas e vinha até Mata de São João, somente dia de sábado. Era o único dia que tinha carro para aqui e a gente vinha em cima dos caminhões, chamados de pau-de-arara, que eram os carros que levavam aquelas verduras, frutas, coco, galinha, laranja. A gente sentava em cima de umas madeiras que tinham de lado a lado nas carrocerias desses caminhões e se chovesse você não chegava porque a estrada era de barro. Era um dia de viagem. Tinha que acordar 5h da manhã para pegar o carro de 7h30 e a gente chegava aqui à noite.

(Entrevista 1)

O sujeito retornou para residir em Porto de Sauípe em 1999 por motivos pessoais e desde então se dedica à arte (pintura e escultura em gesso) e, fundamentalmente, ao trabalho social. O morador identifica-se com o lugar porque “o principal de Porto do Sauípe é a qualidade da gente que mora nele. É um povo amigo, é um povo ordeiro. É um povoado muito pacato, muito tranquilo e a amizade nem se fala!” (Entrevista 1).

O sustento da sua família é retirado da venda das peças de arte e do barzinho montado na varanda da sua casa que é administrado por ele e pelo cônjuge, que também atua na mariscagem. A vida é humilde, mas segundo o sujeito é justificável em função da qualidade de vida:

Nós temos um barzinho na minha casa, minha mulher é uma marisqueira excelente, ela pega marisco e a gente vive do mar. No tempo que eu ganhei mais dinheiro eu não era tão feliz quanto eu estou sendo hoje. Hoje a qualidade de vida não tem preço.

(Entrevista 1)

É membro ativo da Associação de Moradores de Porto de Sauípe, é bastante participativo e proativo na busca de soluções para os problemas da comunidade, além de ser agente de denúncias sociais. Tem um discurso de forte engajamento social, um bom relacionamento com os moradores e seu mapa mental demonstrou preocupação com o crescimento desordenado da vila.

Seu discurso é bastante político, no qual demonstra vontade de preservação da cultura local, proteção das próximas gerações contra os prejuízos ambientais, além de acompanhar com atenção o processo de especulação imobiliária. É articulador de decisões comunitárias e é representante de Porto de Sauípe em algumas instâncias governamentais.

No mapa mental apresentado pelo sujeito e expresso na figura 9 verifica-se que a sua visão sobre Porto de Sauípe está coadunada com suas preocupações com o meio ambiente (praia, mangue e rio), infra-estrutura urbana e, como é morador antigo da vila, sua referência está restrita à “velha” Sauípe – o centro socioeconômico.

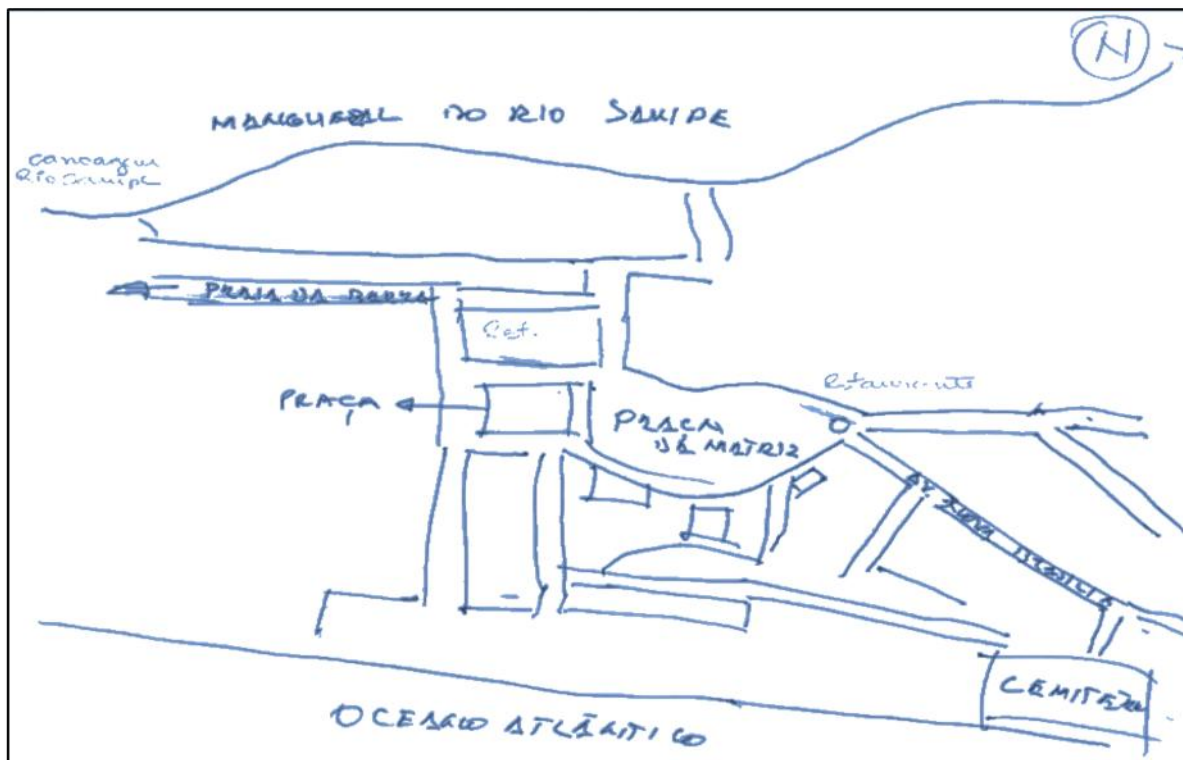


Figura 9 – Mapa mental do sujeito 1  
Fonte: Pesquisa Direta, 2008.

Ainda que tenha o indicativo do “cartão-postal” da localidade – Praia da Barra – a “nova” Sauípe não é apontada. Além disso, é possível perceber que o mapa se assemelha com a foto aérea da vila. Talvez seja pelo fato do sujeito ter tido a experiência de fazer vôos sobre a mesma.

### 5.3.2 Sujeito 2

#### Sujeito 2

- Morador recém-chegado à Porto de Sauípe.
- Tem 30 anos de experiência profissional nas maiores redes hoteleiras do Brasil.
- Chegou à Porto de Sauípe motivado por emprego no Complexo Turístico Costa do Sauípe, onde trabalhou durante 5 anos, desde a sua inauguração.
- Pediu demissão do Complexo na época da crise e com o dinheiro acumulado comprou uma casa própria em Porto de Sauípe, onde fixou residência.
- Atualmente, trabalha como garçom em restaurante local e pretende trazer a família do Sul para morar em Porto de Sauípe.

Quadro 2 – Características gerais do Sujeito 2  
Fonte: Pesquisa direta, 2008.

O sujeito foi abordado no restaurante onde trabalha, no meio da tarde. A entrevista durou cerca de 4 (quatro) horas (mais tempo do que o esperado), pois foi interrompida várias vezes para que ele pudesse atender aos clientes que chegavam ao restaurante. Antes de começar a entrevista, o sujeito perguntou se era alguma pesquisa encomendada pelo Complexo Costa do Sauípe ou se tinha alguma ligação político-partidária, pois se autointituiu “verdadeiro” e o que ele viesse a responder poderia agredir políticos ou a administração do Complexo, haja vista seu grande descontentamento com a gestão do empreendimento. Após todos os esclarecimentos sobre os objetivos da pesquisa e a garantia de que sua identidade não seria revelada, aceitou participar da entrevista e contar sua experiência de vida ligada a Porto de Sauípe.

O sujeito 2 é natural de Uruguaiana, Rio Grande do Sul e tem uma história íntima com o turismo brasileiro. É solteiro, tem 48 anos, dos quais 30 anos dedicados ao trabalho na hotelaria. Trabalhou nas maiores redes hoteleiras do Brasil: Resort & Spa Costão do Santinho (Florianópolis, SC), Beach Park Aqua Resort (Fortaleza, CE) e Complexo Turístico Costa do Sauípe (Mata de São João, BA).

Chegou a Porto de Sauípe no ano 2000 motivado por uma proposta de emprego para trabalhar no Complexo Turístico Costa do Sauípe, onde ficou 5 (cinco) anos na rede Marriot e nos restaurantes da Vila Nova da Praia (centro cultural e gastronômico do Complexo). Durante o período em que trabalhou no Complexo sempre morou em Porto de Sauípe; e assim como demais funcionários, no início de sua estadia em Porto de Sauípe morou em pousadas até comprar uma casa própria.

Com o processo de re-estruturação de funcionários do Complexo hoteleiro, o sujeito não suportou as pressões administrativas e a proposta salarial incompatível com as suas perspectivas levando ao seu desligamento do quadro de funcionários. Essa experiência lhe forçou a decidir entre continuar morando em Porto de Sauípe e sair à procura de nova fonte



de renda e sustento, ou buscar novo emprego em outro hotel/resort do país, haja vista sua experiência especializada na área.

Nesse período em que morou em Porto de Sauípe e trabalhou no Complexo conseguiu estabelecer muitas amizades com os moradores antigos da comunidade levando-o a decidir continuar a morar por lá. O sujeito criou raízes e sentimento bastante positivo com o lugar, talvez pelas belas paisagens naturais, talvez pelo forte relacionamento humano que encontrou.

Assim como demais migrantes que chegaram a Porto de Sauípe no início do funcionamento do Complexo hoteleiro, o sujeito criou muita expectativa de ascensão pessoal e profissional pautada nas propostas governamentais para a expansão do turismo no Litoral Norte da Bahia, e da mesma forma, se decepcionou demasiadamente com a realidade. Segundo o sujeito, desde que chegou a Porto de Sauípe não é percebida diferença infra-estrutural urbana ou investimentos voltados para a melhoria de serviços ou equipamentos turísticos.

O seu mapa mental revela sua preocupação com as questões urbanas e ambientais de Porto de Sauípe, bem como sua percepção da riqueza do ambiente natural que envolve a comunidade e conseqüente indignação com o prejuízo ambiental em face da ausência de acompanhamento do poder público.

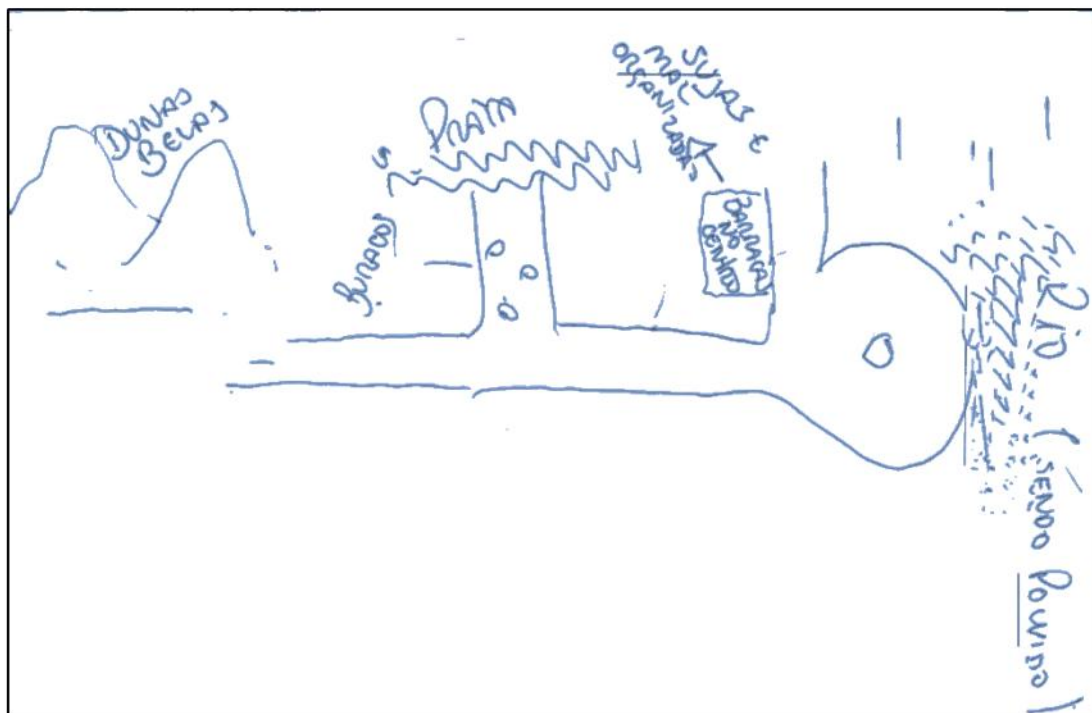


Figura 10 – Mapa mental do sujeito 2  
Fonte: Pesquisa direta, 2008.

A sua visão sobre a localidade centra-se na “velha” Saúipe; talvez porque seja a área onde está situada sua residência e o restaurante onde trabalha ou porque é a área urbana onde ele estruturou sua rede de relações sociais. Igualmente ao discurso dos demais sujeitos partícipes da pesquisa, a praça do centro da vila é alvo de críticas pela desorganização e falta de cuidado. Porém, há destaque para a beleza das paisagens naturais, com igual preocupação com a poluição do rio, com a falta de organização da infra-estrutura urbana e ausência de fiscalização mais incisiva. Veja-se seu relato que complementa essa afirmativa:

[...] Só falta cuidar dessa natureza toda que a gente foi abençoado. Não adianta você pensar em turismo, em crescimento e não cuidar disso. Hoje, você ainda vê hoje esgoto indo para o nosso rio aqui. Há uns quinze dias atrás, a gente viu um pessoal fazendo trilha nas dunas que dão acesso a Massarandupió e isso é um crime. Isso é um crime porque é inconcebível uma pessoa fazer uma coisa dessas num ecossistema tão frágil como esse. Hoje em dia, eu fico preocupado em tomar um banho no rio, eu fico preocupado em comer um marisco do rio sabendo que tem poluição dentro desse nosso rio. É difícil você comer alguma coisa do rio sabendo que o rio pode estar contaminado.  
(Entrevista 2)

É importante destacar que a entrevista com o sujeito foi bastante interessante, pois foi possível identificar que durante todo o tempo do diálogo o sujeito referiu-se à Porto de Sauípe como a “nossa cidade” ou a “nossa região”, enfim, demonstrou implicitamente a sua real ligação afetiva com o lugar. Por isso, assume o compromisso de cuidado com a cidade e cria esperança de dias melhores para o turismo:

[...] eu espero que, bem próximo, a gente tenha um Governo que olhe mais para nossa região, quando falo nossa região, eu falo Massarandupió, Porto do Sauípe e Subaúma, que são as praias do município.  
(Entrevista 2)

### 5.3.3 Sujeito 3

Sujeito 3
<ul style="list-style-type: none"><li>• Morador recém-chegado a Porto de Sauípe. Nasceu em Salvador, mas cresceu indo todos os anos visitar familiares em Porto de Sauípe.</li><li>• Acompanhou todo o processo de construção da BA-099 e do Complexo Costa do Sauípe.</li><li>• Resolveu fixar residência em Porto de Sauípe por querer melhorar a qualidade de vida.</li><li>• É estudante de Psicologia e proprietário de pousada.</li></ul>

Quadro 3 – Características gerais do Sujeito 3  
Fonte: Pesquisa direta, 2008.

A entrevista com o sujeito 3 foi bastante interativa. Foi realizada num restaurante local, na frente da praça pública e numa mesa com vários amigos. Ele foi bastante receptivo para participar da pesquisa. A entrevista durou algumas horas, mas foram ricamente permeadas por risadas, lembranças e interrupções de pessoas que passavam pela rua e cumprimentavam, uma vez que as mesas dos restaurantes são dispostas numa área coberta por um telhado de palha, mas que dá visibilidade a todos que caminham pelas calçadas.

O sujeito tem 30 anos, é natural de Salvador, onde já morou, mas suas raízes familiares estão em Porto de Sauípe, local onde atualmente reside e mantém sua família. É casado e, profissionalmente, é proprietário de uma pousada. Ainda que atue no setor hoteleiro, está cursando Psicologia em uma instituição de ensino superior privada em

Salvador. Por esse motivo, viaja para Salvador todos os dias. Mas, entender a Psicologia é um sonho pessoal revelado nessa entrevista e que justifica o esforço do cansaço das viagens.

Voltar para residir em Porto de Sauípe foi opção pessoal. Casou-se e montou uma pousada para receber os turistas domésticos. Como cresceu indo e voltando para Porto de Sauípe sentiu os principais impactos socioambientais do crescimento da cidade, desde o aumento do número da população aos prejuízos ambientais.

Seu mapa mental revela a principal angústia expressada durante essa entrevista: o sentimento de invasão social e o estranhamento de pessoas que não conhece circulando por um lugar que ele considera privado da sua história de vida particular. O desenho expresso indica a integração do discurso do sujeito em todos os instrumentos de pesquisa utilizados.

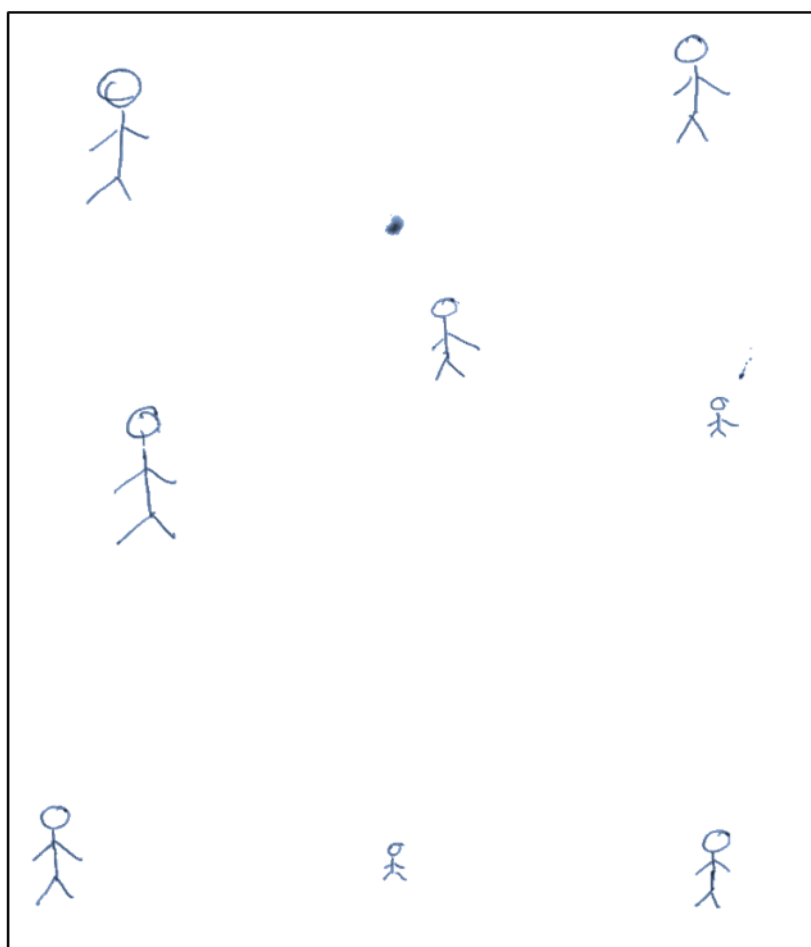


Figura 11 – Mapa mental do sujeito 3  
Fonte: Pesquisa Direta, 2008.

### 5.3.4 Sujeito 4

Sujeito 4
<ul style="list-style-type: none"><li>• Assim como todos os seus familiares, esse sujeito é natural de Porto de Sauípe.</li><li>• Acompanhou todo o processo de construção da BA-099 e do Complexo Costa do Sauípe.</li><li>• É estudante de Pedagogia.</li><li>• Profissionalmente, ocupa cargo de direção da escola municipal.</li></ul>

Quadro 4 – Características gerais do Sujeito 4

Fonte: Pesquisa direta, 2008.

A receptividade para participação da pesquisa foi excelente. A aplicação de todos os instrumentos se deu na sede da Associação de Artesãos de Porto de Sauípe, a qual foi gentilmente cedida pelos dirigentes para realização de algumas entrevistas. Como esta pesquisadora conhecia pessoas em comum ao sujeito, a seqüência de questões eram perdidas por conta das histórias de família que eram narradas e, por várias vezes, a entrevista era retomada. A aplicação dos instrumentos, nos dois encontros, foi muito interessante e alegre. Durante a entrevista houve pausas para lanches, conversas aleatórias e cumprimentos às pessoas que chegavam à sede da Associação. Ao final, geraram-se informações ricas e significativas para a compreensão da subjetividade do sujeito.

Esse sujeito tem forte relação com a educação do município. Ocupa cargo de direção na escola que trabalha. É natural de Porto de Sauípe, 26 anos e tem ligação com as atividades tradicionais da região: mariscagem e artesanato. Sua família é toda residente de Porto de Sauípe. Faz faculdade de Pedagogia à distância. Viaja nos dias necessários até Lauro de Freitas-Ba para assistir as transmissões das aulas ao vivo via satélite.

Sua vida é simples e dedicada às ações da escola. Como nasceu, cresceu e reside em Porto de Sauípe também acompanhou todo o processo de uso e ocupação do solo, da construção e lançamento do Complexo Costa do Sauípe.

De todos os mapas desenhados pelos sujeitos, o mapa desse sujeito foi o que apresentou a maior riqueza de detalhes. Sinteticamente, seu mapa mental revela, com clareza, todo o processo sociohistórico vivido pela comunidade de Porto de Saúipe. O sujeito sinaliza a construção da BA-099, a existência do Complexo Costa do Saúipe, o processo migratório para a localidade associado às pessoas que foram para Saúipe na expectativa de ascensão socioeconômica e são tratados, por esse sujeito, como “invasores sociais”.

Simultaneamente, destaca a construção de hotéis e supermercados na cidade, o que antes desses empreendimentos turísticos não existiam, os problemas urbanos, como as invasões urbanas na área de manguezal, a beleza natural do Rio Saúipe e a circulação de carros e ônibus pela pequena vila.



Figura 12 – Mapa mental do sujeito 4  
Fonte: Pesquisa direta, 2008.

### 5.3.5 Sujeito 5

Sujeito 5
<ul style="list-style-type: none"><li>• Morador antigo de Porto de Sauípe. Assim como todos os seus familiares, esse sujeito é natural de Porto de Sauípe.</li><li>• Líder comunitário ativo. É representante oficial de Porto de Sauípe em instâncias governamentais.</li><li>• Acompanhou todo o processo de construção da BA-099 e do Complexo Sauípe.</li><li>• Também atua como artesão.</li></ul>

Quadro 5 – Características gerais –[do Sujeito 5

Fonte: Pesquisa direta, 2008.

A aplicação dos instrumentos de pesquisa com esse sujeito foi extremamente interativa e divertida. Ambos os encontros foram realizados na sede da Associação de Artesãos de Porto de Sauípe, gentilmente cedida pelos dirigentes. Como já existia vínculo entre a pesquisadora e o sujeito, a todo o momento tinham risadas, histórias sobre os tempos de criança (das alegrias às tristezas), narrativas sobre viagens realizadas, histórias sobre a vizinhança e atualizações informais sobre os acontecimentos da vila e da sua vida pessoal (recentes e antigos).

Além disso, o sujeito lembrou-se com brejeirice do tempo em que televisão e geladeira eram privilégios dos moradores da vila mais abastados economicamente e que no seu tempo de infância as crianças da cidade reuniam-se numa única casa para assistir televisão ou ouvir as histórias folclóricas que permeavam o imaginário infantil da região. Ainda que com muita diversão, cabe ressaltar, que a condução dos dois encontros seguiu os procedimentos metodológicos estabelecidos.

Esse sujeito é ligado diretamente com as atividades de associativismo de segmento tradicional da comunidade e tem forte ligação com Porto de Sauípe. Terminou o segundo grau, mas não teve oportunidade de cursar faculdade. Tem 38 anos, casado, é primogênito de uma família de 10 filhos, status que lhe obrigou a ajudar a criar os irmãos. Segundo o

próprio sujeito: “minha família é da região. Fui nascido(a) e criado(a) aqui, tirado(a) pelas parteiras”.

Numa família grande do interior os filhos são selecionados para o estudo. Se um vai estudar o outro precisa ficar em casa para ajudar no trabalho doméstico e seu futuro fica entregue à sorte do destino. Algumas de suas irmãs foram escolhidas. Uma delas saiu aos onze anos de casa para estudar em Mata de São João-Ba, porque a escola local só tinha até a 4ª série (atual 5º ano do ensino fundamental) e a outra para Alagoinhas. Para sustentarem-se em outras cidades, trabalharam como babás ou domésticas em “casas de família”.

É ligado ao artesanato local e através da prospecção internacional da sua atividade viajou para diferentes países latinos e europeus representando a Bahia em feiras de artesanato ou em ações de promoção turística. “O meu artesanato me fez conhecer o mundo”, relatou. Durante a entrevista demonstrou-se alegria, pró-atividade e motivação para com o artesanato, principal fonte de sustento familiar.

Da mesma forma como os demais moradores antigos de Porto de Saúipe, o sujeito acompanhou os tempos de estiagem (que preocupavam pescadores e marisqueiras) e enchentes (que alagavam casas e ruas) do Rio Saúipe, a construção da Linha Verde e do Complexo Saúipe e expressou sua preocupação socioambiental na construção do mapa.

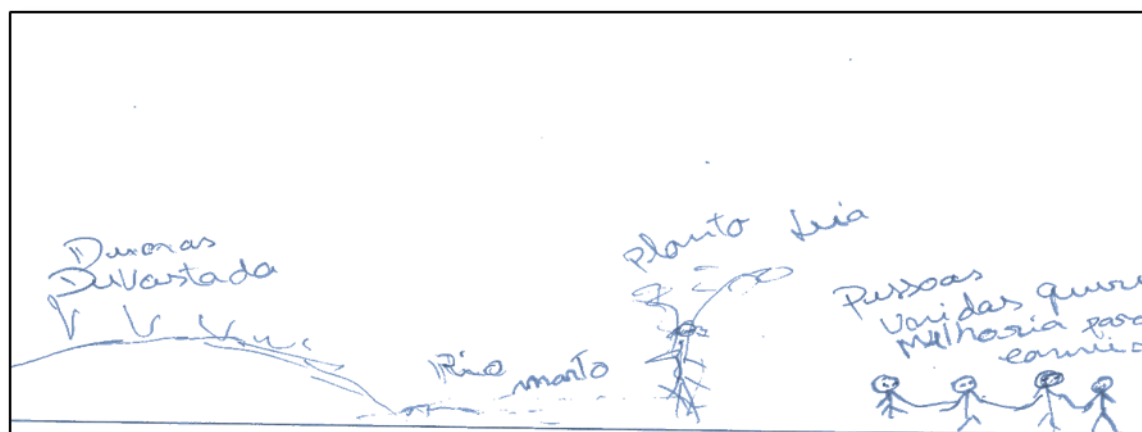


Figura 13 – Mapa mental do sujeito 5  
Fonte: Pesquisa direta, 2008.



Seu mapa mental revela as inquietações sobre o futuro do meio ambiente de Porto de Sauípe, o qual já apresenta retratos de devastação das dunas, da mata, da poluição do rio, do anseio da comunidade por melhorias e da extinção dos impactos socioambientais negativos provenientes tanto do aumento da população quanto da falta de planejamento urbano da região.

Entende-se que, como o sujeito é ligado a ações de associativismo, a solidariedade e união são fatores que tomam dimensões imprescindíveis para o cuidado com as pessoas e o meio ambiente. Afinal, ainda que o rio não esteja “morto” como descrito, o trabalho conjunto da comunidade é importante para o futuro.

### 5.3.6 Sujeito 6

Sujeito 6
<ul style="list-style-type: none"><li>• Nasceu na região de Entre Rios. Morador recém-chegado à Porto de Sauípe e depois de estabelecer residência levou a família para morar lá.</li><li>• É líder comunitário ativo.</li><li>• Acompanhou todo o processo de construção da BA-099 e do Complexo Costa do Sauípe.</li><li>• Chegou a Porto de Sauípe para trabalhar no Complexo Costa do Sauípe, onde atuou no Centro Náutico durante 6 meses. Desistiu da atividade para se envolver com cooperativa.</li></ul>

Quadro 6 – Características gerais do Sujeito 6  
Fonte: Pesquisa direta, 2007.

O sujeito 6 foi bastante receptivo a todas as questões. É envolvido com o cooperativismo local. É líder de uma cooperativa de reciclagem e compostagem. Tem 34 anos, é natural de Crisópolis-BA. Chegou a Porto de Sauípe em 2001 para trabalhar no Complexo Costa do Sauípe, onde atuou no Centro Náutico. Ficou 6 meses nessa atividade sem revelar a causa do seu desligamento.

Fez um curso sobre cooperativismo e sentiu que poderia ser um cooperado. Quando se consolidou como membro da cooperativa trouxe a família para Porto de Sauípe e criou raízes locais. A entrevista foi realizada numa barraca de praia. Entre um petisco e outro as perguntas desenrolavam-se e o sujeito ficou à vontade para expressar suas inquietações e preocupações com o futuro de Porto de Sauípe. Também sofre do sentimento de abandono

político e clama por uma maior participação da comunidade no acompanhamento da gestão sociourbana, principalmente no cuidado com a praia da Barra e com o rio Sauípe.

Em contrapartida o sujeito relatou que “os problemas ambientais vieram, mas a qualidade de vida melhorou”. Segundo o entrevistado, hoje as residências têm fossa, sanitário dentro de casa e televisão, elementos antes difíceis de ver em Porto de Sauípe.

Seu mapa mental revela sua expectativa de melhoria e aumento do turismo em Porto de Sauípe para que seja possível melhorar e movimentar a economia local. Vale destacar a sua preocupação com a dimensão ambiental, a expressão das belezas naturais de sol e praia, principalmente, na introspecção do conceito de lugar, à luz dos pressupostos da Geografia Humanística. O sujeito trata Porto de Sauípe como “nossa comunidade” ainda que more por lá há oito anos.

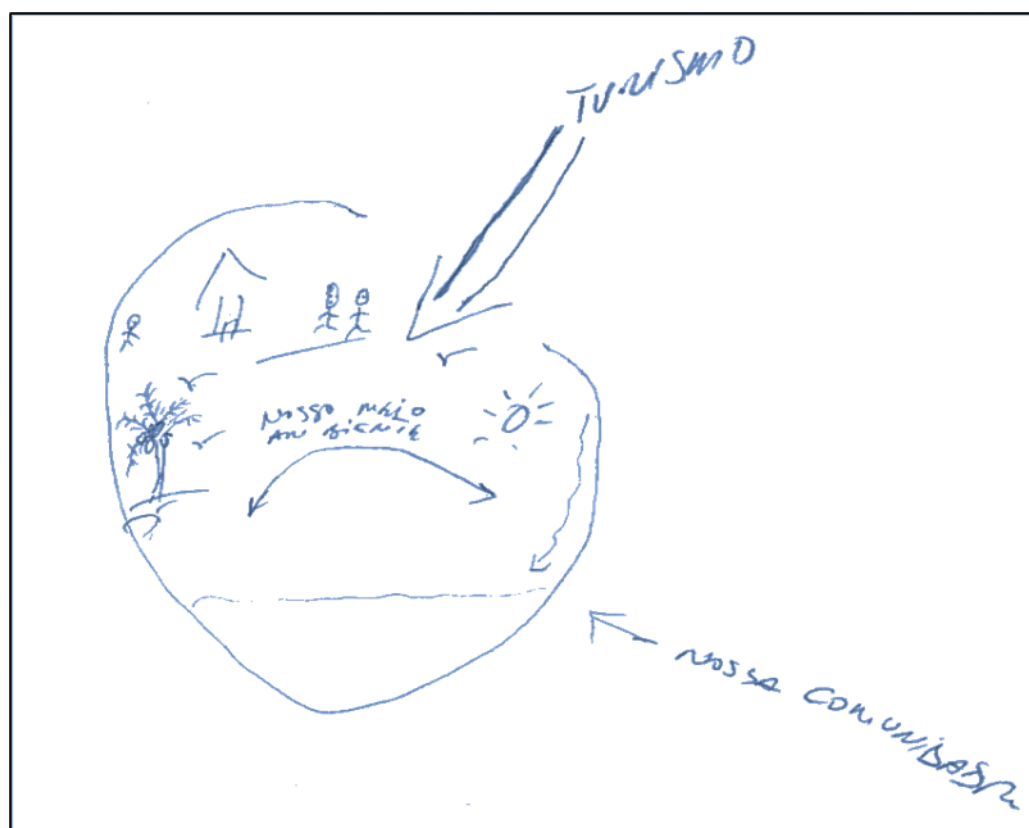


Figura 14 – Mapa mental do sujeito 6  
Fonte: Pesquisa direta, 2008.

### 5.3.7 Sujeito 7

Sujeito 7
<ul style="list-style-type: none"><li>• Morador recém-chegado à Porto de Sauípe. É estrangeiro.</li><li>• Chegou a Porto de Sauípe como turista, por indicação de amigos.</li><li>• Após sua visita às praias de Porto de Sauípe envolveu-se afetivamente com a proprietária de um restaurante.</li><li>• Mora parte do ano em Porto de Sauípe e parte nos Estados Unidos.</li></ul>

Quadro 7 – Características gerais do Sujeito 7

Fonte: Pesquisa direta, 2008.

A entrevista com esse sujeito foi bastante interessante. O registro foi somente através da entrevista e da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O diálogo foi realizado em língua inglesa, pois o sujeito não falava português fluentemente. Ele mora alguns meses do ano em San Diego, Califórnia, nos Estados Unidos e outros com a esposa em Porto de Sauípe.

Chegou a Porto de Sauípe por indicação de um amigo que conheceu no México e apaixonou-se tanto pelos encantos das paisagens locais quanto pela proprietária de uma barraca de praia na orla de Porto de Sauípe. E, assim, resolveu assumir um compromisso com ela, que também não é natural de Porto de Sauípe, privilegiando a qualidade de vida que leva sob o sol tropical e das dunas baianas. A esposa é natural de Goiás e chegou à Porto de Sauípe em busca de novas alternativas de renda.

Durante toda a entrevista salientou a importância de se investir no turismo local, na educação das pessoas da comunidade, seja através da educação formal, quanto da profissionalizante. A aproximação para a realização da entrevista se deu porque a barraca de sua esposa foi escolhida para almoço e ele atuava, muito gentilmente, no serviço de garçom.

Pela dificuldade de entendimento dos pedidos, sotaque estrangeiro acentuado e biotipo facial europeu ficou evidente que o sujeito não era brasileiro. Numa breve apresentação informal, o sujeito demonstrou enorme alegria ao descobrir que seria possível conversar em inglês, pois a maior dificuldade que encontra em Porto de Sauípe é dialogar em sua língua materna.

O seu discurso foi todo direcionado para a preocupação com a qualidade ambiental de Porto de Saúipe, com o futuro do turismo no Brasil e, principalmente, com a idéia da falta de fiscalização do poder público para com o uso indevido da zona urbana caracterizado pelas construções irregulares à beira da praia, as invasões de terras por migrantes, enfim, o próprio processo de crescimento desordenado da cidade sem infra-estrutura adequada.

Da mesma forma como os demais moradores, confirma que o cartão-postal da vila é a praia da Barra e espera que em breve o cuidado com o meio ambiente possa ser fortalecido garantindo a qualidade de vida para os moradores de Porto de Saúipe. Lamentavelmente, não foi possível realizar um segundo encontro com o sujeito, pois ele já tinha voltado para os Estados Unidos. Por esse motivo, não foi desenvolvido o mapa mental, tampouco aplicado o instrumento de complemento de frases.

Após conhecer as características psicológicas dos sujeitos partícipes da pesquisa e compreender o contexto sociohistórico que fizeram parte da construção das suas histórias de vida, o próximo capítulo irá detalhar os intercâmbios e pontos de interseção identitários existentes entre eles através de suas configurações subjetivas. Será o momento de conhecer o que e como sentem, pensam e agem no e em prol do lugar em que vivem.

## 6 DISCUSSÃO E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

**E**ste capítulo tem como propósito apresentar a discussão e análise das informações geradas durante a pesquisa de campo em Porto de Sauípe, embasadas na Teoria da Subjetividade desenvolvida por González-Rey (1997, 1999, 2004, 2003, 2005a, 2005b, 2007). Vale dizer que se soma a essa pesquisa de campo as experiências pessoais vivenciadas por esta pesquisadora durante sua trajetória acadêmica ligada a Porto de Sauípe. Afinal, quem visita Porto de Sauípe sai com a impressão de um lugar, banhado pelo calor das águas do Oceano Atlântico e entregue à sorte do futuro das políticas para desenvolvimento regional e local.

### 6.1 A EXPRESSÃO DA SUBJETIVIDADE DOS SUJEITOS DE PESQUISA E A CONFIGURAÇÃO DA IDENTIDADE DE LUGAR

Já afirmou Morin (2002, p. 84) que

o que me interessa é o fenômeno multidimensional e não a disciplina que recobre uma dimensão desse fenômeno. Tudo o que é humano é ao mesmo tempo físico, sociológico, econômico, histórico, demográfico; interessa, pois, que esses aspectos não sejam separados, senão concorram para uma 'multivisão'.

Partindo desta assertiva González Rey (2005a, p. 18) entende que a análise da subjetividade humana, como um fenômeno complexo, consegue transcender a fragmentação anunciada por Morin (2002, p. 85), bem como sustenta que os sistemas complexos “não aparecem de forma imediata perante o observador, sendo que seus processos e formas de organização devem ser construídos a partir de inúmeras formas de

expressão”. E, dessa forma, as ciências antropossociais devem ocupar-se na interpretação dessas formas de expressão que são, no seu genuínismo, expressões da subjetividade individual e social.

É interessante ratificar o conceito de subjetividade utilizado anteriormente no corpo desta tese e que foi adotado por esta pesquisadora, porquanto no âmbito da psicologia moderna a subjetividade tem sido associada a subjetivismo, mentalismo. Nessa perspectiva, adota-se como princípio o conceito de subjetividade construído por González Rey (1999, p. 108) o qual entende que:

[...] a subjetividade é a organização dos processos de sentido e significação que aparecem e se organizam de diferentes formas e em diferentes níveis no sujeito e na personalidade, assim como nos diferentes espaços sociais nos quais o sujeito atua.

Em outra publicação González Rey (2003, p. 35) argumenta que “a subjetividade é um sistema complexo de significações e sentidos subjetivos produzidos na vida cultural humana”, a qual se diferencia dos elementos sociais, biológicos, ecológicos e de qualquer outro tipo. Aponta ainda para a concepção de que “toda influencia externa representa un momento de algo nuevo que se configura en outro plano cualitativo asumiendo formas diferentes. Este plano es la subjetividad.” (GONZÁLEZ REY, 1997, p. 72).

Nessa perspectiva, a subjetividade difere de subjetivismo na medida em que incorpora dialeticamente a dimensão histórico-social para a sua configuração de forma dinâmica e complexa resultante da realidade vivida. A partir disso, a subjetividade deixa de pertencer somente a uma construção isoladamente individual e passa a expressar conjuntamente uma dimensão social. Afinal, o individual e o social são instâncias intimamente relacionadas uma vez que o indivíduo, considerado enquanto sujeito psicológico é, também, social; e, essa participação no social é que o faz sujeito.

Do ponto de vista da *subjetividade social*, o autor González Rey (1997) considera que os processos sociais deixam de ser considerados externos aos indivíduos e adquirem status

de objetivos frente à subjetividade individual a partir da sua conversão em processos de um sistema complexo, no qual o indivíduo é constituinte e simultaneamente constituído em diferentes espaços da vida social.

González Rey (2005a, p. 24) completa ainda que a subjetividade social apresenta-se “nas representações sociais, nos mitos, nas crenças, na moral, na sexualidade, nos diferentes espaços que vivemos e está atravessada pelos discursos e produções de sentido que configuram sua organização subjetiva”.

Numa comunidade, como no caso de Porto de Saúipe, existe um universo subjetivo de natureza social que está em relação constitutiva com o universo subjetivo dos sujeitos que interagem nesse espaço. É como se Porto de Saúipe, enquanto comunidade, fosse um sujeito que possuísse uma subjetividade social.

A *subjetividade individual*, por sua vez, como o próprio nome diz, traduz os sentidos subjetivos de um único sujeito, mas que está em relação dialética com a subjetividade social. González Rey (1997, p. 182) expressa a natureza dialética entre a subjetividade individual e social:

Así, los procesos de subjetividad social e individual no mantienen una relación de externalidad, sino que se expresan como momentos contradictorios que se integran de forma tensa en la constitución compleja de la subjetividad humana, la que es inseparable de la condición social del hombre; por tanto, para entender la subjetividad desde la definición dialéctica y compleja en la que intentamos situarla en este libro, tenemos que tener presente en todo momento que la condición de sujeto individual es definible sólo dentro del tejido social en que el hombre vive, en el que los procesos de subjetividad individual son un momento de la subjetividad social, momentos que se constituyen de forma recíproca sin que uno se diluya en el otro y que tienen que ser comprendidos en su dimensión procesual permanente.

Assim, González Rey (2005a, p. 35) é claro ao considerar que “a consciência crescente acerca da significação do singular para o conhecimento social nos apresenta um indivíduo socialmente constituído” e que não é, necessariamente, um reflexo do social, ainda que permita seu conhecimento. São nesses espaços que o conhecimento das configurações subjetivas revela sua riqueza dinâmica.

No tocante à pesquisa realizada com os partícipes desta pesquisa foi possível classificar cinco configurações subjetivas que serão detalhadamente descritas: 1) forte relação afetiva com o lugar e seus moradores; 2) sentimento de abandono político; 3) envolvimento com a dimensão turística; 4) sentimento de estranhamento social; 5) consciência no cuidado e interação com o meio ambiente. Veja figura 15.



Figura 15 – Síntese das configurações subjetivas identificadas nos sujeitos partícipes da pesquisa  
Fonte: elaboração própria, 2008.

### 6.1.1 Forte relação afetiva com o lugar e com seus moradores

A relação afetiva com o lugar e com os moradores de Porto de Saúipe foi expressa por todos os sujeitos partícipes da pesquisa. Porto de Saúipe parece ter uma magia que, além de atrair pessoas, tem o dom de fixar em suas terras moradores e migrantes que introjetam valores, significados e atribuem emoções à configuração do conceito de lugar referendando a discussão do capítulo 3 sobre as teorias de Lowenthal (1965) e Relph (1979), além de ratificar o conceito de topofilia cunhado por Tuan (1980; 1983). Quando



questionados sobre os motivos que os levaram a morar em Porto de Sauípe os entrevistados revelam:

Eu sou gaúcho de nascimento e baiano de coração já. [...] Eu não penso, apesar de tudo isso [falando sobre os problemas sociourbanos de Porto de Sauípe], ir embora daqui. Eu acho que aqui vai ser o meu finzinho. Quero que seja por aqui pelo Porto mesmo.

(Entrevista 2)

Voltei para Porto de Sauípe porque aqui é minha terra, é o lugar que eu amo.

(Entrevista 3)

Existem diferentes histórias para se residir por lá. Há os que moram em Porto de Sauípe porque é o lugar de seus antepassados, de seus familiares; há os que nasceram lá, moraram em outros lugares, mas por opção de vida resolveram voltar para a pacata Porto de Sauípe, como no caso do entrevistado 3; ou os que chegaram em busca de emprego e lá continuaram, como no caso da entrevista 4; ou ainda, os que foram motivados a morar lá por incentivo de pessoas que conheceram em Porto de Sauípe e por esse lugar se apaixonaram, como no caso de estrangeiros; ou simplesmente, os que foram trabalhar em atividades ligadas ao Complexo Sauípe e resolveram instalar-se e trazer a família, como relatado na entrevista 5. Vejam-se os depoimentos dos entrevistados:

Eu vim morar aqui porque a família de meu pai é daqui, então eu sempre freqüentei [Porto de Sauípe] e, na verdade, eu vim morar aqui mesmo, porque eu convivo com uma pessoa agora e a gente resolveu construir a vida aqui. Esse foi o maior motivo que me fez vir morar aqui. [...] eu sempre freqüentava o Porto. Sempre nas férias, depois que fez a Linha Verde, todos os finais de semana e, depois a gente resolveu fazer a pousada. O Porto faz parte da minha infância, adolescência, tenho minha família por aqui e porque eu acho legal a tranquilidade que a gente tem aqui, apesar de todos os problemas.

(Entrevista 3)

[Falando de um morador que trabalha no Complexo]: Essa pessoa chegou aqui sem nada. Ela morava em frente à minha casa, e em um espaço de 6 meses a mulher comprou um terreno. Ela e o marido trabalhando.

(Entrevista 4)

O marido vem trabalhar no Complexo, fica 2, 3 meses e depois traz a esposa. Essa semana mesmo teve um caso assim com uma conhecida nossa. Ela já mora aqui há um tempão e essa semana ela foi na escola justificar porque a filha faltou uma semana de aulas. O motivo?! Ela foi para o interior dela buscar a irmã com a família toda para vir morar aqui. Tem pessoas que chegam aqui sem nada e fazem a vida.

(Entrevista 5)

Porto de Sauípe não é uma localidade com vias largas e nem pavimentadas. Só se constata asfalto na via principal do centro da vila. É um lugar em que a zona urbana disputa com uma extensa área verde e nativa, com um manguezal, com um rio, com as dunas e com as belas praias. Como pode ser observada na figura 16, a zona urbana não foi construída com base em um planejamento urbano. A disposição das casas foi se adequando à demanda e interesses da comunidade local.



Figura 16 – Vista aérea do núcleo urbano de Porto de Sauípe

Fonte: ONG Global Garbage, 2006.

Nota: As linhas amarelas indicam a mesma via em ambas as fotos.

O núcleo urbano desta localidade foi construído junto à praia. Hoje em dia, os moradores dividem, didaticamente, a vila em 2 estágios: (1) Sauípe e (2) Nova Sauípe. Algo

como “dois bairros”. Veja as figuras 17 e 18 para compreender como se constitui essa divisão urbana. Sauípe é o que os moradores consideram como a “verdadeira Sauípe”, núcleo de nascimento da zona urbana onde os amigos se conhecem, residem e se encontram em bares, restaurantes e praça.



Figura 17 – vista aérea de Sauípe (1) e Nova Sauípe (2). Perspectiva oceano – parte terrestre  
Fonte: ONG Global Garbage, 2007.



Figura 18 – vista aérea de Sauípe (1) e Nova Sauípe (2). Perspectiva parte terrestre - oceano  
Fonte: ONG Global Garbage, 2007.

Na Nova Sauípe estão construídas pequenas pousadas e hotéis, as casas de segunda residência ou veraneio e condomínios fechados residenciais. Não existe disciplinamento

arquitetônico, seja em relação às cores das casas, fachadas ou estilos padronizados em nenhum dos dois lugares. Talvez, essa divisão feita pelos moradores seja em função da sua própria identificação com o lugar.

Porto de Saúipe, oficialmente, não possui bairros, mas existe uma delimitação sociourbana que a divide em “velha” e “nova” Saúipe. Afinal, já afirmou De Certeau, Giard e Mayol (2002, p. 40) que um bairro é também “uma porção do espaço público em geral (anônimo de todo mundo) em que se insinua pouco a pouco um espaço privado particularizado pelo fato do uso quase cotidiano desse espaço”.

Proshansky, Fabian e Kaminoff (1983) sustentam que os aspectos ambientais e o entorno físico proporcionam o desenvolvimento e manutenção da identidade social. Proshansky (1976; 1978) argumenta ainda que o ambiente físico assume um papel importante na configuração da identidade de lugar. A partir dessa perspectiva, Stokols (1981; 1990), Stokols e Shumaker (1981) e Stokols e Jacobi (1984) concordam igualmente que o espaço articula significados simbólicos que orientam a relação do indivíduo com o ambiente. Essas considerações podem ser evidenciadas no extrato da entrevista:

eu acho que Porto de Saúipe tem um cheiro que é só de Porto de Saúipe, eu acho que ainda tem uma alegria de festa, de encontrar os amigos, aquela que de vez em quando você vai pra uma festa, tem poucas pessoas que você conhece, mas aquelas pessoas são especiais.  
(Entrevista 3, grifo nosso)

A partir do extrato citado é possível identificar claramente como o sujeito evidenciou sua identidade de lugar misturando a descrição de aspectos ligados ao entorno físico com as suas relações afetivas e sensoriais. Esse fato é bastante esclarecedor a partir das colocações de Proshansky (1976; 1978), Proshansky, Fabian e Kaminoff (1983), Stokols (1981; 1990), Stokols e Shumaker (1981), Stokols e Jacobi (1984), Valera (2007), Moser (2003, 2005), Cavalcante (2002), bem como de Mourão e Cavalcante (2006).

A relação afetiva com o lugar pelos moradores foi evidenciada em todas as entrevistas realizadas. Eles destacam as belezas naturais de Porto de Saúipe, as relações de

amizade entre todos, a simplicidade da vida cotidiana, a capacidade de superação das adversidades e a preocupação com o futuro de Porto de Sauípe. Um comportamento à luz da argumentação da importância da cidade natal como um lugar íntimo formulado por Tuan (1983, p. 160), o qual a cidade “pode ser simples, carecer de elegância arquitetônica e de encanto histórico [...]. não importa a sua feiúra [...]”, mas seus encantos continuam nas raízes da construção da identidade de lugar de cada um. Confira os complementos de frases dos sujeitos partícipes da pesquisa que confirmam essa assertiva:

- 14. Minha cidade: uma das mais bonitas do mundo.
  - 24. Amo: nosso estado (Bahia). Porto de Sauípe.
  - 62. A minha rua: é a mais sombreada de Porto de Sauípe.
  - 63. A vizinhança: da melhor qualidade.
- (Complemento de frases 1)

[...] vai fazer nove anos que eu moro aqui. Então, eu tenho um círculo de amizades muito bom. Gosto da cidade apesar dos problemas que ela vem enfrentando. É uma cidadezinha legal, você tem qualidade de vida, tem os problemas dela. Mas ainda é uma cidade que você vive bem.

(Entrevista 2)

- 81. Ser “sauipense” é: ser alegre. Fazer parte dessa cidade é curtir as belezas que ainda tem.
- (Complemento de frases 2)

- 6. Meu maior medo: que Porto Sauípe piore.
  - 14. Minha cidade: Porto de Sauípe.
  - 25. Admiro: a capacidade das pessoas viverem na miséria e ainda assim serem felizes.
  - 63. A vizinhança: é ótima.
  - 81. Ser “sauipense” é: poder chamar segunda-feira de “dominguinho”.
- (Complemento de frases 3)

- 14. Minha cidade: minha vida.
  - 64. O mar: fonte de inspiração.
  - 65. A mata: fonte de vida.
  - 81. Ser “sauipense” é: maravilhoso.
- (Complemento de frases 4)

- 14. Minha cidade: não troco por nenhuma outra.
  - 72. Meu engajamento social: sou comprometida com a minha comunidade. Toda reunião que for para contribuir com Porto de Sauípe eu estou dentro.
  - 64. O mar: é lindo.
  - 65. A mata: também.
  - 81. Ser “sauipense” é : ser alegre e hospitaleiro. Se tiver um “beijo” virado é chegante. Sauipense não nega um copo de água a ninguém.
- (Complemento de frases 5)

- 81. Ser “sauipense” é: viver a natureza.
- (Complemento de frases 6)

Os recém-chegados criam a mesma relação afetiva com esta vila porque conseguem vislumbrar melhor qualidade de vida, seja sob a perspectiva da saúde e qualidade de vida, seja pelo fato de terem conseguido adquirir a casa própria ou porque se identificam com os demais moradores em suas expectativas quanto ao progresso local. O sujeito 2 ilustra essa afirmativa ao revelar os motivos que o levaram a fixar residência em Porto de Sauípe:

Escolhi Porto de Sauípe por opção minha, particular. Eu sempre fui criado em cidade muito grande. Então, eu escolhi Porto de Sauípe mais pela necessidade de qualidade de vida do que, talvez, a parte financeira. É claro que um completa o outro. Eu não vou ter qualidade de vida sem dinheiro, mas eu acho que hoje em dia, na minha idade, a minha maneira de pensar, eu não gostaria de morar novamente em Porto Alegre, Salvador, Curitiba. Eu optei por morar em cidades pequenas.

Hoje já tenho minha casa própria; já tenho o meu pé firmado aqui e não estar trabalhando na Costa do Sauípe não faz muita diferença financeira. Hoje eu trabalho aqui, num restaurante aqui perto de Sauípe e ganho quase a mesma coisa do que ganharia lá e trabalho mais à vontade. Não é aquele estresse de você estar com o coordenador do seu lado, é diferente, é diferente.

(Entrevista 2)

O dia-a-dia de Porto de Sauípe é típico de localidade interiorana. Vêm-se crianças brincando pela rua, calçadas com pessoas sentadas e conversando, poucos carros circulando pelas ruas (na baixa estação), ônibus, só os que levam à Salvador e que ficam estacionados na Praça Central. Não há um comércio intenso onde as pessoas perambulam pelas ruas e outras ficam pedindo licença ao passar. Existem as pessoas que estendem roupa, varrem a calçada, conversam com o vizinho, “pedem notícias” e se cumprimentam amigavelmente.

Porto de Sauípe, seja a “velha” ou a “nova”, assemelha-se a um grande bairro de amigos e parentes nos moldes da descrição de De Certeau, Giard e Mayol (2002, p. 39) “o bairro aparece como o lugar onde se manifesta um ‘engajamento’ social ou, noutros termos: uma arte de conviver com parceiros (vizinhos, comerciantes) que estão ligados a você pelo fato concreto, mas essencial, da proximidade e da repetição”. Além disso, convivem pelos termos da *conveniência* compreendido por De Certeau, Giard e Mayol (González Rey (2002, p. 39) como sendo:

[...] nível dos comportamentos, um compromisso pelo qual cada pessoa, renunciando à anarquia das pulsões individuais, contribui com sua cota para a vida coletiva, com o fito de retirar daí benefícios simbólicos necessariamente protelados. Por esse 'preço a pagar' ('saber comportar-se', 'ser conveniente'), o usuário se torna parceiro de um contrato social que ele se obriga a respeitar para que seja possível a vida cotidiana.

Há também os recém-construídos condomínios de luxo que têm proprietários que residem permanentemente nas casas ou os que utilizam como segunda residência para férias. Nesses condomínios os estrangeiros são os principais moradores, os quais convivem bem com os moradores locais. Veja o depoimento da entrevista 1.

Hoje você encontra famílias de italianos, alemães, portugueses, espanhóis e suíços que já residem aqui. Os que chegam a conversar com a gente, dizem que vieram para cá por opção de vida. A Europa estava ruim para eles, não tinham mais "grande coisa". Vieram para o Brasil, passaram por São Paulo, Rio de Janeiro, outras cidades e escolheram Porto de Sauípe como o lugar que eles gostaram. E aqui vivem em paz, em harmonia, conseguem se misturar com o pessoal e vivem bem. Tem italiano aqui que marisca no rio, que pesca com a gente. Passam meses na Itália, mas já casaram por aqui, têm suas famílias. Não são aproveitadores. São pessoas que, na verdade, contribuem com o povoado.  
(Entrevista 1)

No entanto, não deixam de causar certo estranhamento social, pois os moradores antigos tendem a sentir-se estranhos a essa dinâmica migratória e naturalmente, também, sentem-se invadidos.

### **6.1.2 Sentimento de abandono político**

A participação do poder público em ações e estratégias de desenvolvimento turístico ainda é incipiente nos estados brasileiros (BENEVIDES, 1998; SOLHA, 2004). Em alguns casos, a iniciativa se dá quando da exigência de organismos nacionais e internacionais na concessão de recursos financeiros (BENI, 1991, 2003, 2007). Na Bahia, as três mais importantes intervenções governamentais que marcaram o Litoral Norte como destino turístico

prioritário na agenda do Governo e que tiveram o incentivo de recursos internacionais foram: a) o PRODETUR; b) a abertura da BA-099 ou Linha Verde; e c) a criação da Área de Proteção Ambiental do Litoral Norte – APA LN.

Com a construção do Complexo Turístico Costa do Sauípe no município de Mata de São João, uma das comunidades impactadas foi Porto de Sauípe, sediada no município de Entre Rios e separada fisicamente do Complexo somente pelo Rio Sauípe, divisor natural entre os dois municípios.

Como já relatado numa pesquisa anterior (SASAKI, 2006) um dos principais impactos da construção do Complexo foi a transformação da localidade de Porto de Sauípe num “canteiro de obras” e numa “cidade dormitório” no qual os trabalhadores da construção civil (pedreiros, mestres de obras e ajudantes) passaram a residir e impactar ambientalmente a paisagem.

Ainda, em 2008, foi possível identificar pousadas alugadas para trabalhadores da construção civil e que tinham alto potencial turístico pela vista e localização privilegiadas em frente à praia; restaurantes transformados em refeitórios para trabalhadores de obras do Complexo; e, construções irregulares sem nenhum tipo de fiscalização governamental, que podem causar danos ambientais na orla marítima de Porto de Sauípe. Todos esses exemplos citados podem ser visualizados nas figuras 19 a 21.

As pousadas, antes abertas ao turismo regional, passaram a ser a residência oficial dessas pessoas. Seus restaurantes que antes serviam ao público em geral as suas moquecas, passaram a ser os refeitórios dos trabalhadores da construção civil. Seus quartos com vista para o mar deixaram de ter o encanto da paisagem; e a orla marítima transformou-se em cenário de uso doméstico. Os extratos das entrevistas sinalizam:

Quando as pousadas eram pousadas, não eram alocadas somente pra dormitório, elas tinham os seus restaurantes onde você poderia, mesmo não estando lá [hospedado], ir, conversar, tomar uma cerveja, pedir um churrasquinho; hoje não tem isso.

(Entrevista 1)



Hoje você vê, Porto do Sauípe como uma cidade dormitório. A maioria das pousadas que a gente tinha na cidade estão todas alugadas. [...] na época da construção da Costa do Sauípe, a cidade ficou fechada três anos hospedando essas pessoas que trabalhavam nas obras. Aqueles turistas, pessoas que vinham da região para Porto do Sauípe, ficaram três anos sem ter uma pousada. (Entrevista 2)



Figura 19 – Pousada transformada em alojamento, à beira da praia  
Fonte: Pesquisa Direta, 2008.



Figura 20 – Restaurante transformado em refeitório, à beira da praia  
Fonte: Pesquisa Direta, 2008.



Figura 21 – Construção à beira da praia com uniformes de trabalhadores da construção civil estendidos

Fonte: Pesquisa Direta, 2008.

Assim, os moradores antigos, que amam a comunidade, passaram a sentir-se estranhos à movimentação na vila de pessoas ligadas à construção civil, tempo em que começaram a atribuir ao poder público a responsabilidade pela falta de organização urbana e pela diminuição do fluxo de turistas locais e regionais que não conseguem hospedagem nos hotéis e pousadas já alugados para construtoras ou empresas terceirizadas por elas.

Veja-se o relato:

Dois mil peões numa área dessa?! O impacto foi muito grande! Olha só o que aconteceu aqui [apontando para a praça central]. O turista não vem mais porque não tem onde ficar. Isso é terrível, ninguém quer ficar aqui. Por outro lado, você vê essa praça aí que mais parece uma feira. Isso não agrada ninguém. A prefeitura não está nem aí para nada disso.

(Entrevista 1)

Quando indagados sobre as diferenças de Porto de Sauípe hoje em relação ao tempo em que conhecem a esta vila, os moradores ressaltam as benfeitorias do progresso como a construção da Linha Verde, os empregos gerados pelo Complexo Sauípe, a rede de esgoto criada, o tratamento da água, a melhoria nas condições socioeconômicas, mas também, lamentam a chegada das invasões, as pessoas estranhas e os problemas tipicamente de centros metropolitanos.

Aqui [em Porto de Sauípe] ninguém tinha emprego. Quem tinha emprego trabalhava na prefeitura, que eram 20 funcionários e ganhavam um salário mínimo. Depois do Complexo, melhorou.

(Entrevista 5)

As casas que eram de taipa acabaram. As pessoas que voltaram a construir, construíram já de bloco, alvenaria, tudo bonitinho. Quando a Linha Verde veio e as obras do Complexo começaram veio muita gente para a comunidade e quando saiu da obra, conseguiu juntar um dinheirinho. Melhoraram também as condições de vida, construíram suas casas.

(Entrevista 4)

A principal mudança [de Porto de Sauípe] é essa da quantidade de pessoas. É porque da minha infância para cá a gente passou por várias etapas. Passou por um tempo que não tinha energia, não tinha estrada asfaltada... Agora, a principal

mudança é que chegou essas barracas [falando da praça central]. Eu acho que a população cresceu de uma forma negativa porque chegou a invasão, porque não tem tanta organização, porque não tem tanta união.

(Entrevista 3)

O poder público, por sua vez, é acusado de negligência para com a atividade turística na vila. Não há investimentos nem fomento de melhorias de equipamentos turísticos (hotéis, pousadas, restaurantes), tampouco na infra-estrutura urbana e social. Os relatos dos entrevistados revelam:

[...] ninguém quer ficar aqui [...] você vê essa praça aí [apontando para a praça central da cidade]? Parece uma feira! Isso não agrada ninguém. A prefeitura não está nem aí para nada disso. A prefeitura não entende ou não quer entender o que é Turismo. Eles não entendem que zelando dessas três praias - Porto de Sauípe, Massarandupió e Subaúma -, atrairia mais recursos para o próprio município. Eu acho que eles têm medo de perder prestígio se isso aqui se transformar e passar a ser uma metrópole em relação à sede. É uma questão de visão, é mera e pura ignorância mesmo

(Entrevista 1)

As pessoas vêm para cá [Porto de Sauípe] fazer investimento e se arrependem. Eu tenho um amigo que fez investimento de meio milhão de reais para vir para cá e com cinco ou seis anos viu que, de repente, foi um erro ter vindo porque não teve o apoio que deveria ter tido.

(Entrevista 2)

Os problemas da localidade aparecem em todos os discursos e em diferentes momentos e instrumentos de pesquisa realizados. É perceptível o sofrimento dos moradores com o descaso político, com a falta de cuidado com a cidade e com a ausência de investimentos numa comunidade que é naturalmente turística. Os extratos dos instrumentos citados a seguir ilustram:

4. Lamento: a falta de ação dos três Governos (municipal, estadual e federal).
70. Depois do Complexo Sauípe: estamos empobrecendo por falta de liderança do Governo Municipal.

(Complemento de frases 1)

[...] a maioria das pessoas que eu tenho contato, quando a gente se reúne pra conversar, lamenta a falta de apoio do Governo Municipal, alguma coisa que pudesse vir pelo Governo Estadual ou até mesmo Federal. O município de Entre Rios tem três praias, Subaúma, Massarandupió e Porto do Sauípe e você não vê investimento nenhum na área de turismo aqui. Isso acaba deixando as pessoas um pouco frustradas.

(Entrevista 2)

19. O problema da cidade: urbanismo, saneamento.  
(Complemento de frases 2)

4. Lamento: as invasões em Porto Sauípe.  
19. O problema da cidade: falta de união.  
(Complemento de frases 3)

Eu acho que o turismo aqui em Sauípe caiu muito. Antes [do Complexo] era muito bom, mas devido às invasões, às pessoas que se têm hoje, na minha opinião, a falta de união dos comerciantes, eu acho que o turismo caiu. Transformou-se num turismo de nível baixo comparando com o turismo internacional da Linha Verde.

(Entrevista 3)

Além do sofrimento relatado pelos moradores durante as entrevistas também foi sinalizado o sentimento unânime de abandono político, possivelmente um reflexo da indignação dos moradores com os inúmeros problemas urbanos numa comunidade tradicionalmente rural. Ao serem questionados sobre a percepção individual dos governantes as respostas foram sempre negativas. Vejam-se o conjunto de relatos:

19. O problema da cidade: má administração. Má vontade política.  
54. Os governantes municipais: conseguem atrapalhar 120%.  
55. Os governantes estaduais: são omissos.  
56. Os governantes federais: da mesma forma.  
(Complemento de frases 1)

54. Os governantes municipais: péssimos.  
55. Os governantes estaduais: razoáveis.  
56. Os governantes federais: regular. Esperava mais.  
(Complemento de frases 2)

54. Os governantes municipais: não estão preocupados em fazer o bem do município.  
55. Os governantes estaduais: eu detesto política.  
56. Os governantes federais: idem.  
(Complemento de frases 3)

54. Os governantes municipais: falta uma preocupação maior.  
55. Os governantes estaduais: aqui não aparecem.  
56. Os governantes federais: nunca os vi.  
(Complemento de frases 4)

54. Os governantes municipais: péssimos.  
55. Os governantes estaduais: mais ou menos.  
56. Os governantes federais: gosto deles.  
(Complemento de frases 5)

54. Os governantes municipais: ausentes.  
55. Os governantes estaduais: ausentes.

56. Os governantes federais: ausentes.  
(Complemento de frases 6)

Porém, ao serem questionados sobre o grau de engajamento social ou sobre o nível de participação na construção de idéias e estratégias em prol do desenvolvimento social, ambiental ou urbano da cidade não se verifica o mesmo discurso político que pôde ser verificado nos relatos das entrevistas anteriormente descritas. É verificável a falta de engajamento social entre alguns moradores que não são diretamente envolvidos com ações de associativismo ou cooperativismo. Vejam-se os relatos:

72. Meu engajamento social: é para o bem comum de todos: pescadores, marisqueira, samba de roda.  
(Complemento de frases 1)

72. Meu engajamento social: 30%. Gostaria de ser mais participativo.  
(Complemento de frases 2)

72. Meu engajamento social: está fraco.  
(Complemento de frases 3)

42. Minha vida futura: servir à minha comunidade.  
72. Meu engajamento social: educação  
(Complemento de frases 4)

72. Meu engajamento social: sou comprometida com a minha comunidade. Toda reunião que for para contribuir com Porto de Sauípe eu estou dentro.  
(Complemento de frases 5)

72. Meu engajamento social: é bom.  
(Complemento de frases 6)

Os moradores antigos reconhecem que Porto de Sauípe tem muitos problemas, mas apesar disso, todas as transformações sofridas, sejam positivas ou negativas, não são encaradas como de responsabilidade do turismo, o qual é bem-vindo, mas que não consegue se fortalecer pela falta de cuidado e ausência do poder público.

Cooper e outros (1993) sustentam que a importância do turismo para uma economia (local, regional ou nacional) está diretamente relacionada ao nível de envolvimento do poder público, e Mathieson e Wall (1992) corroboram com essa assertiva registrando que os gestores públicos tendem a considerar o turismo como um caminho para a prosperidade

econômica, ainda que em suas conclusões essa prosperidade dificilmente ocorra. Porém, no caso de Porto de Saúipe esse envolvimento do poder público além de clamado pelos moradores é ansiosamente esperado, criando um círculo vicioso no qual a comunidade espera uma atuação mais direta do poder público, e o poder público não atua mais rapidamente porque não existe engajamento social mais direcionado às preocupações com a infra-estrutura urbana.

### **6.1.3 Envolvimento com a dimensão turística**

Retratos dos impactos do turismo (positivos ou negativos) sobre metrópoles e comunidades tradicionais acompanham pesquisas e tendências mundiais, uma vez que tem sido verificada a comercialização de espaços e tradições como atrativos turísticos, e que, em alguns casos, são entendidos como intervenções positivas para o local.

Um exemplo é o estudo de Lee e outros (2005) ao tratar dos reflexos do turismo na Coreia do Sul e Japão após a realização da Copa do Mundo em 2002. Tal estudo evidenciou o estímulo da visitação internacional e realce da imagem do destino. Já em lugares onde residem pequenas comunidades, como por exemplo, na pesquisa realizada em North Cape, Noruega (GJERALD, 2005) verificou-se que os residentes que são e os que não são economicamente dependentes da indústria do turismo o percebem positivamente, além de acreditarem que os benefícios do turismo compensam seus eventuais custos negativos.

Os impactos negativos do turismo foram, inicialmente, registrados a partir da década de 1970 com as pesquisas de Bryden (1973) sobre o turismo em comunidades caribenhas; Young (1973) com suas notas que desmistificam aspectos positivos e negativos do turismo; Graburn (1976) com uma análise antropológica sobre etnicidade da arte comercializada em aeroportos; Smith (1977) e sua antologia antropológica sobre o turismo na Polinésia e o impacto na cultura local; e Pizam (1978) ao apresentar o *survey* sobre percepção turística de residentes em Cape Cod, Massachusetts. Com a emergência das discussões ambientais na

década de 1980 o turismo passou a ser percebido, também, como um mecanismo aliado para beneficiar o ambiente e as circunstâncias sociais locais (CEBALLOS-LASCURAIN, 1996; REYNOLDS ; BRAITHWAITE, 2001; WHELAN, 1991; OMT, 2003).

Negativamente, em Sighisoara, na Romênia (JAMAL ; TANASE, 2005) foram identificados problemas com os impactos socioculturais na tradição local requerendo intervenções para desenvolvimento de projetos para avaliação de sustentabilidade de destino, baseado nos princípios da Organização Mundial do Turismo (OMT); bem como no Delta de Okavango, na Botswana onde o seu principal atrativo é dominado por companhias estrangeiras de safári, segundo Mbaiwa (2005) a indústria turística não considera as necessidades socioculturais, econômicas, além de não seguir a regulamentação para preservação ambiental do local.

Por um lado, esses processos de mudança correspondem a necessidades expressas pelo ambiente; por outro, constituem focos de tensões, instabilidade, desigualdades econômicas, sociais e espaciais. Conseqüentemente, acabam por imprimir outro formato às próprias relações socioambientais, que agora precisam ser adaptadas e/ou recriadas a cada novo cenário. No caso brasileiro, o processo de mudança dessas relações vem se dando de forma bastante heterogênea de acordo com a realidade local.

Na Austrália, por sua vez, verificou-se a celebração de parcerias estratégicas entre os aborígenes nativos e o *trade* turístico ao se implementar um 'parque de preservação natural' onde contemplava uma área de população nativa e evidências arqueológicas aberta à visitação. Essa parceria foi valorizada pelo turismo, mas criticada por pesquisadores ao enfatizarem que os benefícios sociais, econômicos e culturais não eram equilibrados para ambas as partes, uma vez que a população nativa não apresentou ganho qualitativo nas condições de vida proporcionais ao retorno financeiro com o turismo (MERCER, 2001).

Estudos sobre o litoral norte da Bahia já foram feitos por Sasaki (2003, 2004, 2005, 2006) ao tratar da relação entre turismo e sustentabilidade nessa área, com especial atenção

para a comunidade de artesãos de Porto de Sauípe; por Spínola (1997) sobre os impactos socioculturais da atividade turística da Praia do Forte; bem como por Stifelman (1997) ao realizar uma etnografia sobre Sauípe; e Sobrinho (1998) ao questionar a lógica da gestão do território em Praia do Forte.

No tocante específico a Porto de Sauípe, a dimensão turística é incorporada positivamente pelos discursos dos moradores, sejam eles antigos ou os que chegaram com o processo de desenvolvimento do Litoral Norte promovido, inclusive, pela construção da Linha Verde, a qual se transformou num fator de significativas mudanças na vida social de comunidades que se caracterizavam pelo isolamento. Segundo Mattedi (2002, p. 31):

a dificuldade de acesso ao litoral via terrestre, seja pela costa ou pelo interior, assegurou à população local, durante praticamente quatro séculos, o livre acesso e um uso diversificado dos recursos naturais disponíveis na área, mantendo-se um modo de vida tradicional voltado para a pequena produção, a pesca, a caça, a confecção do artesanato de palha e a extração de diversos produtos naturais.

É fato que essa rodovia marcou decisivamente a história das comunidades litorâneas trazendo consigo o sinônimo de progresso e desenvolvimento para a configuração da identidade de lugar dos seus moradores. Os complementos de frases confirmam que a Linha Verde significou um mecanismo divisor entre a subjetividade individual tradicional e a subjetividade social moderna dos residentes de Porto de Sauípe:

76. A Linha Verde: foi um fator de desenvolvimento para o Litoral Norte da Bahia que vivia esquecido.

(Complemento de frases 1)

76. A Linha Verde: foi uma bela obra.

(Complemento de frases 2)

76. A Linha Verde: apresentou o litoral baiano a muita gente.

(Complemento de frases 3)

76. A Linha Verde: trouxe o progresso para Porto Sauípe.

(Complemento de frases 4)

76. A Linha Verde: foi um pulo de progresso.

(Complemento de frases 5)

76. A Linha Verde: é desenvolvimento.



(Complemento de frases 6)

É compreendido pelos moradores entrevistados que a atividade turística e, por sua vez, o turista são igualmente bem-vindos e bem vistos pelos moradores da comunidade de Porto de Sauípe. Segundo Bauman (1998, p. 114) o turista “realiza a façanha de não pertencer ao lugar que está visitando: é dele o milagre de estar dentro e fora do lugar ao mesmo tempo”. Por isso, é reconhecido por eles que o fluxo de distintas pessoas na localidade promove uma miscigenação cultural positiva, além de ser necessário para o fomento da economia local. A posição dos partícipes desta pesquisa sobre o turista e o turismo que ilustra esses argumentos é expresso a seguir:

- 77. O turista: nos ajuda com a sua cultura e nos incomoda com os seus vícios.
- 78. O turismo: deveria ser a indústria mais limpa do mundo, mas bem fiscalizado poderá ser.

(Complemento de frases 1)

- 77. O turista: é tudo para a gente.
- 78. O turismo: importante.

(Complemento de frases 2)

- 77. O turista: tem que convidar os outros.
- 78. O turismo: está fraco.

(Complemento de frases 3)

- 77. O turista: sempre bem vindo.
- 78. O turismo: algo de bom para a cidade.

(Complemento de frases 4)

- 77. O turista: é 80% da nossa riqueza.
- 78. O turismo: espero que melhore mais [sic].

(Complemento de frases 5)

- 77. O turista: estamos na expectativa.
- 78. O turismo: está precário.

(Complemento de frases 6)

Mathieson e Wall (1992) sustentam que os impactos negativos do turismo mais citados na produção acadêmica são: 1) o *efeito demonstração*, no qual o turista traz novos costumes e os inserem na comunidade que passa a imitá-los; 2) as *alterações da moralidade social*, quando se desenrola a prostituição, crimes, drogas, sobretudo em comunidades de

baixo nível de renda e educação; bem como 3) o *neocolonialismo*, quando as decisões comunitárias passam a depender de operadores turísticos externos e mão-de-obra qualificada passa a ser importada de lugares distintos de onde está implantado o equipamento turístico em detrimento da comunidade local.

É importante ressaltar que os três principais impactos relatados por Mathieson e Wall (1992) são visivelmente identificados no discurso dos moradores de Porto de Sauípe, especialmente no depoimento do item 77 do complemento de frases 1, anteriormente citado, bem como o que segue:

[...] a menina com 15 anos já é mulher, pode casar, pode ter filho, pode tudo, mas trabalhar não. É proibido nesse nosso país. Não pode fazer determinados cursos profissionalizantes sem de completar 18 anos, mas todos trabalham em barzinho, barraca e nas casas de senhores como empregadas domésticas. O que é que essa mulher carente de uma família, que não ganha um salário mínimo pode fazer? Se prostitui, não tem outra alternativa. É isso que acontece aqui.  
(Entrevista 1)

Porém, em função dos diferentes impactos socioambientais e falta de infra-estrutura turística o turismo não atingiu a expectativa dos moradores propalada pelo discurso político no período de construção da Linha Verde, tampouco com a construção do Complexo Sauípe. Ainda assim, os moradores percebem os pontos negativos da expansão urbana como parte de um “progresso” natural e inevitável do turismo. Veja-se no relato do sujeito 1:

O turismo é um processo natural. Tem áreas aqui no interior do estado e no interior do mundo que não vai turista e os problemas são até maiores. Eu considero o turismo uma indústria que não polui desde que seja fiscalizado.  
(Entrevista 1)

Quando indagados sobre o Complexo hoteleiro houve uma divergência nas opiniões. Há os que realçam os aspectos positivos como a geração de empregos e outros que enaltecem a falta de acompanhamento do poder público no processo de uso e ocupação da zona urbana. Ressaltam também que o turista que se hospeda no Complexo não conhece a Bahia. O sujeito 3 revela:

eu não gosto porque eu acho que não representa a Bahia. [O Complexo] é uma coisa fechada, é um mundinho fechado e elitizado. Uma pessoa que se hospeda ali,

que vem do exterior não pode dizer que veio para a Bahia. Eu acho que o conceito não é legal. Mas, a estrutura deles é boa.  
(Entrevista 3).

O relato da entrevista 3 resgata o conceito de *resort* sustentado por Rodrigues (1999, p. 18):

Alheios às características que identificam o *lugar*, como único, constroem-se *resorts* padronizados [...], onde as pessoas respiram aliviadas porque se sentem em casa, ou seja, no seu lugar de origem. São paradoxalmente iguais, em qualquer parte do mundo, nos territórios os mais escondidos e exóticos, indiferentes ao entorno, cercados por muros, no interior dos quais os turistas são confinados durante quase toda sua estada. Só ascendem aos territórios extramuros em excursões programadas, participando de aventuras encenadas, rigorosamente controladas e sem riscos.

Referendando Rodrigues (1999), Mendonça (2001, p. 20) explica que

a atividade turística tem se desenvolvido de tal forma que os indivíduos escolhem o lugar que vão visitar por critérios que não incluem forçosamente a personalidade do lugar, seus aspectos peculiares e especiais, suas características mais fortes – tais como a vegetação, o relevo, a hidrografia, o povo do lugar e sua cultura, sua música, seus hábitos, sua culinária. E sem esse conhecimento fica difícil respeitar. Impera uma grande superficialidade na relação com a natureza e com as populações locais. Para cada local onde a evolução do turismo se tornou difícil devido à degradação socioambiental, cria-se outro, com características semelhantes, ainda que mais modernas e aparentemente diferentes.

Os partícipes desta pesquisa também foram indagados sobre os benefícios, prejuízos/problemas, esperanças e um breve comparativo sobre as principais mudanças ocorridas antes e depois da implantação do Complexo hoteleiro. A síntese dessas perguntas pode ser visualizada nos extratos abaixo:

21. Um benefício do Complexo Sauípe: água, esgoto, oportunidade do povo de Sauípe contactar com pessoas do mundo.
  22. Um prejuízo/problema do Complexo Sauípe: esgoto lançado no rio.
  23. Minha esperança sobre o Complexo Sauípe: quem vier a comprar que seja parceiro ou melhor.
  69. Antes do Complexo Sauípe: tínhamos turismo melhor. Circulava mais dinheiro em Porto de Sauípe.
  70. Depois do Complexo Sauípe: estamos empobrecendo por falta de liderança do Governo Municipal.
- (Complemento de Frases 1)

21. Um benefício do Complexo Sauípe: absorção de certa parte da mão-de-obra local.

22. Um prejuízo/problema do Complexo Sauípe: degradação ambiental.  
23. Minha esperança sobre o Complexo Sauípe: que mude a metodologia de trabalho para que tenham sucesso.

69. Antes do Complexo Sauípe: morava em Fortaleza

70. Depois do Complexo Sauípe: difícil...

(Complemento de Frases 2)

21. Um benefício do Complexo Sauípe: emprego.

22. Um prejuízo/problema do Complexo Sauípe: tudo que trouxe de negativo. Impactos socioambientais.

23. Minha esperança sobre o Complexo Sauípe: possa continuar de forma positiva. Ajude mais a comunidade.

69. Antes do Complexo Sauípe: Porto era mais nativo.

70. Depois do Complexo Sauípe: veio a invasão.

(Complemento de Frases 3)

21. Um benefício do Complexo Sauípe: trabalho para a comunidade.

22. Um prejuízo/problema do Complexo Sauípe: Falta de apoio

23. Minha esperança sobre o Complexo Sauípe: Que solucionassem os problemas causados por ele

69. Antes do Complexo Sauípe: a cidade era mais calma

70. Depois do Complexo Sauípe: o progresso é bom e ruim

(Complemento de Frases 4)

21. Um benefício do Complexo Sauípe: o emprego.

22. Um prejuízo/problema do Complexo Sauípe: impacto ambiental.

23. Minha esperança sobre o Complexo Sauípe: dias melhores virão.

69. Antes do Complexo Sauípe: era tranquilo.

70. Depois do Complexo Sauípe: agitação (como coisa boa). Veio para somar.

(Complemento de Frases 5)

21. Um benefício do Complexo Sauípe: trabalho.

22. Um prejuízo/problema do Complexo Sauípe: impactos sociais.

23. Minha esperança sobre o Complexo Sauípe: harmonia.

69. Antes do Complexo Sauípe: expectativa.

70. Depois do Complexo Sauípe: resultados.

(Complemento de Frases 6)

Dentre as observações dos sujeitos é interessante destacar a expectativa da geração de emprego pelo Complexo hoteleiro ainda que todos tenham ciência dos problemas socioambientais decorrentes, seja através da poluição do rio e mangues, da diminuição de tranquilidade ou do sentimento de estranhamento social, tema do próximo tópico de análise.

#### 6.1.4 Sentimento de estranhamento social

Porto de Sauípe estruturou-se economicamente baseada na pesca artesanal de jangada, na mariscagem e no artesanato de piaçava. Com a emergência dos processos de transformação social, caracterizados pela construção da BA-099 e construção do Complexo Turístico Costa do Sauípe verificou-se a desestruturação das colônias de pescadores e, paradoxalmente, o fortalecimento do artesanato.

Vários motivos levaram a essa configuração socioeconômica, desde a poluição do rio, mangue e, por consequência, das praias mais próximas até o surgimento de outras possibilidades de geração de emprego e renda tanto na construção civil quanto no setor hoteleiro. Especificamente sobre o artesanato local houve a influência de agente externo à comunidade que promoveu a conscientização da importância do associativismo (SASAKI, 2006).

A estrutura social dos moradores antigos de Porto de Sauípe se estabeleceu a partir das suas relações cotidianas como descrito no conceito de *bairro* de De Certeau, Giard e Mayol (2002, p. 46):

uma organização coletiva de trajetórias individuais: com ele ficam postos à disposição dos seus usuários 'lugares' na proximidade dos quais estes se encontram necessariamente para atender a suas necessidades cotidianas. Mas, o contato interpessoal que se efetua nesses encontros é, também ele, aleatório, não calculado previamente; define-se pelo acaso dos deslocamentos exigidos pelas necessidades da vida cotidiana. [...]. Passando pelo bairro é impossível não encontrar algum 'conhecido' (vizinho ou comerciante) mas nada permite dizer de antemão quem e onde.

Como acontece em localidades pequenas como as vilas interioranas, a vida cotidiana é simples, as relações sociais são próximas e os moradores se conhecem. Ou melhor, essa vida cotidiana, hoje, só se aplica aos moradores antigos, pois é lamentada a perda da tranquilidade e dos laços de proximidade entre todos de Porto de Sauípe. O que antes era uma "grande família" onde todos se conheciam ou tinham laços, hoje perdem sua identidade com o crescente número de migrantes. O sujeito 3 relata:

Na época que eu era criança, isso aqui era como se fosse uma grande família. Todo mundo conhecia todo mundo, entrava na casa de todo mundo, todos sabiam de

tudo. Às vezes nem sabia o nome, mas sabia “é sobrinha, ou é filha de fulano”. Todo mundo se conhecia e hoje em dia está mais complicado.

[...]

Eu vejo a diferença da grande quantidade de pessoas. Eu identifico que antes, há um tempo, você andava pelas ruas e cumprimentava todo mundo porque eram todos conhecidos. Hoje em dia, às vezes eu saio à noite e são poucas as pessoas que eu cumprimento porque a maioria é estranha; porque chegou a invasão; porque a empresa [construtora] que veio trabalhar trouxe os peões e os peões chegaram aí, começaram a invadir, fizeram família e aí, nessa brincadeira, traz o parente e a população cresceu muito, de pessoas que não são daqui e vieram.

(Entrevista 3)

São essas relações sociais de proximidade e identificação social descritas que os moradores antigos sentem saudades. É voz comum entre eles as reclamações sobre o crescimento da população e o sentimento de invasão social e estranhamento das pessoas que visitam ou moram em Porto de Sauípe. Os sujeitos 4 e 5 corroboram com essa assertiva:

Essa semana o porteiro da escola olhou para mim e disse: “eu não estou mais conhecendo quem são essas crianças”. Ele disse isso porque quando a gente percebe, já não conhece o pai, não sabe de onde veio, mas sabe que está lá e chega todo dia... Vem de lugares que você nem imagina. Estão vindo para ficar mesmo.

(Entrevista 4)

Esses dias eu fui na *lan house*, aí entrou uma menina fazendo uma fofoca lá, dizendo que teve uma confusão. Quando eu olhei, eu conhecia a menina que estava falando, mas as meninas que estavam com ela eu não sei quem são, nem quem são os pais ou parentes. Essas pessoas vêm de Entre Rios, vem de Salvador, vem de Itabuna, vem de Ilhéus. Tem gente aqui dos 4 cantos.

(Entrevista 5)

O ápice do movimento na vila é no verão com a emergência das festas de rua, como as lavagens de igreja e o carnaval. Segundo os moradores, nesse período gera, inclusive, congestionamento. Tem trio elétrico na rua e uma banda de axé competindo o barulho na praça. O sujeito 5 recorda comparando com os dias atuais:

O Porto era minúsculo, era um terço do que é hoje. O Porto, na verdade não tinha nada. Aqui não tinha nada, tinha um barzinho que ligava a “radiola” velha, a gente dançava e 10 horas da noite era como se fosse meia-noite! Hoje em dia na época de dezembro até fevereiro esse lugar fica intransitável, é tanto carro nessa rua que chega a ter congestionamento. Final de ano aqui, você fica assustada com a quantidade de gente. Verão é mais freqüentado. Mês de carnaval, você não sabe quem é quem de ponta a ponta da cidade.

(Entrevista 5)

Num processo de crescente desenvolvimento regional e urbano é inevitável a desestruturação gradual das relações sociais em nível *lato*. Tuan (1983, p. 197) afirma que “alcança-se a identidade do lugar pela dramatização das aspirações, necessidades e ritmos funcionais da vida pessoal e dos grupos”.

No caso dos moradores de Porto de Sauípe, a identidade de lugar está voltada, também, para o futuro: para uma perspectiva de melhoria das condições de vida, tendo a compra da casa própria como símbolo de ascensão socioeconômica, de melhoria da infraestrutura urbana e da conscientização ambiental.

#### **6.1.5 Consciência no cuidado e interação com o meio ambiente**

Os estudos apresentados por Lindberg e Hawkins (1999) sobre o turismo e meio ambiente sustentam que a participação da comunidade local é decisiva para o acompanhamento e controle do crescimento da atividade e respectivos impactos socioambientais negativos. Keogh (1990) reforça essa assertiva ao apresentar sua pesquisa sobre a percepção de residentes de New Brunswick, Canadá, a qual explicitou a efetiva necessidade de participação da comunidade no planejamento do turismo.

Quando os partícipes da pesquisa foram questionados sobre a importância do meio ambiente foi unânime a preocupação com o seu futuro, tanto em relação ao turismo quanto à sobrevivência das paisagens naturais de Porto de Sauípe. O conceito de sustentabilidade ambiental é incorporado no discurso dos moradores e explicitado, diretamente, nos complementos iniciados com “motivo-me a cuidar do meio ambiente”.

- 17. Minha preocupação principal: que a Terra sobreviva e nos dê água por muito tempo.
- 20. O meio ambiente: tem que ficar controlado. Sustentável.
- 46. Motivo-me a cuidar do meio ambiente: com coração, pulmão, cérebro, tudo junto. Meio Ambiente é vida.  
(Complemento de frases 1)

20. O meio ambiente: preocupante.

46. Motivo-me a cuidar do meio ambiente: até mesmo pelo esporte que pratico: pescaria.

(Complemento de frases 2)

20. O meio ambiente: precisa ser cuidado urgente.

46. Motivo-me a cuidar do meio ambiente: se não dar aos meus filhos, sobrinhos uma vida melhor.

(Complemento de frases 3)

20. O meio ambiente: precisa de cuidados

46. Motivo-me a cuidar do meio ambiente: quando penso que sem ele a vida pode acabar.

(Complemento de frases 4)

20. O meio ambiente: órgãos competentes deveriam olhar mais para a situação.

46. Motivo-me a cuidar do meio ambiente: porque cuidando do meio ambiente vai ter vida melhor para a nova geração.

(Complemento de frases 5)

20. O meio ambiente: deve ser discutido.

46. Motivo-me a cuidar do meio ambiente: pois sem ele a gente não vive.

(Complemento de frases 6)

Os moradores de Porto de Sauípe têm uma relação direta com a natureza, pois convivem com o mar, o mangue, a mata e o rio, simultaneamente em todos os espaços da localidade, conforme as figuras a seguir. Como pode ser verificada nas imagens, a paisagem natural é extremamente agradável e importante atrativo turístico.



Figura 22 – Praias da orla marítima da “velha” Sauípe  
Fonte: Pesquisa direta, 2008.





Figura 23 – Praias da orla marítima da “velha” Sauípe  
Fonte: Pesquisa direta, 2008.



Figura 24 – Imagens do trecho do Rio Sauípe que circunda a zona urbana  
Fonte: Pesquisa direta, 2008.



Figura 25 – Imagem do manguezal no trecho que circunda a zona urbana  
Fonte: Pesquisa direta, 2008.

A partir das imagens é possível entender porque os moradores se preocupam com a conservação ambiental, a qual é abordada como de responsabilidade individual e o cuidado do meio ambiente deixa de ser responsabilidade do poder público e, nesse momento, passa a ser de responsabilidade das ações individuais em prol de um mundo sustentável. Enfim, conforme expressa o sujeito 6 “é uma questão de atitude”. Veja-se os demais depoimentos:

59. Conservação ambiental: é fundamental.

64. O mar: não está para peixe.

65. A mata: precisamos cuidar.

66. O rio Sauípe: precisa de ajuda.

(Complemento de frases 1)

59. Conservação ambiental: preocupante.

64. O mar: ótimo.

65. A mata: está num estado preservado. Embora tenha plantação de eucalipto.

66. O rio Sauípe: preocupante.

(Complemento de frases 2)

59. Conservação ambiental: depende de nós.

64. O mar: é maravilhoso.

65. A mata: é verde.

66. O rio Sauípe: é rico.

67. Aprendi com minha família: a respeitar os outros e o ambiente.

79. A pesca: não pode ser predatória.

(Complemento de frases 3)

59. Conservação ambiental: é fundamental para a vida.

64. O mar: Fonte de inspiração.

65. A mata: Fonte de vida.

66. O rio Sauípe: precisava ser como antes.

(Complemento de frases 4)

59. Conservação ambiental: que todo mundo fizesse um pouquinho.

Conscientização mesmo.

64. O mar: lindo.

65. A mata: também.

66. O rio Sauípe: pedindo socorro.

71. Meu maior prazer: entrar na mata.

(Complemento de frases 5)

59. Conservação ambiental: é atitude.

64. O mar: é o mar.

65. A mata: faz parte do todo.

66. O rio Sauípe: precisa de cuidado.

81. Ser “sauipense” é viver a natureza.

(Complemento de frases 6)

Como Porto de Saúipe é um lugar intimamente ligado à natureza, os moradores atribuem a uma de suas praias o símbolo de cartão-postal da vila. Eis a praia da Barra. O diferencial desta praia para as demais existentes é que nela é possível desfrutar da beleza do encontro do Rio Saúipe com o Oceano Atlântico.



Figura 26 – Foz do Rio Saúipe com o Oceano Atlântico, também chamada de Praia da Barra  
Fonte: Pesquisa Direta, 2008.

Como suas águas são calmas, a praia da Barra tem barracas de praia que servem acarajés, moquecas, petiscos e é freqüentada por moradores locais de todas as idades, das crianças aos idosos. Em alguns dias vêm-se, inclusive, banhistas praticando o esporte de *jetski* (moto aquática).



Figura 27 – Barracas da Praia da Barra  
Fonte: Pesquisa Direta, 2008.

À luz dos estudos de Valle (1995) importa considerar que a consciência ambiental proporciona a noção de que o meio ambiente pode ser um parceiro e não um fator restritivo às atividades econômicas, inclusive ligadas ao turismo desde que exista gestão. O sujeito 2 ressalta a importância do *trade* turístico acompanhar a gestão dos impactos socioambientais do lugar onde se instala:

[...] eu acho que o turismo deve cuidar do meio ambiente do lugar onde chega, e assim, se todo turista cuidar do lugar onde vai, eu acho que as coisas melhoram.  
(Entrevista 2)

É inegável que as expectativas da comunidade devem ser contempladas no processo de gestão e planejamento socioambiental do lugar onde residem, pois somente os moradores têm conhecimento da história e do ambiente natural com o qual convivem e compreendem sua dinâmica.

Segundo Dias (2003) é possível agregar a participação da sociedade passando por três fases: a) despertar a conscientização, b) criar atitudes que influenciem ações e; c) ganhar a cooperação na resolução de problemas. Em decorrência da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNUMAD), realizada em 1992, a participação da sociedade foi peremptoriamente incluída como melhor modo de tratar das questões ambientais.

No caso dos moradores de Porto de Saúipe essa atitude já é possível ser identificada em seus discursos, principalmente nos sujeitos:

26. Minha principal ambição: ver o povo politicamente organizado e instruído capaz de eleger seus representantes não por favor, mas pela escolha certa.
47. A maior parte do meu tempo dedico: a trabalhar pela comunidade.  
(Complemento de frases 1)
72. Meu engajamento social: sou comprometida com a minha comunidade. Toda reunião que for para contribuir com Porto de Saúipe eu estou dentro.  
(Complemento de frases 5)

Afinal, são os moradores (antigos ou recém chegados) quem irão reformar, mudar ou transformar novas paisagens, novos espaços, assim como as respectivas imagens mentais, revelando e consolidando sua identidade de lugar de acordo com suas necessidades e prioridades sociais, ambientais e urbanas. Consciência socioambiental caminha *pari passu* com a cidadania.

Ao finalizar o capítulo 6 percebe-se a configuração da identidade de lugar dos moradores de Porto de Sauípe ainda passa por um momento de construções e rupturas. Ora contemplando as belezas naturais da localidade, ora passivos e complacentes com a degradação socioambiental. Ora repletos de fortaleza e engajados por uma Sauípe organizada, ora descrentes pela desmobilização dos residentes, principalmente pelo fato do contínuo processo migratório e do distanciamento de interesses coletivos. Ora esperançosos por um turismo em Porto de Sauípe mais incluyente, ora desconfiados do turismo de massa.

Enfim, o que se percebe é a ausência do poder público como agente organizador e promotor de políticas educacionais, sociais, ambientais e culturais que preparem seus residentes para o turismo internacional fortalecendo a auto-estima da população e conservando sua relação afetiva com o lugar.

## 7 CONCLUSÃO

*Como está configurada a identidade de lugar dos moradores residentes em Porto de Sauípe em face da intervenção da atividade turística na região?* Eis o questionamento que norteou a construção desta tese e a motivação pessoal e profissional para o desenvolvimento desta pesquisa.

Portanto, a partir do problema de pesquisa foi suscitado um diálogo sobre a relação entre identidade de lugar e seu processo de configuração e re-configuração estimulada por ações e contextos externos ao morador de Porto de Sauípe e que não são factíveis de controle imediato.

O envolvimento desta pesquisadora com a temática abordada perpassa o período destinado ao curso de doutorado e a afinidade com metodologias qualitativas vai além dessa última experiência. A crença no ser humano enquanto sujeito multireferencial, dinâmico e complexo foi lapidada durante a formação acadêmica desta pesquisadora que envolveu os últimos dez anos de estudos sobre o Litoral Norte da Bahia consolidados com a possibilidade de análise da subjetividade e identidade de lugar dos seus moradores na presente pesquisa.

Por localizarem-se num extenso corredor de belezas naturais, preservadas à intervenção antrópica, os moradores de Porto de Sauípe as utilizaram durante séculos de modo sustentável e equitativo. No entanto, através desta pesquisa foi possível observar que o acesso a esses recursos da natureza foi limitado em função da construção de empreendimentos turísticos, da construção da BA-099, ou ainda, quando foi verificada a

necessidade de competição do uso de suas terras com novos atores sociais: turistas, migrantes e moradores temporários.

Esses foram os marcos subjetivos de uma nova configuração da identidade de lugar dos sauípenses e migrantes que adotaram Porto de Sauípe como seu lugar de moradia. À luz dos teóricos apresentados no escopo desta tese concorda-se que as relações entre globalização e identidade incitam a criação de movimentos e núcleos de resistência de culturas locais que buscam conservar e perpetuar suas tradições locais em face de um processo globalizador da cultura.

Assim, muitas perguntas foram feitas no decorrer da pesquisa que se propôs a aprofundar a discussão sobre a configuração da identidade de lugar desses moradores, na atualidade, em face das intervenções turísticas na região, principalmente após a implantação do Complexo Turístico Costa do Sauípe. São elas:

- 1. qual tratamento e respaldo epistemológico devem ser usados para a busca da interpretação da subjetividade dos sauípenses?*
- 2. qual a relação dos moradores com o lugar “Porto de Sauípe”?*
- 3. de que modo a atividade turística se revela à subjetividade dos moradores?*
- 4. qual a configuração da identidade de lugar dos moradores, considerando o contexto de intervenção turística em Porto de Sauípe?*

É fato que a praia de areia clara e fina, as águas quentes do Oceano Atlântico que abraçam toda a extensão territorial de Porto de Sauípe aliado a uma comunidade hospitaleira, acolhedora e possuidora de uma identidade cultural fortemente enraizada, transformaram-se nos principais atrativos turísticos e fomentaram um crescimento que trouxe consigo um conjunto de problemas sociais, ambientais e urbanos.

Do ponto de vista teórico, esta tese apresenta uma ampla revisão dos estudos publicados no país; discute os estudos internacionais sobre o assunto; evidencia a

necessidade de aprofundamento da discussão sobre identidade de lugar e ressalta a carência da produção científica sobre o tema no país.

As leituras dos teóricos do capítulo 2 que introduziram as reflexões e conexões sobre globalização, identidade e turismo permitiram a inferência de que Porto de Saúipe está ameaçado pela lógica de um capitalismo consumidor de espaços que visa o lucro para usufruto de poucos em detrimento da sociedade; de um capitalismo que tem interesses particulares que não concede espaço aos interesses sociais; bem como, de um capitalismo que concentra a atenção no presente em detrimento do futuro olvidando-se do fato de que o verdadeiro lucro para a humanidade está em valorizar o meio natural no qual se vive.

Enfim, cabe ao Estado e à população sauípense não se transforme num lugar igual a outras localidades de turismo de sol e praia. Saúipe possui história, cultura e tradições, enfim possui um simbolismo/patrimônio imaterial que não pode ser desconsiderado, ainda que se reconheça a dificuldade em superar baixos índices socioeconômicos, sobretudo no que se refere à educação e qualificação técnica para atuação no mercado turístico.

O esforço para a humanização das análises acadêmicas, especialmente no tocante ao capítulo 3 possibilitou o reconhecimento da importância da construção do conceito de lugar à luz da Geografia Humanística. O sentimento de pertencimento a um determinado espaço e a criação de envolvimento afetivo com o lugar narrados nas falas e comportamentos dos moradores de Porto de Saúipe partícipes da pesquisa permitiram a compreensão das suas configurações subjetivas.

Enquanto para os moradores, Porto de Saúipe significa seu lugar de residência, as raízes de seus antepassados e suas perspectivas futuras; para o *trade* turístico e especuladores imobiliários, esse mesmo lugar significa um cartão-postal fonte potencial de lucro, e os moradores, o meio ambiente e os órgãos de fiscalização ambiental transformam-se em potenciais obstáculos para se alcançá-lo.



Foi possível identificar que a relação dos moradores com o lugar “Porto de Sauípe” se dá de forma bastante afetuosa, e que surpreendentemente, a atividade turística não é entendida como o grande “mal” da comunidade, pois mais impactante do que o Complexo Turístico Costa do Sauípe, foi a construção da Linha Verde.

A Linha Verde possibilitou o acesso mais rápido, trouxe energia elétrica para casas onde viviam à luz de velas e botijões de querosene, fomentou a implantação de equipamentos turísticos de todos os portes estruturais, alguns de padrão e características internacionais que, não raro, desvalorizaram as culturas tradicionais. Por conseqüência, trouxe a falta de segurança, o alcoolismo, a prostituição e o medo.

Ainda assim, em todos os relatos dos sujeitos desta pesquisa fica claro que o Complexo Costa do Sauípe é visto com bons olhos, pois proporcionou melhoria das condições socioeconômicas de moradores originais de Porto de Sauípe que tinham no emprego público a única perspectiva de melhoria de vida.

O complexo hoteleiro e o turismo, enquanto atividade econômica, transformaram-se em símbolos de modernidade e de possibilidade de ascensão econômica, pois em alguns casos possibilitou o poder de compra de bens de consumo duráveis, como a geladeira e a televisão, e viagens internacionais para líderes comunitários, antes privilégios de pouquíssimas pessoas que moravam lá.

Seis anos depois da primeira análise sistematizada sobre Porto de Sauípe, a qual foi realizada durante o curso de mestrado, ratifica-se que a comunidade continua tendo um alto custo social que envolveu todo o processo de desenvolvimento regional do Litoral Norte da Bahia.

Porto de Sauípe continua alvo da irresponsabilidade do poder público em permitir um crescimento desordenado, exemplificado por imagens registradas e apresentadas nos capítulos desta tese, as quais indicam a possibilidade de falência dos recursos naturais,

culturais e sociais, elementos fundamentais e estruturantes tanto da comunidade quanto das atividades turísticas na região. Um completo descuido do Estado.

Ao mesmo tempo, é possível identificar que existe uma subjetividade social em Porto de Saúipe que é constituída de distintas formas de sentir, pensar e agir. As contribuições dos autores referenciados nos capítulos iniciais desta tese serviram de lentes para leitura do mundo moderno, ainda que à luz de teóricos clássicos da geografia humanística, os quais permitiram a compreensão do que significa *identidade de lugar*.

A identidade de lugar de moradores de Porto de Saúipe – originais ou migrantes – revelou-se a partir do equilíbrio entre suas configurações subjetivas, as quais são mutuamente includentes e dinâmicas. Afinal, o ser humano não introjeta o ambiente, mas constrói progressivamente sua compreensão de mundo dialogando e se relacionando diretamente com a dinâmica da vida social.

É importante registrar o papel da Teoria da Subjetividade na integração das informações geradas durante a pesquisa de campo e o respaldo dado à seleção dos instrumentos de pesquisa e sua respectiva metodologia de aplicação. Verifica-se que a partir do capítulo 5 foi iniciada a exposição da dimensão prática da pesquisa. Porém, ainda que o capítulo 4 tenha realizado a caracterização (social, geográfica, econômica e histórica) de Porto de Saúipe como um mecanismo de apresentação do lugar, é no quinto capítulo que os sujeitos começam a criar voz no discurso textual. E, foi por meio desse capítulo, que a epistemologia qualitativa emoldurou o olhar desta pesquisadora como forma de gerar reflexões e questões que auxiliaram o processo construtivo-interpretativo típico dessa metodologia.

As cinco configurações subjetivas que foram discutidas verticalmente puderam retratar o olhar de informantes-chave, que tinham perfis diferentes, mas que por fazerem parte da comunidade sauípense expressavam-se de forma integrada. Como forma de registro nesta tese, todos os partícipes da pesquisa combinaram mais de um dos seguintes

requisitos de seleção para inclusão na amostra: (1) atuação como funcionário ou proprietário de equipamento turístico, (2) moradores originais de Porto de Sauípe ou recém-chegados, e (3) líderes comunitários.

Esses últimos - líderes comunitários - deram um exemplo de doação de suas vidas em prol da comunidade. Eles transformaram-se em símbolos da luta pela preservação da identidade cultural autoproclamando representantes da proteção das atividades tradicionais de pesca, do artesanato e das manifestações folclóricas que estão na iminência de “desaparecimento”.

A postura desses líderes consolidou os pressupostos teóricos discutidos nos capítulos anteriores ao considerar que a identidade de lugar consiste, inclusive, num conjunto de conhecimentos dos espaços onde o indivíduo desenvolve sua vida cotidiana e em função dos quais ele pode estabelecer vínculos emocionais e de pertença.

Assim, a configuração da identidade de lugar dos moradores partícipes desta pesquisa é múltipla e complexa, mas pautada na esperança de dias melhores. Todos vêem o turismo por um prisma otimista, ao passo que demandam maior participação do poder público.

Os moradores antigos, apesar de sentirem falta da vida pacata de outrora, estão conformados com o desenvolvimento da localidade e com a perspectiva de progresso ainda que esse “progresso” possa trazer prejuízos ambientais e contrastes urbanos para Sauípe e a Nova Sauípe.

A partir do exposto, cumpre esclarecer que essa pesquisa não encerra em si mesma, tampouco os períodos de visitas de campo são suficientes para a compreensão, na totalidade, da dinâmica social dos moradores de Porto de Sauípe. Afinal, as configurações subjetivas que contemplam a identidade de lugar de moradores são reflexos de um olhar temporário marcado por um determinado tempo histórico.

Esse fato retrata uma das limitações desse estudo que merece atenção, uma vez que esses moradores, ainda que sejam porta-vozes da comunidade, passam por um contexto de construção, fortalecimento e desconstrução de suas identidades, uma vez que assim como a vida cotidiana, a história do Litoral Norte está em contínuo processo de construção.

Nesse sentido, esta investigação indica a possibilidade de outros estudos, como por exemplo:

- a) análise quantitativa, em forma de *survey*, sobre a visão dos moradores de Porto de Sauípe estratificando suas informações a partir das configurações subjetivas delineadas nessa pesquisa;
- b) percepção de pesquisadores (*outsiders*) que vêm se debruçando sobre a temática para comparar os seus olhares sobre Porto de Sauípe;
- c) evidências empíricas da relação comparativa entre os municípios de Mata de São João e Entre Rios do impacto econômico do Complexo Costa do Sauípe nas finanças públicas;
- d) geração de indicadores de sustentabilidade social, econômica e ambiental para acompanhamento e proposição de políticas públicas;
- e) imagem do destino turístico e nível de satisfação do turista que demandem investimento em infra-estrutura turística;
- f) análise urbanística sobre a paisagem natural, bem como análise do processo de uso e ocupação do solo em Porto de Sauípe; e
- g) acompanhamento sistematizado do processo de degradação do meio ambiente (flora e fauna) visto o risco iminente da irreversibilidade dos danos já constatados e o possível impacto na saúde pública.

Nesse sentido, importa renovar os estudos sobre a identidade de lugar, nos quais enfoques sociológicos, psicológicos, geográficos, urbanísticos, biológicos e econômicos sejam empregados de forma interdisciplinar. Assim, será possível realizar uma análise da

complexa relação entre fatores que interferem no processo de desenvolvimento da identidade.

Pontualmente, é fundamental reconhecer que estratégias de planejamento urbano e ações de educação profissionalizante são além de importantes, decisivas para o futuro dos moradores de Porto de Sauípe. Esses moradores precisam muito mais do que atenção, mas de efetivas políticas públicas que norteiem o desenvolvimento da comunidade pautado nos princípios do equilíbrio entre a economia, a cultura e o meio ambiente. Além disso, recomenda-se ainda a implementação de ações multiplicadoras de educação ambiental para crianças, jovens e adultos, sejam moradores ou visitantes.

Assim, espera-se que esta tese tenha contribuído para o registro de um momento histórico de Porto de Sauípe e que tenha servido de estímulo para o desdobramento de outros estudos acadêmicos, haja vista a necessidade de ampliação de estudos brasileiros sobre essa temática.

Enfim, como já disse o poeta Paul Valéry: “não se terminam trabalhos, eles são abandonados”, identifica-se que esse é o momento de abandonar essa tese com a esperança da sua continuidade sob outras autorias. A crença num futuro próspero de Porto de Sauípe pautado na premissa de que os interesses particulares serão rendidos aos interesses gerais da comunidade ficarão latentes pela trajetória desta pesquisadora.

Deseja-se discernimento, iniciativa e realizações à comunidade sauipeense, seus dirigentes públicos, eventuais turistas e investidores.



## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. 21. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- AGIER, M. Distúrbios identitários em tempos de globalização. *Revista Mana*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 7-33, 2001.
- ALVAREZ, J. E. La geografia humanística. *Anales de geografia de la Universidad Complutense*, Madrid, v.1, n.2, p. 11-30, 1982.
- APOSTOLOPOULOS, Y.; LEIVADI, S.; YIANNAKIS, A. *The sociology of tourism*. 5. ed. Londres: New York: Routledge, 2002.
- APPADURAI, A. *Modernity at large*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração*. Rio de Janeiro, 2002. 24 p.
- \_\_\_\_\_. *NBR 6024: informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento*. Rio de Janeiro, 2002. 3 p.
- \_\_\_\_\_. *NBR 6028: informação e documentação: resumo*. Rio de Janeiro, 2002. 2 p.
- \_\_\_\_\_. *NBR 10520: informação e documentação: apresentação de citações em documentos*. Rio de Janeiro: ABNT, 2002. 7 p.
- \_\_\_\_\_. *NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação*. Rio de Janeiro, 2005. 9 p.
- BAHL, M. et. al. *Turismo como força transformadora do mundo contemporâneo*. São Paulo: ROCCA, 2005.
- BANDEIRA, M. *O feudo: a Casa da Torre de Garcia D'Ávila: da conquista dos sertões à independência do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. BNDES. *PRODETUR: infraestrutura e seus reflexos no turismo. Relatório da gerência setorial de turismo*. 1999. Disponível em: <[www.bndes.gov.br/conhecimento/setorial/get4is06.pdf](http://www.bndes.gov.br/conhecimento/setorial/get4is06.pdf)>. Acesso em: 20 set. 2008.
- BARRETTO, M. *Turismo e legado cultural*. 4. ed. São Paulo: Papyrus, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Cultura e turismo*. São Paulo: Papyrus, 2007.

\_\_\_\_\_. *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. São Paulo: Papirus, 2000.

\_\_\_\_\_. *Planejamento responsável do turismo*. São Paulo: Papirus, 2005.

\_\_\_\_\_. *Turismo, cultura e sociedade*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2006.

BATISTA Jr., P. N. Nação, nacionalismo e globalização. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v. 22, n. 62, p. 281-285, 2008.

\_\_\_\_\_. Mitos da globalização. *Revista Estudos Avançados*, Instituto de Estudos Avançados, São Paulo, v.12, n.32, p. 281-285, jan./abr. 1998.

BAUMAN, Z. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. *Identidade – entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BENEVIDES, I. P. *Turismo e Prodetur: dimensões e olhares em parceria*. Fortaleza, EUFC, 1998.

BENI, M. C. *Análise do desempenho do sistema nacional de turismo instituído na administração pública*. 1991. Tese (Livre Docência) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

\_\_\_\_\_. *Análise estrutural do turismo*. 2. ed. São Paulo: Senac, 2007.

\_\_\_\_\_. *Globalização do turismo: megatendências do setor e a realidade brasileira*. São Paulo: Aleph, 2003.

\_\_\_\_\_. *Política e planejamento do turismo no Brasil*. São Paulo: Aleph, 2006.

BERGER, P.; BERGER, B.; KELLNER, H. *The homeless mind. Modernization and consciousness*. Nova York, Vintage Books, 1974.

BERGER, P.; HUNTINGTON, S. P. *Muitas globalizações: diversidade cultural no mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

BERQUE, A. Raisonner à plus d'un niveau: le point de vue culturel em géographie. *L'Espace Géographique*, v. 10, n. 4, p. 289-290, 1981.

BLEICHER, J. Hermenêutica. In: OUTHWAITE, W.; BOTTOMORE, T. (Edit.). *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 350-354.

BOAVENTURA, E. M. *Metodologia da pesquisa: monografia, dissertação e tese*. São Paulo: Atlas, 2004.

BOULLÓN, R. C. *Planejamento do espaço turístico*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.



BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. *Sobre as artimanhas da razão imperialista*. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRANDÃO, M. A. *Relatório do estudo de impacto ambiental da BA-099*. Salvador: HIGESA, 1992.

BREAKWELL, G. M. Processes of self-evaluation: Efficacy and estrangement. In: BREAKWELL, G. (Org.). *Social psychology of identity and the self-concept*. Surrey, Guildford, UK: Surrey University Press, 1992

\_\_\_\_\_. Integrating paradigms: Methodological implications. In: BREAKWELL, G. ; CANTER, D. (Org.). *Empirical approaches to social representations*. Oxford: Clarendon Press, 1993.

\_\_\_\_\_. Social representations constraints upon identity processes. In: PHILOGENE, G. ; DEAUX, K. (Org.). *Representations of the social: bridging theoretical traditions*. London: Blackwell Publishers, 2001, p. 271-284.

BREAKWELL, G. M; LYONS, E. (Org.). *Changing European identities: social psychological analyses of social change*. International series in social psychology. Oxford: Elsevier, 1996.

BRYDEN, J. M. *Tourism and development: a case study of the commonwealth Caribbean*. London: Cambridge University Press, 1973.

BUTTNER, A. Aprendendo o dinamismo do mundo-vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.) *Perspectivas da geografia*. São Paulo, Difel, 1985. p. 165-193.

CAMARGO, J. C. G.; REIS JÚNIOR, D. F. C. Considerações a respeito da geografia neopositivista no Brasil. *Revista Geografia*, Rio Claro, v. 29, n.3, p. 355-382, set.-dez., 2004.

CARMO-NETO, D. *Metodologia científica para principiantes*. 18. ed. Salvador: Editora universitária americana, 1992.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

CAVALCANTE, S. A psicologia ambiental na Universidade de Fortaleza – UNIFOR. *Revista mal-estar e subjetividade*. Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 161-187, set. 2002.

CEBALLOS-LASCURAIN, H. *Tourism, ecotourism and protected areas*. Gland, Switzerland: The World Conservation Union (IUCN), 1996.

CHASE-DUNN, C. *Global formation: structures of the world economy*. Cambridge: Polity Press, 1991.

CHESNAIS, F. *A mundialização do capital*. Rio de Janeiro, Xamã, 1996.

COOPER, C. et. al. *Tourism: principles and practices*. England: Longman, 1993.

COSTA, G. *Turismo e recursos hídricos: uma análise das derivações antropogênicas no baixo curso do Rio Saúipe - BA*. 2009, 203 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Urbano), Universidade Salvador-UNIFACS, Salvador, 2009.

DE CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. *A invenção do cotidiano*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. v. 2.

DEHOORNE, O. et. al. *Le tourisme*. Paris: Belin, 2004.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS – DIEESE. *Negociações salariais melhoram em 2000*. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/esp/cju/balneg2000.xml>>, Acesso em: 20 set. 2008.

DIAS, R. *Turismo sustentável e meio ambiente*. São Paulo: Atlas, 2003.

ENTRIKIN, J. N. Contemporary Humanism in Geography. *Boletim Geografia Teórica*, Rio Claro, v. 10, n. 19, p. 5-30, 1980.

FEATHERSTONE, M. (Coord.). *Cultura global: nacionalismo, globalização e modernização*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

FERREIRA, L. F. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. *Revista Território*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p. 65-83, jul.-dez., 2000.

FORTUNA, C. (Org.). *Cidade, cultura e globalização*. Lisboa: Celta, 1997.

FRATUCCI, A. C. Os lugares turísticos: territórios do fenômeno turístico. *Revista Geographia*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 121-133, 2000.

FREYRE, G. *Casa grande & senzala*. 48. ed. São Paulo: Global, 2006.

FRIEDMAN, J. *Cultural identity and global process*. Londres: Sage, 1994.

FUKUYAMA, F. *A grande ruptura: natureza humana e reconstituição da ordem social*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

\_\_\_\_\_. *Construção de Estados: governo e organização no século XXI*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

\_\_\_\_\_. *O fim da história e do último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GJERALD, O. Sociocultural impacts of tourism: a case study from Norway. *Journal of Tourism and Cultural Change*, v. 3, n. 1, p. 36–58, 2005.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, 1988.

GONZÁLEZ REY, F. *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005a.

\_\_\_\_\_. Subjetividade social y proceso de construcción de conocimiento. *Revista Educación*. La Habana, Cuba, n. 94, p. 20-24, 1998.

\_\_\_\_\_. *Subjetividade, complexidade e pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005b.

\_\_\_\_\_. *Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

\_\_\_\_\_. *Epistemología cualitativa y subjetividad*. São Paulo: EDUC, 1997.

\_\_\_\_\_. *La investigación cualitativa en psicología: rumbos y desafíos*. São Paulo: EDUC, 1999.

\_\_\_\_\_. O sujeito, a subjetividade e o outro na dialética complexa do desenvolvimento humano. In: SIMÃO, L. M.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. (Org.). *O outro no desenvolvimento humano*. São Paulo: Thompson Learning, 2004.

\_\_\_\_\_. *Personalidade, saúde e modo de vida*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

\_\_\_\_\_. *Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2007.

GRABURN, N. H. *Ethnic and tourist arts: cultural expressions from the fourth world*. Berkeley, CA: University of California Press, 1976.

HAGUE, C. *Place identity, participation and planning*. Londres: Routledge, 2004.

\_\_\_\_\_. Planning and place identity. In: HAGUE, C.; JENKINS, P. (Ed.) *Place identity, participation and planning*. Londres: Routledge, 2005. p. 3-17.

HALL, S. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

\_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In: TADEU DA SILVA, T. *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

HANNERZ, U. Cosmopolitas e locais na cultura global. In: FEATHERSTONE, M. (Coord.). *Cultura global: nacionalismo, globalização e modernização*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 251-266.

HARNER, J. Place identity and copper mining in Sonora, Mexico. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 91, n. 4, p. 660-680, dez, 2001.

HAVIK, K. M. *Towards a site-specific practice – reflections on identity of place*. Disponível em: <[http://www.eki.ee/km/place/pl03/Place03\\_havik.pdf](http://www.eki.ee/km/place/pl03/Place03_havik.pdf)> Acesso em: 30. Set. 2007.

HOLZER, W. A geografia cultural e a história: uma leitura a partir da obra de David Lowenthal. *Revista Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 19-20, p. 23-32, jan.-dez., 2005.

\_\_\_\_\_. A geografia humanista anglo-saxônica – de suas origens aos anos 90. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 55, n. 1/4, p. 109-146, jan.-dez., 1993.

\_\_\_\_\_. O lugar na geografia humanista. *Revista Território*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 67-78, jul.-dez., 1999.

\_\_\_\_\_. Nossos clássicos: Carl Sauer (1889-1975). *Revista Geographia*, Niterói, RJ, v. 2, n. 4, p. 135-136, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Resultados da amostra do censo demográfico 2000*. Malha municipal digital do Brasil: situação em 2001. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.

\_\_\_\_\_. *Normas de apresentação tabular*. 3. ed. Rio de Janeiro, 1993. 61 p.

JAMAL, T.; TANASE, A. Impacts and conflicts surrounding Dracula Park, Romania: the role of sustainable tourism principles. *Journal of Sustainable Tourism*, v. 13, n. 5, p. 440–455, 2005.

JENKINS, P. Space, place and territory: an analytical framework. In: HAGUE, C.; JENKINS, P. (Ed.) *Place identity, participation and planning*. Londres: Routledge, 2005. p. 19-37.

KEOGH, B. Public participation in community tourism planning. *Annals of Tourism Research*, v. 17, n. 3, p. 449-465, 1990.

KEYNES, J. M. *The economic consequences of the peace*. 1. ed.: 1919; republicado in: *The collected writings of John Maynard Keynes*, v. II. Cambridge, Cambridge University Press for the Royal Economic Society, 1971.

KIANICKA, S. et. al. Locals' and tourists' sense of place. *Mountain research development*, Zurique, Suíça, v. 26, n. 1, p. 55-63, fev. 2006.

KLEIN, N. *Sem logo: a tirania das marcas em um planeta vendido*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

KNEAFSEY, M. Tourism and place identity: a case-study in rural Ireland. *Irish Geography*, Dublin, Irlanda, v. 31, n. 2, p. 111-123, 1998.

KRIPPENDORF, J. *Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. Rio de Janeiro: Civilização. 1989.

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

LEE, C-Ki et. al. Impact of sport mega-event on destination image the case of the 2002 FIFA world cup Korea/Japan. *International Journal of Hospitality & Tourism Administration*, v. 6, n. 3, p. 27-45, 2005.

LEITE, A. F. O lugar: duas acepções geográficas. *Anuário do Instituto de Geociências da UFRJ*, Rio de Janeiro, v. 21, p. 9-19, 1998.

LÉVI-STRAUSS, C. *L'Identité*. 4. ed. Paris: PUF, 2000.

LINDBERG, K.; HAWKINS, D. (Org.). *Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão*. 2. ed. São Paulo: Senac, 1999.

LOWENTHAL, D. English Landscape Tastes. *Geographical Review*, Louisiana, Estados Unidos, v. 55, n. 2, p. 186-222, 1965.

LORIMER, Bruce. *Planejamento regional*. Relatório técnico. Salvador: Ws Atkins International, 1998.

LYNCH, K. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MAGALHÃES, Denise Silva. *Cartografia e geoprocessamento na análise e gestão de sistemas rodoviários: a BA 099 e sua área de influência direta*. 2003. 219 p. Dissertação (Mestrado em Análise Regional), Universidade Salvador-UNIFACS, Salvador, 2003.

MARTINS, G. A. *Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2006.

MATHIESON, A.; WALL, G. *Tourism: economic, physical and social impacts*. England: Longman, 1992.

MATTEDI, M. R. M. Diagnóstico socioambiental da APA do Litoral Norte da Bahia. *Relatório Técnico*. 2. v. Salvador, WS Atkins international, 2001c.

\_\_\_\_\_. Espaço e sociedade na área de proteção ambiental do litoral norte da Bahia. *Revista de Desenvolvimento Econômico*. Salvador: UNIFACS, v. 3, n. 5, p. 104-113, dez. 2001b.

\_\_\_\_\_. Pesquisa e Planejamento ambiental no Litoral Norte da Bahia. *Revista Gestão & Planejamento*. Salvador: UNIFACS, n. 3, p. 9-31, jul./dez. 2001a.

\_\_\_\_\_. Sociedade e meio ambiente no litoral da Bahia: transição para a (in)sustentabilidade, 2002. (Doutorado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Regional)- Universidade Salvador - UNIFACS, Salvador, 2002.

MBAIWA, J. E. The problems and prospects of sustainable tourism development in the Okavango Delta, Botswana. *Journal of Sustainable Tourism*, v. 13, n. 3, p. 203-227, 2005.

MELLO, J. B. F. Valores em geografia e o dinamismo do mundo vivido na obra de Anne Buttmer. *Revista Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 19-20, p. 33-40, jan.-dez., 2005.

MELLO-SILVA, S. B.; NENTWIG-SILVA, B. C. Reinventando o território: tradição e mudança na região do sisal – Bahia. *Revista de Desenvolvimento Econômico*, Salvador, v. 3, n. 5, p. 5-16, dez. 2001.

MENDES, J. M. O. O desafio das identidades. In: SOUSA SANTOS, B. (Org.). *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 503-540.

MENDONÇA, G. M. *Manual de normalização para apresentação de trabalhos acadêmicos*. Salvador: UNIFACS, 2009

MENDONÇA, R. Turismo ou meio ambiente: uma falsa opinião? In: LEMOS, A. I. G. (Org.). *Turismo: impactos socioambientais*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 19-25.

MERCER, D. A difícil relação entre o turismo e a população nativa: a experiência da Austrália. In: THEOBALD, W. F. (Org.). *Turismo global*. São Paulo: Senac, 2001. p. 117-144.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A. (Org.). *Psicologia escolar e compromisso social*. Campinas, SP: Alínea, 2005.

\_\_\_\_\_. *Criatividade, personalidade e educação*. Campinas: Papirus, 1997.

MOREIRA, M. A. *A teoria da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula*. Brasília: Ed. da UNB, 2006.

MORIN, E. *Problema epistemológico da complexidade*. 3. ed. Lisboa: Europa, 2002.

MOSER, G. A psicologia ambiental: competência e contornos de uma disciplina. *Revista Psicologia USP*, São Paulo, v. 16, n. 1/2, p. 279-294, 2005.

\_\_\_\_\_. Questionner, analyser et améliorer les relations à l'environnement. In MOSER, G.; WEISS, K. (Org.), *Espaces de vie: aspects de la relation homme-environnement*. Paris: Armand Colin, 2003. p. 11-42.

MOSER, G.; UZZELL, D. Environmental psychology. In: MILLON, T.; LERNER, M. J. (Ed.). *Comprehensive handbook of psychology: personality and social psychology*. v. 5. New York: John Wiley & Sons, 2003. p. 419-445.

MOTTA, J. R. S. T. *Avanços e retrocessos do Brasil no Governo FHC*. Brasília: Câmara dos Deputados, jul. 2003. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/publicacoes/estnottec/tema10/pdf/305043.pdf>. Acesso em: 20 set. 2008.

MOURÃO, A.R.T.; CAVALCANTE, S. O processo de construção do lugar e da identidade dos moradores de uma cidade reinventada. *Revista Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 11, n. 2, p. 143-151, 2006.

NOGUEIRA, A. R. B. Mapa mental: recurso didático para o estudo do lugar. In: POTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. (Org.). *Geografia em perspectiva*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 125-131.

OHMAE, K. *The borderless world: power and strategy in the interlinked economy*. Nova York: Harper Collins, 1999.

\_\_\_\_\_. *The invisible continent*. Nova York: Harper Collins, 2001.

OLIVEIRA, A. P. *Turismo e desenvolvimento: planejamento e organização*. São Paulo: Atlas, 2005.

OLIVEIRA, G; TUROLLA, F. Política econômica do segundo governo FHC: mudança em condições adversas. *Revista Tempo Social*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 195-217, nov. 2003.

OMAN, C. *Globalization and regionalization*. Paris, OECD/Development Centre, 1994.

OMT - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. *Guia de desenvolvimento do turismo sustentável*. Porto Alegre: Bookman, 2003.

PEARCE, D. *Geografia do turismo*. São Paulo: Aleph, 2003.

PERES, F. R. *Memória da Sé*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 1999.

PETRELLA, R. Une machine infernale. *Le monde diplomatique*, junho de 1997, p. 17.

PICKLES, J. *Phenomenology, science and geography: spatiality and the human sciences*. Cambridge: Cambridge University, 1985.

PIZAM, A. Tourism's impacts: The social costs to the destination as perceived by its residents. *Journal of Travel Research*, v. 16, n. 4, p. 8-12, 1978.

PRED, A. Structuration and Place. Disponível em: <<http://pegasus.cc.ucf.edu/~janzb/place/placesense.htm>>. Acesso em: 10. set. 2007.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). *Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil*. 2003. Disponível em: <[www.pnud.org.br/atlas](http://www.pnud.org.br/atlas)>. Acesso em: 10. set. 2008.

PROSHANSKY, H. M. The Appropriation and Misappropriation of Space. In: KOROSEC, P. (ed.). *Appropriation of Space. Proceedings of the Strasbourg Conference*, p. 31-45, Louvain-la-Neuve: CIACO, 1976.

\_\_\_\_\_. The city and self-identity. *Journal Environment and Behavior*, v. 10, n. 2, p. 147-169, 1978.

PROSHANSKY, H.; FABIAN, A. K.; KAMINOFF, R. Place identity: physical world socialization of the self. *Journal of Environmental Psychology*. Nova York, Elsevier, v. 3, p. 57-83, 1983.

RELPH, E. *Place and placelessness*. Londres: Pion, 1980.

\_\_\_\_\_. *Rational landscapes and humanistic geography*. Londres: C. Helm, 1981.

\_\_\_\_\_. As bases fenomenológicas da Geografia. *Revista Geografia*, v. 4, n. 7, p. 1-25, abr., 1979.

REYNOLDS, P. C., ; BRAITHWAITE. Towards a conceptual framework for wildlife tourism. *Tourism Management*, v. 22, n. 1, p. 31–42, 2001.

RIBEIRO, D. *Diários índios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ROBERTSON, R. *Globalization*. Londres: Sage, 1992.

RODRIGUES, A. B. (Org.). *Turismo e desenvolvimento local*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002b.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Turismo, modernidade e globalização*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002a.

\_\_\_\_\_. Desafios para os estudiosos do turismo. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Turismo e geografia: reflexões e enfoques regionais*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 17-32.

RUSCHMANN, D. *Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente*. 7. ed. Campinas, SP: 2001.

SAAB, W. G.; DAEMON, I. *As potencialidades turísticas do estado da Bahia*. Relatório da gerência setorial de turismo. 2001. Disponível em: [www.bndes.gov.br/conhecimento/setorial/get4is28.pdf](http://www.bndes.gov.br/conhecimento/setorial/get4is28.pdf). Acesso em: 20 set. 2008.

SALAZAR, N. B. Tourism and glocalization “local” tour guiding. *Annals of Tourism Research*, v. 32, n. 3, p. 628-646, 2005.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

SANTOS, T. N.. Igreja Primacial da Sé: a trajetória de um patrimônio apagado em nome do progresso. In: SOUZA, R. C. A.; MOUSINHO, M. C. A.; SÁ, N. C. (Org.) *Turismo cultural: novos desafios*. Salvador: UNIFACS, 2007. p. 129-139.

SANTOS, T. S. Globalização e exclusão: a dialética da mundialização do capital. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 3, n. 6, p. 170-198, jul./dez. 2001.

SASAKI, K. Tradição e modernidade no Litoral Norte da Bahia: o caso do artesanato de Porto Saúipe. *Revista Bahia Análise & Dados*, Salvador, v. 13, n. 3, p. 615-622, dez. 2003.

\_\_\_\_\_. *Turismo e Sustentabilidade: a experiência do artesanato de palha de Porto Saúipe-BA*. Salvador: Sathyarte/Fapesb, 2006.

\_\_\_\_\_. Considerações sobre a Teoria Clássica da localização na Economia Regional. *Cadernos de Análise Regional*, UNIFACS, v. 5, p. 8-16, nov. 2006.

\_\_\_\_\_. Influências do turismo na gestão social e ambiental da Associação de Artesãos de Porto de Saúipe – Bahia. In: SEMANA DE ANÁLISE REGIONAL, 1., 2004, Salvador, *Anais...* Salvador: Universidade Salvador, 2004. 1 CD-ROOM.



\_\_\_\_\_. *Turismo e sustentabilidade: a experiência da Associação de Artesãos de Porto de Saúipe - BA*. 2004, 237 f. Dissertação (Mestrado em Análise Regional), Universidade Salvador-UNIFACS, Salvador, 2005.

SASSEN, S. *Cities in a world economy*. 2. ed. Londres: Sage, 2000.

\_\_\_\_\_. *The global city*. Princeton, NJ: Princeton Press, 2001.

SCOTT, A. *Regions and the world economy*. Oxford: Oxford University, 1998.

SIGALA, M.; LESLIE, D. *International cultural tourism management: implications and cases*. Oxford: Butterworth-Heinemann, 2005.

SKLAIR, L. *Sociology of the global system*, Londres: Harvest Wheatsheaf, 1991.

SMITH, N. Humanistic method in contemporary social geography. *Area*, v.13, n.4, p. 293-300, 1981.

\_\_\_\_\_. Geography and post-positivist modes of explanation. *Progress in Human Geography*, Sage Publications, v.3, n. 2, p. 356-383, 1979.

\_\_\_\_\_. *Hosts and guest: an anthropology of tourism*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1977.

SOBRINHO, L. G. *Em busca do paraíso... A (ECO) lógica, a gestão do território e o turismo em Praia do Forte*. 1998. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia-UFBA, Salvador, 1998.

SOLHA, K. T. *Órgãos públicos estaduais e o desenvolvimento do turismo do Brasil*. 2004. 178f. Tese. (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SOUSA SANTOS, B. Os processos da globalização. In: SOUSA SANTOS, B (Org.). *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 25-103.

SOUZA, Marconi de. Massarandupió é “doada” a portugueses. *Jornal A Tarde*, Salvador, 28. abr. 2002a.

\_\_\_\_\_. Massarandupió pertence à firma inglesa e posseiros. *Jornal A Tarde*, Salvador, 19. maio. 2002b.

\_\_\_\_\_. Mulher torna-se dona de Massarandupió. *Jornal A Tarde*, Salvador, 26. maio. 2002c.

\_\_\_\_\_. Odebrecht comprou parte de Saúipe ao Banco de Londres. *Jornal A Tarde*, Salvador, 19. maio. 2002d.

\_\_\_\_\_. Oito juízes não decidiram sobre área de Massarandupió e Sauípe. *Jornal A Tarde*, Salvador, 20. maio 2002e.

\_\_\_\_\_. Pacab compra agora as terras de Sauípe. *Jornal A Tarde*, Salvador, 02. jun. 2002f.

SOUZA, R. C. A. et. al. *Estudo preliminar de impacto ambiental: empreendimento da Linha Verde (BA-099)*. Salvador: Departamento de Estradas e Rodagem da Bahia, 1991. (mimeo).

\_\_\_\_\_. Bacias hidrográficas do Recôncavo Norte e Rio Inhambupe. *Relatório Técnico*. Salvador, Fundação Nacional de Desenvolvimento do Ensino Superior Particular (Funadesp), 2008.

\_\_\_\_\_; CALDAS, A. S. *Viagem ao São Francisco*. Salvador: UNIFACS, 2009. Série Expedições 1.

SPINOLA, C. *O impacto sócio-cultural da atividade turística na Praia do Forte*. 1997. Dissertação (Mestrado em Administração) - Faculdade de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

STAKE, R. E. *A arte da investigação com estudos de caso*. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

STIFELMAN, G. M. *Sauípe em três tempos: um processo de desapropriação no Litoral Norte da Bahia*. 1997. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

STOETZEL, J. *Psicología social*. Alcoy: Marfil, 1970.

STOKOLS, D. Group x place transactions: some neglected issues in psychological research. In: MAGNUSSON, D. (ed.). *Toward a psychology of situations: an interactional perspective*, 1981. p. 393-415.

\_\_\_\_\_. Instrumental and spiritual views of people-environment relations. *Journal American Psychologist*, v. 45, n. 5, 641-646, 1990.

STOKOLS, D.; JACOBI, M. Traditional, present oriented, and futuristic modes of group-environment relations. In: GERGEN, K. J.; GERGEN, M. M. *Historical social psychology*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1984. p. 303-324.

STOKOLS, D.; SHUMAKER, S.A. People in places: a transactional view of settings. In: HARVEY, J.H. (ed.). *Cognition, social behavior, and the environment*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1981. p. 441-488.

SWAN, J. Using cognitive mapping in management research: decisions about technical innovation. *British Journal of Management*, London, v. 8, p. 183-198, 1997.

TAJFEL, H. *Human groups and social categories*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

TAVARES, L. H. D. *História da Bahia*. 10. ed. São Paulo: EdUFBA, 2001.

TREVIZAN, S. D.; SIMÕES, M.L. Global e local: conflito ou complementaridade. In: TREVIZAN, S. D. (Org.). *Comunidades sustentáveis a partir do turismo com base local*. Ilhéus, BA: Editus, 2006. p. 9-14.

TRIGO, L. G. *Análises regionais e globais do turismo brasileiro*. São Paulo: ROCCA, 2005.

TRIVIÑOS, A. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1995.

TUAN, Y. F. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.

\_\_\_\_\_. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

\_\_\_\_\_. *Place: an experiential perspective*. *Geographical Review*, v. 65, n. 2, p. 151-165, 1975.

VALERA, S. *El significa social del espacio: estudio de la identidad social y los aspectos simbólicos del espacio urbano desde la psicología ambiental*. Disponível em: [www.ub.es/escult/valera/index/htm](http://www.ub.es/escult/valera/index/htm). Acesso em: 10 set. 2007.

VALLE, C. E. *Qualidade ambiental: o desafio de ser competitivo protegendo o meio ambiente*. São Paulo: Pioneira, 1995.

VIANA, R. V. *Gerenciamento de projetos: estabelecendo diferenciais competitivos*. 6. ed. Rio de Janeiro: Brasport, 2005.

WATERMAN, P. *Globalization, social moviment and the new internacionalism*. Londres: Massell, 1998.

WHELAN, T. *Nature tourism: managing for the environment*. Washington, DC: Island Press, 1991.

WILKS, J. et. Al. *Tourism in turbulent times: towards safe experiences for visitors*. Nova York: Elsevier Science, 2006.

WOODWARD, K. Identidade e diferença. In: TADEU DA SILVA, T. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

WRIGHT, J. K. Terrae Incognitae: The Place of Imagination in Geography. *Annals of the Association of American Geographers*, Washington, DC, v. 37, n. 1, p. 1-15, 1947.

YAN, Y. Globalização administrada. IN: BERGER, P.; HUNTINGTON, S. P. *Muitas globalizações: diversidade cultural no mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 31-62.

YIN, R. K. *Estudo de caso*. Porto Alegre: Bookman, 2003.

YOUNG, G. *Tourism: blessing or blight?* Harmondsworth: Penguin Books, 1973.



## APÊNDICE A

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE -

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Declaro interesse e disponibilidade em participar da pesquisa intitulada “**Identidade de lugar de moradores de Porto de Saúipe (BA): um estudo sobre os reflexos da intervenção turística**”, que é orientada pela *Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Regina Celeste de Almeida Souza*, e será apresentada à Universidade Salvador - UNIFACS como requisito para cumprimento das exigências do curso de Doutorado em Desenvolvimento Regional e Urbano.

Com isso, comprometo-me em realizar todas as atividades previstas, autorizando a gravação em áudio de todos os momentos, resguardando-se a sua identificação.

Estou ciente de que posso declinar da participação da pesquisa a qualquer momento.

Declaro que li e entendi este termo de consentimento e que sou voluntário(a) para participar da pesquisa.

\_\_\_\_\_  
Nome:

CPF:

## APÊNDICE B

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

#### Eixo 1 – Sobre a comunidade

1. Nome:
2. Escolaridade:
3. Local de nascimento:
4. Idade:
5. Se não nasceu em Sauípe, tempo de residência no local:
6. Se não nasceu em Sauípe, por que veio morar em (nome da comunidade)?
7. Você gosta de Porto de Sauípe? Por quê?
8. Se não nasceu em Sauípe, Como era Porto de Sauípe quando você chegou aqui e como é hoje?
9. Se nasceu em Sauípe, Quais foram as principais mudanças em Porto de Sauípe, comparando com “os tempos de infância”?
10. Quais são os pontos/lugares importantes de Sauípe?
11. Que lugares você frequenta em Sauípe?
12. Você acha que Porto de Sauípe tem características próprias? Quais?
13. O que é típico de em Sauípe?
14. Você frequenta alguma associação, grupo político ou religioso? Qual o seu grau de envolvimento?
15. Que atividades você realiza em grupo em Porto de Sauípe? Com que pessoas?
16. Se nasceu na comunidade: O que é ser sauípense?
17. Se não nasceu na comunidade: Você se sente sauípense? Por quê?

18. Você conhece o Plano Diretor do município?

19. Participou de alguma audiência pública?

## **Eixo 2 – Sobre o turismo**

20. O que você acha do turismo em Saúipe?

21. O que você acha do turista que vem para Porto de Saúipe?

22. O que você acha dos hotéis de Saúipe?

23. Você tem vontade de trabalhar em algum desses hotéis? Em que função?

24. Qual é o cartão postal de Porto de Saúipe? Por quê?

25. Você identifica alguma relação entre o turismo e meio ambiente?

## **Eixo 3 – Sobre o meio ambiente**

26. O que significa o rio para você? E para a comunidade?

27. O que significa o mar para você? E para a comunidade?

28. O que significa a mata para você? E para a comunidade?

29. Quais são os principais impactos ambientais? Atinge sua vida?

30. Quais são as expectativas para os próximos anos?

## APÊNDICE C

### COMPLEMENTO DE FRASES

<i>Porto de Saúpe, ____ de _____ de .</i>	
<b>NOME:</b>	
1. Eu gosto de	
2. O tempo mais feliz	
3. Sinto-me bem quando	
4. Lamento	
5. Sinto-me desafiado quando	
6. Meu maior medo	
7. O que faço melhor	
8. Muitas vezes	
9. Não posso	
10. Fracasso	
11. Sofro quando	
12. O que as pessoas mais admiram em mim	
13. O que menos gosto em mim	
14. Minha cidade	
15. O futuro	
16. Meu local de trabalho	
17. Minha preocupação principal	
18. Eu	
19. O problema da cidade	
20. O meio ambiente	



<b>21. Um benefício do Complexo Sauípe</b>	
<b>22. Um prejuízo/problema do Complexo Sauípe</b>	
<b>23. Minha esperança sobre o Complexo Sauípe</b>	
<b>24. Amo</b>	
<b>25. Admiro</b>	
<b>26. Minha principal ambição</b>	
<b>27. Gostaria</b>	
<b>28. Creio que minhas melhores virtudes</b>	
<b>29. Meu envolvimento com a cidade</b>	
<b>30. Minha infância</b>	
<b>31. Um hotel</b>	
<b>32. Felicidade</b>	
<b>33. Considero que posso</b>	
<b>34. Desejo</b>	
<b>35. Secretamente eu</b>	
<b>36. Esforço-me diariamente</b>	
<b>37. É muito trabalhoso</b>	
<b>38. Meu maior desejo</b>	
<b>39. Sempre quis</b>	
<b>40. Eu gosto muito</b>	
<b>41. Meus estudos</b>	
<b>42. Minha vida futura</b>	
<b>43. Minha família</b>	
<b>44. Com freqüência reflito</b>	
<b>45. Farei o possível para conseguir</b>	
<b>46. Motivo-me a cuidar do meio ambiente</b>	
<b>47. A maior parte do meu tempo dedico</b>	
<b>48. Sempre que posso</b>	
<b>49. Freqüentemente sinto</b>	
<b>50. O passado</b>	
<b>51. Detesto</b>	
<b>52. É difícil</b>	

<b>53. Minha opinião</b>	
<b>54. Os governantes municipais</b>	
<b>55. Os governantes estaduais</b>	
<b>56. Os governantes federais</b>	
<b>57. Minha consciência</b>	
<b>58. Penso que os outros</b>	
<b>59. Conservação ambiental</b>	
<b>60. Um cidadão</b>	
<b>61. Um exemplo de vida</b>	
<b>62. A minha rua</b>	
<b>63. A vizinhança</b>	
<b>64. O mar</b>	
<b>65. A mata</b>	
<b>66. O rio Sauípe</b>	
<b>67. Aprendi com minha família</b>	
<b>68. Necessito</b>	
<b>69. Antes do Complexo Sauípe</b>	
<b>70. Depois do Complexo Sauípe</b>	
<b>71. Meu maior prazer</b>	
<b>72. Meu engajamento social</b>	
<b>73. Meus amigos</b>	
<b>74. Meus pais</b>	
<b>75. Meu sonho</b>	
<b>76. A Linha Verde</b>	
<b>77. O turista</b>	
<b>78. O turismo</b>	
<b>79. A pesca</b>	
<b>80. O artesanato</b>	
<b>81. Ser "sauipense" é</b>	



## **KAREN SASAKI**

Doutora em Desenvolvimento Regional e Urbano. Mestre em Análise Regional. Bacharel em Ciências Sociais. Toda a formação acadêmica cursada na Universidade Salvador - UNIFACS. Possui experiência como docente e gestora de cursos de graduação e pós-graduação *lato e stricto sensu* nas modalidades presencial e a distância. Autora do livro “Turismo e Sustentabilidade: a experiência do artesanato de palha de Porto de Saúipe-BA”, financiado pela FAPESB.

[ksasaki@terra.com.br](mailto:ksasaki@terra.com.br)

(71) 9204-4493

